

PARANORMAL SHIFTER FATED MATE GALACTIC SCIFI ROMANCE

BRADI
INTERSTELLAR
ALPHAS

NY TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

MANDY M.
ROTH

REAGAN HAWK



AVISO 1

Essa tradução foi feita pelos grupos Shifter's Homeland e Pegasus Lançamentos, de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book.

Os grupos tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros destina-se, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



AVISO 2

Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se você quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Repeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato ebook em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!

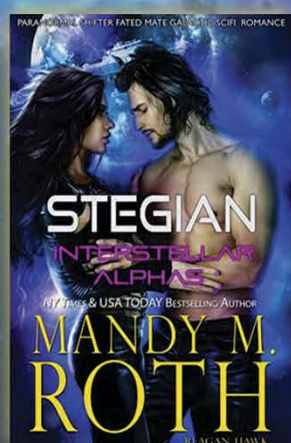
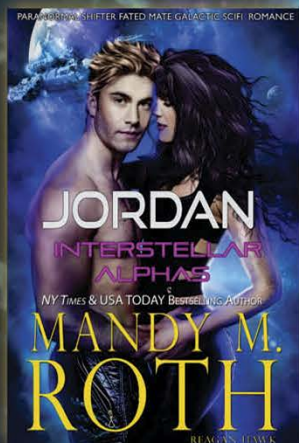
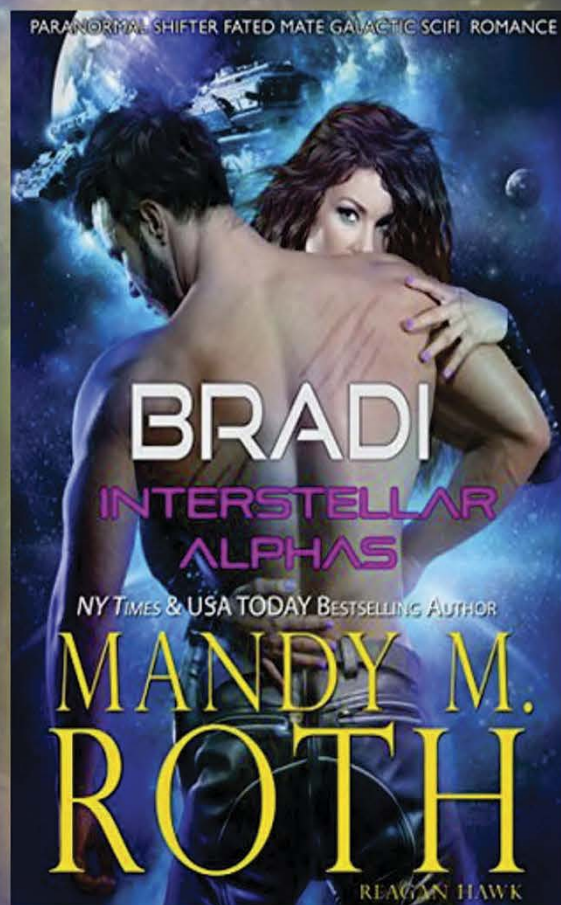
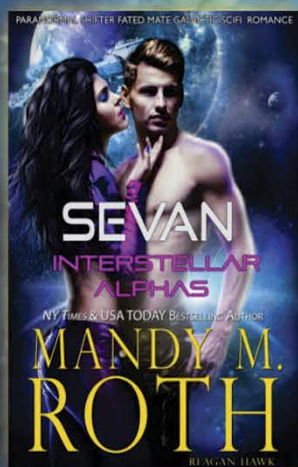
PEGASUS L. AND SHIFTER'S H.
APRESENTAM

INTERSTELLAR ALPHAS



LANÇAMENTO

DISTRIBUÍDO



PRÓXIMOS

MANDY M.
ROTH

SONHOS
E
SUSANOS

STAFF

SHIFFER'S
HONHEFANO



PEGASUS
Lançamentos



TRADUÇÃO: RI-SUZANA FELIX-
TÂNIA TEIXEIRA

REVISÃO: RÁSKIA A. ANTON BRAC

L.F. E FORMATAÇÃO

BEC DEVERAUX MONTEIRO

SINOPSE

FORÇAS DA ATRAÇÃO

A médica Marisa Langston pensou que seus sonhos estavam se tornando realidade. Recém contratada como médica assistente a bordo de uma nave espacial da Comissão em um curso para outra galáxia, e tinha uma vida normalmente previsível. Então o tenente-comandante Bradi Janelle entrou em cena, virando seu mundo de cabeça para baixo e fazendo seu corpo queimar com fome, que só ele poderia satisfazer.

Sabotagem, lendas, vampiros, feiticeiros e segredos escondidos envolvem Marisa e Bradi, os levando para os braços um do outro e forçando seus inimigos a tomar medidas drásticas para tentar mantê-los separados.

AVISO

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, acontecimentos e lugares são da imaginação do autor e não deve ser confundido com a realidade. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou acontecimentos é mera coincidência.

DEDICATÓRIA

Shane, a onze anos de altos, baixos, risos, lágrimas, altos e baixos. Devemos realmente cobrar entrada, querida. O nosso passeio de montanha-russa foi cheio de emoções, calafrios e tudo o que eu poderia esperar. Obrigado por ser você. Feliz Aniversário!



NOTA DA AUTORA

Cada livro da série Projeto Exorcismo é escrito para se ler sozinho, no entanto, eu recomendo a leitura deles em ordem a fim de maximizar o prazer da leitura. Para ajudar alguém que não o fez, até ao momento, li os outros livros, ou qualquer pessoa que esteja simplesmente à procura de refrescar a memória, eu pensei que esta introdução podia ajudar.

Os bastidores da série: Ano 2206...já foi há muito tempo que o homem tinha começado a viajar no espaço. Quase todos os planetas do universo conhecidos fazem parte da Comissão, um órgão intergaláctico que supervisiona o bem-estar de todos dentro de seus quadrantes.

Criaturas sobrenaturais foram descobertas entre nós em 2055 e a caça às bruxas rapidamente começou, e a Terra começou a livrar-se deles. A batalha começou e a população humana da Terra diminuiu. No final, os seres humanos foram vitoriosos, mas apenas porque algumas figuras seleccionadas do mundo sobrenatural concordaram com os termos de um tratado de paz. Os termos eram simples. Os seres sobrenaturais deveriam ser escoltados para fora do planeta Terra e recolocados em outros planetas, naqueles que não faziam parte do território da Comissão. Os outros planetas que foram acordados anteriormente, e em que os seres sobrenaturais não seriam uma ameaça.

Assim começou o Projeto Exorcismo. Cinco naves partiram nesta missão. Apenas um chegou ao seu destino escolhido. Os outros foram dados como perdidos durante a chuva de meteoritos que ocorreu logo após a decolagem. O homem agora enfrenta uma nova ameaça, só que eles não têm consciência disso. Ao enviar os seres sobrenaturais para fora, eles inconscientemente deram-lhes acesso aos recursos de outros planetas, incluindo habilidades mágicas, a capacidade de se reproduzir com os seus habitantes, e muito mais.

Bem-vindo ao Projeto Exorcismo.

Mandy.

CAPÍTULO UM

— Sente-se, — disse a doutora Marisa Langston, ouvindo a porta da sua sala de exame deslizar e fechar. — Vá em frente e vista isto. Eu já estarei com você. Só preciso terminar estes registros.

Ela passou a mão sobre as bordas de um ecrã de acesso eletrônico do arquivo, permitindo que um microchip incorporado sob a pele dela desbloqueasse a informação. Uma imagem clara apareceu na sua mente enquanto baixou os resultados do dia para o registro. A visão de cada paciente que tinha visto ao longo do dia passou pela sua mente. Tão rápido como começou, o procedimento indolor tinha acabado.

Uma risada rouca soou, acompanhada de perto do cheiro de cedro e almíscar. O cheiro a deixou selvagem. O homem que o exalava a deixou louca. — Ah, Doutora, sempre soube que você me queria nu. Te ouvir dizer isso confirma as minhas suspeitas. Eu te avisei ontem que tudo o que tinha que fazer era dizer as palavras e te mostraria o que um homem de verdade pode oferecer-lhe.

Marisa exteriormente se encolheu, mas interiormente se alegrou com o som da voz profunda do Tenente-Comandante Bradi Janelle. O homem vivia para tornar a sua vida um inferno. Ele parecia ter imenso prazer em envergonhá-la sempre que possível. Havia algo nele que fazia o seu sangue ferver e o seu corpo queimar de maneiras que não deveria. Não queria pensar muito nisso. Tinha a certeza que não iria gostar do que ia descobrir.

Ela se concentrou no painel de distribuição de medicamentos que tinha à sua frente em vez dos pensamentos pecaminosos sobre o homem atrás dela. — Tenente Comandante Bradi, eu pensei que você tinha cancelado o seu exame físico hoje. Coloquei outra pessoa no seu lugar. — Ela deixou a sua voz ficar dura, sabendo muito bem por que ele estava ali. Teve que lutar para não rir. Embora fosse infantil, parecia o mais adequado.

Bradi limpou a garganta, a tensão de repente aumentou até sufocar. — Eu cancelei, mas como alguém foi direto ao chefe dizer que a minha ficha não estava completa, recebi um telefonema para trazer a minha bunda até aqui. Você

não sabe nada sobre isso, não é, doutora? Quero dizer, você não tem certa influência com o comandante, não é?

Sorrindo, Marisa virou-se para ele, querendo-lhe dar a impressão de que não mexeu com ela, mas mexeu. Tudo sobre esse homem entranhava-se na pele dela e não tinha certeza se era da maneira errada também. O fato do pulso dela acelerar com a menor menção do nome de Bradi e que o seu corpo respondendo por sua própria iniciativa quando ele se aproximava dela dizia-lhe mais do que queria saber. Ela o queria. Nunca o poderia ter. Estar fora dos limites nem começava a explicar o Tenente Comandante Bradi Janelle. Sombrio. Perigoso. Delicioso. Tudo o que precisava evitar.

Bradi parecia ocupar tanto espaço como exigia atenção. O cenário cinza escuro das paredes da enfermaria proporcionou uma cena que se Marisa não soubesse, diria que fez o valente e corajoso tenente comandante ficar desconfortável. Ter uma aversão aos hospitais e ao ambiente hospitalar não era incomum. Vendo Bradi parecer tudo menos no controle. Ele endireitou os ombros e olhou para ela, o desafio no seu olhar.

O homem era puro músculo, pelo menos pelo que Marisa podia dizer. Ele nunca a permitiu examiná-lo nos dois meses que ela era assistente do médico na nave então só podia adivinhar. Até onde sabia, Bradi não tinha permitido ninguém o examinar durante mais de um ano. A julgar pela forma como a sua blusa preta se ajustava na parte superior do corpo, ele estava esculpido na perfeição. A parte inferior dele também não parecia tão ruim com uma – bunda grande, grandes coxas musculosas e uma protuberância ainda maior entre as pernas – de qualquer modo, quem estava realmente olhando para isso de qualquer forma?

Quem estou enganando? Eu não consigo tirar os meus olhos dele.

Bradi tirou o laço de couro do seu cabelo e ela observou maravilhada em silêncio enquanto ondas de seda preta se derramavam sobre os seus ombros largos. Os seus olhos azuis fixaram-se nos dela enquanto a sua língua saiu. A visão da sua língua comprida roçando os seus lábios carnudos fez as suas mãos tremerem de necessidade de tocá-lo. Em mais de uma ocasião, Marisa havia se perguntado qual seria a sensação de tê-lo em cima dela, tomando-a de formas que não deveria nem mesmo pensar.

Mesmo quando deveria estar concentrada com seu trabalho, Marisa estava focada na ideia de Bradi a pegando, jogando-a sobre uma mesa de exame e a

tomando. A sua vagina umedecia só com o próprio pensamento dele afundando o seu pênis dentro dela.

Pare de pensar nele dessa forma. É errado. Além disso, ele é um idiota.

O Tenente Comandante Bradi era diferente dos homens que conhecia. Tão selvagem. Tão livre que só a ideia de não estar perto dele para ver o que faria em seguida não era uma opção. Ele era único entre muitos outros iguais. Ela não estava acostumada a homens com barba, a Comissão desaprovava, então Bradi destacava-se ainda mais do que o normal. Sua barba estava bem aparada. Não era pontiaguda, como a de alguns. Não. A sua tinha sido cortada perto da linha quadrada do seu queixo. Não o suportava, mas teve que admitir, aumentava o misticismo dele sobre ela. O próprio pensamento dessa barba raspando sobre a carne macia da sua buceta fez, Marisa mover-se desajeitadamente enquanto a umidade continuava a aumentar.

Deuses, eu o quero.

Vai ser um dia frio no inferno antes de admitir para ele.

— Por mais que eu ame o fato de que você sentiu a necessidade de mostrar o seu cabelo desgrenhado, não preciso disso. Preciso que desça as suas calças, — disse ela, certa que ele percebeu a sua sugestão sexual. — Você precisa das suas vacinas atualizadas. Você está perigosamente perto da data de vencimento das mais antigas e Deus ajude a todos já que sabemos a quantidade de vezes que a sua cama está ocupada. A nave inteira estará cheia de pequenos Janelles. Podemos apenas esperar que eles não sejam tão arrogantes como você. Não só isso, eu vou tratar de casos bizarros de tudo o que os homens como você espalharam sexualmente durante meses. Você é uma epidemia à espera de espalhar, Janelle.

— Eu não tenho pequenos Janelles correndo ao redor, — disse ele, parecendo um pouco irritado. — Eu nunca terei.

Isso surpreendeu Marisa. Bradi geralmente levava tudo na esportiva. Ele também era conhecido por dormir fora muito mais do que ela gostava de saber. Vê-lo chateado não a fez se sentir bem. Suavizando sua expressão, Marisa olhou para ele. — Minhas desculpas. Isso foi desnecessário e pouco profissional. Eu não tenho nada com que basear as minhas suposições. Desculpe, tenente-comandante.

Ele arqueou uma sobrancelha escura e passou a mão sobre a barba. — Quer basear-se? Eu ficaria feliz em mostrar doutora, — murmurou, seu olhar azul de

repente subindo sobre o seu corpo lentamente. Sua respiração acelerou. — Dê-me uma noite, doutora. Uma noite e depois pode basear todas as suposições, em mim. Mas só se prometer me deixar brincar de médico com você, também. Não é justo que você tenha toda a diversão. Você vê, — ousado, ele segurou sua virilha, — eu tenho a coisa perfeita para aumentar a sua temperatura. — Bradi deu um passo em sua direção, deslizando a sua grande mão em direção ao seu cinto.

Sim, você me tem à sua mercê.

Necessidade subiu através dela, não deixando nenhuma escolha, a não ser evitar o seu olhar. As suas bochechas coraram. Rastejar para longe dele não era uma opção. Estar lá enquanto ele baixou as calças diante dela era o que seu trabalho exigia. Querendo ver tudo o que ele tinha para oferecer era algo que o seu corpo exigia.

Você o odeia. Lembra-se?

— Eu tenho aguardado para lhe perguntar sobre a sua herança, tenente-comandante, — disse Marisa, fazendo o seu melhor para se manter focada. Estava longe de ser fácil. Dar uma espiada no corpo perfeito de Bradi seria tão fácil. Ela tinha ficado incontáveis noites acordada pensando nele quando a sua mente deveria estar focada em outro. Cada vez que dava prazer a si mesma, era o rosto de Bradi que via em sua mente, o seu corpo que imaginava nela, não do homem que deveria estar lá.

— A minha herança? — Ele perguntou, surpreso.

— Sim, você não se parece com outros Corneusims que eu tenha conhecido antes.

Bradi riu levemente. O próprio som sacudiu-a até ao seu núcleo. — Por que é que devo parecer um sapo guerreiro cheio de tesão do planeta Corn?

Era como ela esperava. O homem tinha adulterado os seus registros médicos. Ele certamente não foi o primeiro oficial a fazê-lo, nem iria ser o último. Fosse qual fosse a razão que tinha para esconder devia ser boa... para deixa-lo tão desesperado como estava. — Hmm. Os seus últimos exames de sangue mostraram traços de DNA Corneusim.

Resmungando baixinho, Bradi esfregou o queixo forte. Parecia ser um hábito que ele só tinha quando estava lidando com ela. — O Doutor Graves é velho. Eu aposto que o seu equipamento falhou novamente, ou é mais do que provável que simplesmente tenha misturado as amostras.

Bradi estava certo, Dr. Graves, o diretor médico da nave era velho, mas não descuidado. Misturar as amostras não era algo que ele iria fazer. Marisa decidiu lutar esta batalha com ele mais tarde. Agora, planeava imuniza-lo e tirar uma amostra do seu sangue no processo. Marisa não iria entrega-lo às autoridades. Não. Bradi teve as suas razões para se esconder. Ela apenas precisava colocar as suas ideias em ordem. — Pronto para se despir, tenente-comandante?

Ele desprendeu o resto das suas calças, deixando-as cair até aos tornozelos e sorriu de orelha a orelha. A ausência de roupas íntimas deu a Marisa um flash rápido da sua frente antes dele virar-se e puxar a sua camiseta para cima. Conteve o fôlego e as suas coxas apertaram. Inferno, o homem não estava sequer ereto e o seu pênis era impressionante. Não havia forma de Bradi alguma vez caber nela.

Graças aos deuses eu não posso tê-lo. Ele me quebraria.

Olhando para a sua bunda dura como uma rocha não ajudou aliviar a enorme necessidade de tocar Bradi. Seria tão errado apenas percorrer os dedos por seu corpo duro? Ela lambeu os lábios imaginando os seus dedos segurando em cada bochecha enquanto ele a fodia. Marisa lutou para manter o pouco que ainda tinha de sua compostura. — Preparado?

— Eu prefiro que remova as minhas calças da próxima vez, Doc, — ele disse, a sua voz grave movendo-se para escada da maca.

— Tenho a certeza que gostaria, — disse ela com ironia, tentando apagar as visões da sua cabeça de Bradi transando com ela. Agarrando a pistola de injeção, Marisa subiu atrás dele. Colocando uma mão em sua bunda e confirmando o fato de que ele estava realmente duro como uma rocha, ela lançou a dosagem recomendada pela União Estrelar de imunização e controle populacional nele. Ele não parecia nem um pouco intimidado pela injeção.

O Tenente Comandante Bradi Janelle estaria agora livre de doenças por pelo menos mais um ano o que considerando as histórias que ouvia sobre as suas proezas era uma bênção. Incapaz de se conter, Marisa acariciou a sua bochecha levemente nua e soltou uma risada suave. Bradi flexionou e a tentação percorreu-a. Ela fechou as suas mãos firmemente para evitar passar a mão na bunda dele.

— Você já falou com Peter hoje? — Ela perguntou, desesperada para não ficar pensando em sua bunda.

Bradi se levantou rapidamente, puxando as calças para cima. No momento em que ele se virou para encará-la, ele revirou os olhos azuis. Passando uma grande mão sobre o queixo, Bradi sacudiu a cabeça, aborrecimento era evidente nas suas feições masculinas. — Você sempre faz isso. Você sempre vem com o nome de Peter quando eu faço um comentário que excita você. Toda vez que faço você ficar molhada, você o joga na minha cara, doutora. O quê? Você acha que me esqueço que está noiva do meu melhor amigo?

A mandíbula de Marisa caiu. — Eu não falo de Peter cada vez que você me faz ficar molhada. — Instantaneamente, ela se encolheu. Por mais que quisesse um debate intelectual, ela não conseguiu um. Não. Confirmar a suposição de Bradi de que ele a fazia ficar molhada nunca tinha entrado na equação. Gostaria de poder retirar o que disse.

Um sorriso de satisfação puxou os cantos da boca de Bradi e Marisa não tinha certeza se o queria beijar ou chutá-lo para longe. — Veja, foi assim tão difícil admitir que a deixo com tesão? Vamos, Doutora. Apenas admita. Você me quer.

Bufando, Marisa estendeu a mão e usou o antebraço de Bradi para se firmar. Ele não pareceu se importar então segurou firme nele. Ela riu e se inclinou para ele enquanto ele riu com ela. — Sim, deve ser o sangue Corneusim em você. Eu sempre quis um sapo. O que você pode fazer com a língua, Tenente Comandante?

— Segure o comunicador, — ele se inclinou para baixo, colocando o seu rosto tão perto dela que os seus lábios se tocariam se atrevesse a se mover, — foi uma piada que saiu de sua boca? Foi engraçado, Doutora, e você fica muito linda quando sorri. Você devia fazer mais vezes.

Ao ouvir o tom quente na voz de Bradi, Marisa viu-se aproximando ainda mais perto dele enquanto pequenas risadinhas continuavam a sair dela. — Fazer o quê mais? — Perguntou, soluçando. A pergunta saiu mesmo sem ela não ter tido a intenção de perguntar. Alguma coisa em Bradi fazia com que o pensamento racional dela fugisse. O homem tinha uma forma de deixa-la louca.

Percorrendo a ponta do polegar sobre a sua bochecha, Bradi a pegou desprevenida. — Você devia sorrir mais. Você vai se casar em breve. Deveria estar no melhor humor por isso.

As suas palavras cortaram até ao osso como era sem dúvida a intenção dele. Enrijecendo, Marisa reuniu os seus pensamentos e resistiu aos seus encantos ou no momento, a falta deles. Ela afastou-se dele, incapaz de esconder a dor em

seu rosto. Algo apareceu nas belas feições de Bradi. Ele estendeu a mão para ela mas parou antes de chegar a tocá-la. — Doutora, eu-eu só queria que você

Fazendo o seu melhor para lidar com a agitação em que Bradi a deixou, Marisa forçou uma expressão em branco no rosto, colocando o que gostava de chamar o seu rosto de trabalho. — Tenente Comandante Bradi, o meu tempo, assim como o seu, é precioso, por isso, se você não se importar...

Ele suspirou. — Merda, não faça isso, doutora. Não se feche depois de espetar minha bunda.

— Espetar...? — O queixo dela caiu. O toque do seu comunicador a cortou. Ela estreitou o seu olhar sobre Bradi, desafiando-o a continuar com o seu comportamento juvenil enquanto atendia a chamada. — Aqui fala a Dra. Langston.

— Hey querida, você já acabou? Estou ficando louco esperando por você, — Peter, o noivo dela, disse com a sua voz de quarto. — Sentiu a minha falta?

Marisa virou-se para evitar o olhar penetrante de Bradi e assentiu. Ela levou um momento para perceber que Peter não podia vê-la. — Sim, acho que já acabei. Meu último paciente já estava de saída. — Ela ouviu a porta de seu consultório abrir e fechar. Era alívio que deveria ter sentido. O Tenente Comandante Bradi Janelle tinha saído. Por mais estranho que parecesse, nenhuma parte dela estava feliz com isso. De repente, se sentiu mal por sua arrogância. — Escuta, irei chegar daqui a pouco. Há algo que preciso fazer antes de dar o dia por terminado.

— Muito bem, — disse Peter. — Até já.

— Mmmhmm. — Marisa desligando o comunicador. Tensão encheu o seu pescoço e ombros enquanto o peso do seu comportamento em relação a Bradi pesava sobre ela. Na verdade, ele não era pior do que o resto da tripulação masculina a bordo. Sendo uma de apenas poucas mulheres em uma viagem de dois meses no espaço profundo era o alvo de muitos homens carentes, mas nenhum mexia com os seus nervos da maneira que Bradi fazia. Mais ninguém a fazia sonhar com ele, com o seu toque, o seu pênis enterrado profundamente dentro dela. Não. Ninguém mais a bordo da nave fazia o que Bradi fazia a ela.

Ele está me deixando louca.

— Que diabo você tem, Janelle, que me deixa em chamas? Eu nunca queria dar um soco a um homem tanto quanto eu queria beijá-lo. Por que você? — Ela se abaixou para pegar um arquivo da sua mesa, sacudindo a cabeça com a

ideia de que deixaria Peter num instante para estar com um homem que só queria uma foda rápida.

Duas mãos fortes tocaram nos seus ombros e ela congelou. — Se eu tivesse que adivinhar sobre o que você não pode resistir em mim, diria que é a minha personalidade encantadora, a minha beleza diabólica e o fato de que eu tenho um pênis de 27 cm. É o que você marcou no meu relatório? Devia ser. Quer confirmar isso?

Marisa virou para encontrar Bradi com um sorriso malicioso no seu rosto muito atraente. Ele piscou. — Quer que eu tire as minhas calças de novo? Ah, melhor ainda, tire você a sua e eu espeto-lhe com algo especial. — Ele balançou as suas sobrancelhas. — Algo que vai certamente diverti-la.

— Que descaramento, — ela cuspiu enquanto olhava para ele. A vontade de bater nele foi grande. Ela cedeu. No segundo em que a palma da sua mão conectou com o seu rosto áspero, Marisa sussurrou, querendo desesperadamente voltar atrás. — Oh deuses, eu... Tenente Comandante...

Um fogo ardia nos olhos azuis de Bradi enquanto ele trancou olhares com ela. Marisa sentiu como se estivesse presa no seu olhar predatório. Cada instinto nela gritava o quão mortal o homem diante dela poderia ser, mas não se importava. Ela não tinha medo de Bradi. Queria ele de maneiras que sabia que não devia.

Seu rosto ficou vermelho e antes de Marisa pudesse parar, beijou a ponta dos seus dedos e pressionou-os na pele quente, parecendo apagar um pouco do fogo que ardia nos seus olhos. Tocando a sua orelha com a mão, Marisa pressionou um dos pontos de ativação num dos chips médicos que tinha integrados. — Verificar se há danos.

Bradi endureceu um segundo antes de uma dor como Marisa nunca tinha experimentado atravessou a sua cabeça, tornando instantaneamente a digitalização da bochecha de Bradi ineficaz. Agarrando a cabeça, Marisa gritou.

— Merda, desculpe, — Bradi sussurrou, como se ele tivesse alguma coisa a ver com o chip e como ele estava agindo. A sensação dos seus grandes braços envoltos em torno dela ajudou imediatamente a mandar a dor embora, deixando apenas uma pequena, dor surda em seu lugar. — Você está bem?

Ela assentiu com a cabeça e olhou para baixo para a mão dela. — É tão estranho. Nunca me machucou antes. Nunca.

— Eu não queria usar tantas... Umm, — ele olhou em volta, — das minhas frases de paquera em você. — O quê?

Rosnando, Marisa empurrou-o com força no peito. Bradi não se moveu. O homem era um idiota. Um gigolô certificável do espaço que percorria pelas mulheres como se ele fosse especial. Raiva brotou nela. O fato de que ele tinha ouvido a sua confissão, e agora sabia que ela o queria, levou-a até a beira da razão. Com medo de se tornar violenta com Bradi, Marisa apontou para a porta quando olhou para ele. — Saia agora, ou então que os deuses me ajudem....

No mesmo instante, sua boca cobriu a dela. Atordoada, engasgou, dando a oportunidade que ele precisava para colocar a sua língua dentro. Ela perdeu todo o seu pensamento racional. Ao lambe o interior da sua boca, ele fez os seus joelhos tremerem. O cérebro de Marisa gritou com ela para morder a sua língua, mas o seu corpo reagiu chegando mais perto dele para o tocar, para o puxar.

Ele era tão bom. Tão doce. Tão divino. Ela não se cansava.

Por causa da altura dele, Marisa tinha que ficar na ponta dos pés, enquanto ele se inclinava para ela, mas valeu a pena. A sensação da sua boca quente pressionando a dela e da sua língua talentosa traçando círculos em torno da sua própria, fez os seus mamilos endurecerem como pedras. Líquido formou-se no ápice das suas coxas e só quando sentiu as mãos de Bradi movendo-se para cima e sob a blusa é que percebeu o que estava fazendo... brincando com um homem que poderia possuir o seu coração se ele decidisse que o queria.

Se afastando dele, Marisa perdeu o equilíbrio e cambaleou. Ouviu os sons das portas da sua sala de exame deslizarem e abrir. Ela ignorou. Bradi agarrou-a e puxou-a para o seu corpo quente. A necessidade de beijá-lo novamente, de acolher a sua língua em sua boca era muita. Quando ele se inclinou para baixo, tinha a certeza de que ele ia beijá-la de novo. Ele sorriu. — Cuidado agora, Doutora, não quero que você se machuque.

— É por isso que te mantenho por perto, Bradi. Você sabe como cuidar do que é importante para mim, — disse Peter, aparecendo de repente na porta.

Ela se calou. Será que Peter tinha visto aos dois se beijando? Ela conhecia Peter bem o suficiente para saber que ele não era de sarcasmo ou rodeios. Ele teria dito alguma coisa.

Os olhos de Marisa encontraram-se com Bradi e ela viu uma sombra passar por eles. O que eles fizeram estava errado. Ficou claro que ambas as partes

entenderam isso. Bradi assentiu com a cabeça e soltou o seu controle sobre ela. — Sim, pelo menos, faço um bom cão de guarda, Pete.

Ela não tinha a certeza se era dor que viu no rosto de Bradi, ou se estava apenas brincando com ela então olhou para Peter esperando que ele trouxesse luz sobre o assunto. Ele não ofereceu nada. Não havia surpresa nisso. Peter raramente tinha muito a oferecer sobre Bradi. Ele era um contraste tão acentuado de Bradi que ela se perguntou como é que eles se tornaram amigos.

— Ei, Comandante, eu pensei que tinha dito que iria encontra-lo daqui a pouco. — Marisa piscou para Peter, mostrando que só estava brincando.

Caminhando em sua direção, Peter segurou os braços dela um pouco mais forte do que o necessário e lhe deu um bom puxão. — E eu já disse antes que eu não gosto de ficar esperando... sempre.

Marisa deu a Peter um olhar interrogativo enquanto tentava se afastar dele. — Peter, você está me machucando, — ela sussurrou, esperando que Bradi não a ouvisse.

Ele aliviou um pouco mas deu-lhe um olhar escuro no processo. A personalidade normalmente quente de Peter parecia gelada quase diariamente nos últimos tempos. Ela tinha notado mais e mais e não a tinha certeza do que o levou a isso. Claro, Peter estava sob um grande stress com o seu novo cargo, mas já esta nele faz dois meses. A personalidade dura como pregos tinha aparecido nas últimas três semanas.

Olhando para ela, Peter sorriu. Foi forçado e sem emoção. — Com licença Bradi, mas eu preciso beijar a minha mulher.

— A sua mulher? — Marisa atirou de volta, não se importando muito com a referência e ainda chateada com a dureza com que a agarrou. Ela puxou o braço livrando-se do seu aperto. — Eu não sou propriedade de ninguém.

— Eu sinto muito. Não queria gritar com você. — Peter lhe deu um sorriso tímido e se inclinou para sussurrar em seu ouvido. — Eu te amo.

— Com essa, eu vou embora, — Bradi disse, soando estranhamente calmo considerando como tinha estado quente momentos antes. — Eu tenho que checar a ponte de comando. Estamos caminhando para território que não é da Comissão e parece que vamos ter aquela maldita chuva de meteoritos com que lidar afinal. Os nossos observadores dizem que não é ruim, mas eu aconselho a contornar se possível. Eu acho que pode ser mais seguro.

Peter deu a Bradi um sorriso enjoativamente doce e quando falou, Marisa quase podia ouvir o sarcasmo escorrendo de palavra cada sua. — É precisamente por isso que você não é obrigado a pensar... amigo. Não vamos adicionar mais tempo a nossa viagem. Nós vamos continuar nesta rota como planejado. Eu vou encontrar com você daqui a pouco. Bebidas e uma rodada de cartas soa bem para você também?

— Sim, com certeza. — Bradi dirigiu-se para as portas de correr, sem se incomodar em olhar para trás. Era como se ele já se tivesse esquecido o que aconteceu entre eles.

Como é que tinha permitido que ele a beijasse? O que ela estava pensando? Ele era amigo de Peter e um idiota.

Sim, um idiota que sabia realmente beijar!

CAPÍTULO DOIS

Marisa riu e colocou a mão entre os joelhos do seu futuro marido. Se movendo sob seu colo, ela não iria deixar Peter escapar por seus dedos novamente. Eles estavam na nave há mais de dois meses e nesse tempo eles tiveram apenas alguns escassos e muito breves momentos juntos. Sua frieza só serviu para os prejudicar também.

— Mmm, — murmurou Peter enquanto ele aninhava o seu queixo no pescoço dela, a cobrindo de beijos pelo caminho. Ele pressionou seu corpo contra o dela e ela tremeu. — Te quero tanto.

— Vamos descer em alguns dias. Uma vez em terra firme, você é meu. — Seu corpo estava faminto de sexo. Peter tinha ganho outra promoção dentro da Comissão e apesar de ser a oportunidade de uma vida, significava recolocação de galáxia. Se mudar para mais uma galáxia não deveria ser um problema para Marisa, mas tinha estado apenas fora da Terra algumas vezes na sua vida e estava aterrorizada pelo que poderia existir além disso.

Ela tinha ouvido histórias horríveis e rezado para que não fossem verdade.

— Está arrependida de ter vindo? — perguntou Peter, obviamente sentindo a sua mudança de atitude.

— Não seja tolo. Eu concordei em casar com você, não foi? — Foi a melhor resposta que ela conseguiu arranjar e era a verdade. Ela tinha concordado em casar com Peter com pouco ou nenhum tempo de noivado. Logo depois da sua promoção tinha pedido para ser sua esposa instantaneamente. Era a única forma deles continuarem juntos, e eles não estavam propriamente prontos para se separarem, mas certamente não estavam preparados para se comprometerem com o casamento. Pelo menos ela não estava. Apenas aos oficiais casados era permitido levarem alguém junto. Eles permitiram que ela fosse não apenas porque tinham marcado uma data para o casamento antes de partirem, mas por causa das suas habilidades. O contrato de noivado que ela tinha assinado era prova suficiente para a Comissão, por isso obter um passe de embarque foi fácil. A única cláusula era que no momento que voltarem ela e Peter teriam de se casar imediatamente.

O pai dela estava menos do que satisfeito com o seu curto aviso e com receio de que se ela não fosse feliz com Peter, estaria presa a tantos anos-luz de distância que ele levaria meses para ver sua única filha.

Marisa não tinha receio de não ser feliz com Peter. Não. Ela estava com ele há quase dois anos. No minuto em que pôs os olhos nele tinha se apaixonado por ele. Ele tinha sido ferido durante um ataque dróide e tinha sido levado diretamente ao seu cuidado. A Comissão viu seus recursos médicos escasso após uma epidemia multi-universo há quase 15 anos, portanto os curandeiros de qualquer espécie foram convidados a virem e serem treinados.

Seu pai, com medo que se mostrasse os seus dons inatos adicionais a alguém, ela fosse morta e então a proibiu de se juntar a convocação. Não era culpa dela de possuir determinados dons. Dons que poderiam ajudar na cura de muitos. Ela teve de esperar pelo seu décimo oitavo aniversário antes de ter autorização para se juntar à Comissão. Uma vez lá, ela depressa descobriu que estar sozinha num lugar majoritariamente masculino não era a melhor ideia para a sua 'condição'. Tendia a ser incontrollável quando seus sentimentos estavam confusos. Marisa sabia que precisava esperar até ela e Peter estarem sozinhos e não no meio do espaço antes de se permitir que ele entre em seu corpo para fazer amor com ela – para segurança de todos a bordo, tinha de ser desse jeito.

Ela apenas poderia esperar que Peter entendesse que ela era diferente, mais que humana e que a perdoasse por ter escondido isso dele.

Peter deslizou sua mão por baixo da sua camisola cinzenta e deu-lhe um sorriso sedutor. — Mal posso esperar para estarmos sozinhos.

Sabendo que o corpo de Peter estava quente de desejo com a sua própria tortura, Marisa decidiu mudar de assunto. — Me fale novamente de Margaidia.

Os olhos de Peter se iluminaram. — Margaidia é linda – dependendo da parte em que você estiver. É tão grande como a Terra. Como tinha dito antes, passei os meus três primeiros anos do meu treinamento lá. Foi onde conheci Bradi. Ele é originalmente de lá. Você vai adorar aquilo. Prometo. Mal posso esperar para ver você na nossa nova casa, com pequeninos aos nossos pés.

Oh, e há imensas lojas cheias de vestidos e as flores vermelhas mais bonitas que irão ficar impressionantes entre seu cabelo castanho sedoso. — Peter pegou uma madeixa do longo cabelo dela, enrolou em seus dedos e a puxou para perto dele. — Eu te amo, Marisa.

— Você sabe como conquistar uma garota. Isso é certo. — Ela não comentou o fato dele ter falado novamente em Bradi. Ela tinha mencionado a sua antipatia pelo homem logo após conhecê-lo, mas Peter jurou que Bradi era um amigo. Ela poderia aceitar que ele fosse amigo de Peter, mas não podia esquecer que o homem era um idiota arrogante.

Um idiota arrogante que fazia seus joelhos tremerem e o seu pulso acelerar.

Sem aviso, a nave se impulsionou para a frente e Marisa caiu do colo de Peter. A mão dele ainda estava enrolada em seu cabelo e ela gritou quando ele foi atirado na outra direção. Voando na direção dele, ela estendeu seus braços numa tentativa de o segurar.

A nave se nivelou e Peter a puxou para ele rapidamente. Ela tentou libertar seu cabelo do aperto dele, mas apenas para enrolar mais envolta do braço dele. Ele arrancou uma faca do seu cinto e cortou a longa madeixa de cabelo, apenas um momento antes da nave voltar a sacudir.

Marisa gritou quando a faca que Peter segurava se afundou em seu braço acidentalmente. Peter a arrancou rapidamente. — Marisa!

Olhando para baixo, ela viu o grande corte e soube que levaria uns bons vinte minutos para curar. Peter tentou puxá-la para ele novamente, mas ela levantou suas mãos. — Vá, você é necessário na ponte. Estou ótima.

— Eu amo você, — ele berrou enquanto corria em direção à ponte.

O rádio na sua anca começou a vibrar e Marisa soube imediatamente que estava sendo chamada para ajudar com os feridos. Ela tocou em sua orelha para ativar o seu chip interno e fechou seus olhos.

— Me mostre os estragos. — O chip em sua cabeça começou a acessar imediatamente aos computadores principais da nave. A sua mente estava inundada com imagens de grandes buracos nos lados da nave. Suas entranhas deram um nó enquanto percebeu que a nave estava irreparável.

Sem vontade de continuar a ver aquela destruição, deu novas ordens para o chip, — Não esses estragos! Os estragos nas formas vivas. — Ela tinha de ser vaga porque vários dos seres a bordo da nave eram tudo menos humanoides.

Os scans iniciais revelaram que setenta e cinco por cento da tripulação tinha sido morta. A imagem que a nave mostrou da confusão no refeitório foi o suficiente para ela ter de engolir a bília na sua garganta. Ninguém no refeitório tinha sobrevivido. Assustada com as horríveis imagens, Marisa tombou para trás e gritou quando alguma coisa lhe agarrou a cintura.

— Se acalme mulher, sou eu, — uma voz profunda, disse por trás dela. — Seu braço? O que raio lhe aconteceu?

— Bradi? — perguntou ela, chocada com a voz estranha. Parecia tão natural, tão certo para ele que ela se perguntou se isso também era parte do que ele tinha escondido à Comissão. — Você está bem?

— Yeah, venha. Precisamos levar você para um POD livre e tratar essa ferida. O Dr. Graves ordenou que você saísse na nave. Ele quer você no local de encontro para cuidar dos feridos. — Ele fez uma pausa. — Restam apenas alguns sobreviventes.

— Eu sei. — Não querendo pensar na quantidade massiva de fatalidades que tinha visto, ela acenou e pegou na mão de Bradi na sua.

Ele franziu as sobrancelhas enquanto olhava para as suas mãos juntas. — Vai ficar tudo bem, querida. Prometo.

Normalmente, Marisa teria dado um tapa em Bradi, em qualquer homem nesse assunto, zangada ter lhe chamado com um nome carinhoso. Agora, era música para os seus ouvidos. Alguma coisa no fundo dela queria que fosse verdade, querendo que ele fosse a sua outra-metade. Era absurdo, mas mesmo assim. Apertando mais a mão dele, ela lhe ofereceu um ligeiro sorriso. — Eu confio em você mesmo que venha descobrir que você é parte sapo.

Ele piscou. — Venha. — Bradi a puxou pelo corredor fora e pelos aposentos médicos.

— Espere! — ela choramingou, fincando seus pés no chão.

Com um metro e noventa e oito, Bradi se erguia acima dela. Quando ele olhou para baixo para ela balançou sua cabeça, ela teve de dar um pequeno passo atrás para apreciar completamente como ele poderia ser intimidante. — Não temos tempo para isto, Doutora. A nave não está estável e o suporte de vida está caindo enquanto falamos. Lhes dê mais alguns minutos e todos morreremos congelados ou sugados no espaço. Essa não é realmente a minha ideia de diversão, por isso vamos.

— Mas os meus materiais. Preciso da minha maleta! Os feridos irão precisar da minha ajuda.

Bradi rangeu e passou uma mão no seu longo cabelo preto. — Ótimo. Mas eu o irei buscar.

Marisa queria protestar, mas sabia que não vai adiantar. Bradi era o tenente comandante da nave e não estava acostumado a receber ordens de ninguém exceto Peter ou do próprio Capitão. Ela ainda não tinha certeza de como é que ele tinha chegado à sua posição. Ele era o oposto direto de tudo o que a comissão exigia que um oficial parecesse e agisse. Seu cabelo pendia abaixo de seus ombros. Ele tinha barba, e não dava importância ao número de vezes em que foi repreendido por brigas de bêbados enquanto estava de licença ou de folga.

— Marisa!

— Peter? — Ela girou para encontrar Peter correndo no corredor em direção a ela. Ele esticou sua mão e agarrou a dela. — Onde está Bradi? Eu mandei ele pegar você.

Faíscas voaram sobre suas cabeças enquanto o sistema de vida da nave começou sistematicamente a se apagar. Peter se jogou contra ela e a atirou ao chão. Rolando com ela, ele a prendeu ao chão debaixo dele, a protegendo dos detritos. — Você está bem?

Ela acenou. Começou outro estrondo e os olhos de Peter se abriram. — Temos de ir para os POD's de salvação agora. Onde diabos está Bradi?

A porta da unidade médica abriu quando outra explosão aconteceu. Bradi olhou para eles quando um feixe sobrecarregado desceu atrás dele. O tempo pareceu parar para Marisa quando Peter saiu de cima dela e empurrou Bradi para o chão. O feixe atingiu os homens e Marisa se levantou com força e rapidez para chegar a eles.

Fogo começou à volta deles. — Não!

Ela chutou o feixe com toda sua força. Se moveu ligeiramente antes de se dirigir para a porta. Ela tapou sua boca enquanto olhava para os dois homens deitados sem vida. Tendo sua mão estendida nas costas de Peter, ela fechou seus olhos e ligou seu chip interno.

— Diagnóstico. — Instantaneamente, os sinais vitais de Pete apareceram. Ele ainda estava vivo, mas algo estava errado. Movendo sua mão para a esquerda, ela encontrou a fonte de perigo. As suas costelas estavam partidas e o seu pulmão estava perfurado. Procurando um pouco mais, ela apercebeu que parte do feixe deveria ter atingido sua cabeça, o deixando inconsciente.

Um gemido fundo chamou sua atenção mesmo antes de outra explosão rebentar, por todo o corredor. — Pete?

— Bradi? — Marisa chamou enquanto tentava rolar Peter gentilmente para o lado.

Linhas escuras cobriam o rosto de Bradi e no princípio, Marisa receou que ele tinha sofrido queimaduras do incêndio. Ele levantou sua mão e limpou seu rosto, retirando a fuligem com ela. Enquanto Bradi abria seus olhos, Marisa deixou escapar um pequeno suspiro quando os viu ilesos.

Ela esticou sua mão para ligar ao seu chip interno novamente. Bradi negou com a cabeça. — Estou ótimo, querida. Se preocupe com Pete.

O maxilar de Marisa ficou tenso. — Você se calar e deixar que me preocupe com você, também. — Ela ligou seu chip. — Diagnóstico. — Fazendo um rápido diagnóstico em Bradi, ela descobriu que à parte do feio inchaço na sua cabeça e uns pequenos cortes, ele estava ótimo. No segundo em que ela sentiu uma nova dor de cabeça começando, Marisa parou a sua verificação em Bradi.

— Pode me ajudar a levantar o Peter? — A nave estremeceu e a trave rangeu. Marisa puxou com força na camiseta de Bradi e ele rolou para fora do caminho, levando Peter com ele.

Levantando Peter, Bradi o atirou sobre o ombro. Ele olhou de volta para Marisa. — Deixei cair seu saco médico.

— Eu irei apanhar.

— Não! Eu voltarei para pegar.

Eles não podiam esperar e ela sabia. — Leve Peter para o POD. Estarei atrás de você. Me dê apenas dois segundos, Janelle. É tudo o que preciso. Vá!

— Você é a mulher mais teimosa que conheci! — Bradi soltou um rosnado irritado e correu em direção às saídas de emergência com Peter. Ele não podia acreditar que a mulher teria coragem para arriscar a vida dela por um saco de produtos. Ele esteve muito perto de morrer para o recuperar e Pete estava inconsciente de ter levado um raio na parte de trás da cabeça. Se não fosse por Pete, Bradi sabia que o raio o teria esmagado.

Se ele pensasse que poderia ter conseguido levar uma Marisa chutando e gritando sobre seu outro ombro, ele a teria agarrado, também.

Bradi olhou para trás por cima do seu ombro antes de entrar no primeiro POD de emergência que encontrou. Um garoto, tremendo ligeiramente, estava sentado no canto. Chocante cabelo vermelho caía em um rosto de outra forma muito pálido, e o garoto parecia que iria desmaiar. Os seus olhos muito abertos olharam para Bradi. Silenciosamente, Bradi amaldiçoou a decisão da Comissão de permitir homens tão novos como dezessete anos de se alistarem e deitou Pete.

— Se eu não voltar em cinco minutos, — disse ele para o garoto, — aperte nesse botão verde aqui. Levará você e o Comandante para segurança. Compreende?

O garoto acenou.

Bradi olhou para o número do POD e fez uma nota mental que aquele era o POD 281 antes de correr de volta para ir buscar a Dr.^a Marisa Langston – que não se manteve fiel à sua promessa de seguir atrás dele. Ela era muito possivelmente a mulher mais irritante que já tinha conhecido e ele tinha conhecido muitas mulheres.

Um montão de mulheres, pensou ele enquanto corria pelo corredor.

Se ela não fosse sexy e a noiva do seu melhor amigo, ele a colocaria em seu joelho e lhe teria ensinado como se comportar. Ela provavelmente iria arrancar o meu saco fora com um laser antes de ela me deixar chegar perto, mas hey, um sujeito pode sonhar.

O som de uma escotilha de segurança sendo fechada chamou sua atenção e ele se voltou para ver o POD 281 se separar da nave. Bradi correu na sua direção e bateu com as palmas das suas mãos contra porta enquanto via o POD flutuar para o espaço.

O pequeno bastardo ruivo entrou em pânico. Eu o matarei quando puser as minhas mãos nele.

A nave voltou a balançar, o atirando para a parede mais próxima. Alguma coisa partiu em seu ombro e ele tentou ignorar a dor enquanto corria para a unidade médica. A sensação no seu braço desapareceu e ele tinha certeza que já estava melhor.

Terror apertou seu peito quando viu que as chamas haviam engolido a porta. — Doutora! — Ela não respondeu. A parte sã do seu cérebro lhe disse para dar a volta e evacuar a nave enquanto ainda tinha chance. Infelizmente, a parte sã tinha pouco controle sobre as suas ações diárias ou no seu coração. Deixar

Marisa não era uma opção. A mulher possuía uma parte dele que nem ele conseguia explicar como era possível possuir. Mas a verdade era que, ela possuía e ele seria maldito se fosse a qualquer lugar sem garantir a segurança dela.

Saltando através das chamas, Bradi rolou no chão. Dor disparou em seu ombro em cada volta, mas ele sabia que era necessário para apagar qualquer fogo nele. Ele se levantou rapidamente e respirou fundo quando viu a pequena estrutura de Marisa esparramada no chão diante dele. Ele tentou levá-la, mas o braço dele não cooperava.

— Marisa! Se levante! — Ele a balançou, mas ela não se moveu.

— Doutora? Baby?

Ainda nada.

— Raios, Doutora, eu disse ao Pete para não a trazer nesta viagem. Disse-lhe que nenhuma senhora de classe alta poderia sobreviver à viagem. Eu lhe disse que você foi feita para jantares e bailes, não a vida na Comissão. — A necessidade provoca-la, e irritar ao ponto que ela se levantasse para discutir com ele era um mal necessário. Se escutasse, ela o odiaria, mas estaria viva. Se não estivesse, Bradi estava mais que preparado para morrer com ela.

Ela tossiu e olhou para ele. Cada pedaço de Bradi queria gritar de alegria. Ele se segurou. Os olhos verdes de Marisa se iluminaram com fúria que ele esperava que a alimentasse o suficiente para sair da nave antes de explodir. Ela tentou levantar, mas estava trêmula para se levantar sem a ajuda dele. No minuto em que ele pôs o seu braço bom à volta da cintura delicada, ela rosnou para ele. Levantando suas sobrancelhas, impressionado com a sua tenacidade, ele ignorou a insatisfação dela com ele e a levantou de qualquer jeito.

A porta, agora completamente engolida em chamas, estava fora de questão. Virando-os, Bradi se dirigiu rapidamente para a porta traseira. Marisa olhou para ele, os seus olhos muito abertos. Ela se libertou do seu abraço. — Nunca chegaremos a Peter a tempo.

— Chegaremos a um POD, querida. Não se preocupe. Nos encontraremos com ele assim que conseguirmos sair da nave.

Ele apertou o botão de desbloqueio de emergência e afastou Marisa para ter certeza que era seguro. Vendo que estava livre, ele entrou para o corredor. Marisa não o seguiu.

— Doutora?

— Peter, tenho de chegar até ao Peter.

Bradi rolou seus olhos e agarrou a mão dela. — Prometo não lhe tocar mais que isto, uma vez que estejamos no raio do POD. Você irá ver Pete muito em breve. Provavelmente o cara só está acordando agora.

Sacudindo a cabeça, Marisa olhou para ele com os olhos muito abertos e assombrados. — Os pulmões dele estão perfurados, Bradi. Sem a minha ajuda ele irá morrer.

Bradi? Ela nunca o tratava pelo seu nome próprio. Isto era mau.

Ele a puxou para o corredor, procurando o POD de fuga mais próximo. Ele não conseguia comentar sobre o que ela lhe disse. O pensamento da morte de Pete era muito para ele. O sujeito tinha sido mais próximo dele do que tinham sido os seus próprios irmãos e ele não pensaria em perdê-lo agora.

— Vou matar o pequeno bastardo ruivo que partiu com ele, — ele murmurou, sobre a sua respiração.

— Pare, por favor. Temos de chegar ao Peter!

Bradi parou fora do POD de fuga 303. Olhando para as suas mãos juntas, ele lamentou o que tinha de fazer, mas o fez na mesma. Rapidamente, empurrou a pouco cooperativa doutora para dentro antes dele. Ela caiu no chão com um baque deixando o coração dele pesado sabendo que lhe tinha causado dor.

— Porquê, você... — Marisa o atacou, batendo no seu braço machucado. Ele a agarrou pela cintura, a levantou no ar, e apertou no botão verde de libertação do POD com a ponta da sua bota.

— Mulher, não me faça deixar você inconsciente, porque o farei! — O pensamento de bater em Marisa o deixou doente, mas ele não lhe daria a satisfação de saber isso. Ela acalmou nos braços dele permitindo que respirasse fundo, sabendo que estava segura com ele. Se tivesse ela ido com Pete ele estaria preocupado que algo pudesse ter acontecido. Porque é que esta pequena mulher parecia governar todas as suas emoções estava além dele, mas ela o fazia.

Marisa ficou quieta e isso preocupou Bradi. Ela olhou para ele, os olhos verdes brilhavam com lágrimas. — Você pensa que o Peter morreu?

Cuspir, dar um soco, raios, até mesmo morder eram coisas com que ele conseguia lidar, mas chorar não era uma coisa para que estivesse preparado. O fato de ele estar tão preocupado com Pete como ela estava não foi nenhuma ajuda. Cuidadosamente, Bradi colocou o seu braço à volta dela enquanto se

afundava no chão, a agarrando perto dele. — Eu não sei, querida. Eu sinceramente não sei.

CAPÍTULO TRÊS

Marisa acordou em sobressalto e conteve um grito. O pesadelo que tinha tido era muito realista para manter sua compostura. Ela olhou em volta do pequeno Pod, lembrando o que tinha acontecido e se perguntando se a vida real não era na verdade pior que o sonho. O Tenente Comandante Janelle ressonava suavemente no seu sono, e seu longo corpo parecia um pouco apertado nos aposentos confinados.

Os POD's tinham sido projetados para manter os requisitos mínimos de suporte de vida para permitir a quantidade máxima de tempo viagem. Marisa expirou e jurou ter visto a sua respiração diante de seu rosto. Congelando, ela se moveu para mais perto de Bradi para se aquecer.

— Pelo menos o bruto serve para alguma coisa, — disse ela enquanto se aninhava perto dele. Ainda com frio, ela se encostou ao corpo dele e quase recuou quando sentiu uma onda de calor passar por ela. Pensando que Bradi poderia estar doente, ela se inclinou seu rosto suavemente. Por mais forte e indiferente que quisesse parecer em relação a Bradi, a ideia de o perder aterrorizava-a.

Fechando seus olhos, Marisa ativou o chip e pediu uma verificação dos sinais vitais de Bradi. A temperatura interior dele estava uns bons dez graus mais quente do que uma pessoa normal e quando ela tentou acessar aos seus registros médicos a dor rasgou sua cabeça. O chip falhou e a deixou com uma enxaqueca.

— Bradi? — Ela voltou a tocar em seu rosto, precisando saber que ele estava bem.

Ele enrijeceu ligeiramente e murmurou qualquer coisa no seu sonho. Se inclinando, ela ouviu melhor enquanto ele repetia. — Estou com tesão e cansado. Concerte o primeiro ou me deixe dormir.

— Oh, seu... seu... animal!

O sorriso que tinha estado nas feições dele morreu rapidamente. Ele se colocou de costas para ela e fez uma careta. Ela sabia que o ombro dele ainda o incomodava, mas até ele a deixar examinar, teve um pouco de satisfação do fato de que ele estava desconfortável.

— Como raio é que eu fiquei com você? — Ela tentou ficar confortável novamente se colocando de costas para ele também e falou. — Brr... está frio aqui dentro.

Bradi se moveu novamente atrás dela e soltou gemido antes de envolver o seu corpo grande em torno dela. Tudo na cabeça dela lhe dizia para afastar o grande otário para longe dela, mas o corpo dela estremecia sob o peso do toque dele.

O corpo de Marisa estava tenso e Bradi sabia que ela estava pensando em afastá-lo dela. Na verdade, Bradi esperava que o fizesse. Ele não tinha certeza do que o fez virar para a confortar. O braço machucado dele estava vulnerável e se ela decidisse infligir dor e ele não pensava que poderia lidar com ela chamando-o de animal novamente. Se ela soubesse o quanto estava perto da verdade.

A sensação de ter seu traseiro curvilíneo aconchegado perto do seu corpo fez seu pênis saltar. Mesmo depois de terem escapado por pouco com as suas vidas, Marisa ainda conseguia cheirar maravilhosamente para ele e fazia o corpo dele sentir fome do dela. Ela sempre o fizera. No primeiro dia em que a conheceu, ele se sentiu atraído por ela como por nenhuma outra fêmea antes. Algo nela o chamava a um nível primitivo e ele não queria pensar muito sobre isso.

Para a espécie dele esse tipo de atração só poderia significar uma coisa. E isso não era uma coisa que Marisa iria acreditar que fosse verdade. Bradi estava tendo dificuldade em processar essa ideia em sua cabeça. Pedir a Marisa para acreditar que talvez fosse a sua companheira, nascida para ser sua amante, sua esposa, a mãe dos seus filhos, era loucura.

Bradi acordou lentamente, suas articulações doloridas e o seu corpo em fogo. Era normal com a sua condição o seu corpo reagir às mudanças na temperatura automaticamente. Também era comum para ele ser vários graus mais quente que um humano. Essa foi apenas uma das razões porque recusou a permitir à Dr.^a Marisa Langston de o avaliar. Diabos, ele nunca tinha deixado nenhum médico da Comissão avaliá-lo. Tinha-lhe custado um bom dinheiro pagar a outros para falsificar os documentos dele, mas foi necessário mesmo assim. Além disso, ele não tinha família por isso dinheiro não era realmente uma preocupação para ele.

Marisa ainda estava dormindo e ele não queria acordá-la. Ela parecia um anjo ali deitada com os braços puxados perto ao seu peito e ele precisou de todas as suas forças para não esticar a mão e tocar nela. O corte no braço dela tinha finalmente parado de sangrar, mas ao mais ligeiro toque poderia abrir facilmente. Rolando para o lado, Bradi estremeceu quando a dor passou através do seu ombro.

Espreitando pela janela do POD, o seu estômago caiu. Ali, à distância, ele viu a cor de sonho água marinho de Margaidia, o destino original deles e o destino que tinha sido programado em todos os PODs de fuga caso existissem problemas. O POD tinha ultrapassado o planeta e estava indo diretamente para Sargaidia, o planeta irmão desconhecido de Margaidia, e o último lugar no universo para onde ele queria voltar.

Bradi verificou o computador e descobriu quebrado. Olhando em redor do POD, ele percebeu que tudo estava coberto com uma camada gelada.

Marisa.

Descendo ao lado dela, ele a tocou levemente. O corpo dela estava rígido e extremamente frio ao toque.

— Doutora? — ele perguntou, a balançando gentilmente. Ela não respondeu e o seu estômago torceu. O pensamento dela morrer congelada antes que ele conseguisse pôr o POD para funcionar era uma possibilidade bem real.

— Vamos lá, querida, — disse ele, na esperança de incitar uma resposta. A ligeira linha azul em torno dos seus lábios disse-lhe que nenhuma quantidade de insistência ajudaria. Agindo rapidamente, Bradi tirou sua camisa e estendeu a mão para ela. Gemendo baixinho da dor disparando através dele, ele cobriu o corpo de Marisa com o seu próprio. — Isto não é o suficiente.

Bradi tirou as suas botas e calças antes de tirar o uniforme de Marisa. Ele morria para lhe tirar as roupas desde o primeiro dia, mas não era bem isto que ele tinha em mente. Ele tirou a camisa dela por cima da sua cabeça e fez o melhor para não ficar olhando para os luxuriosos globos pálidos diante dele. Os mamilos rosados pareciam muito bons para comer e tudo nele queria experimentá-los. A luz fraca dos controles de navegação refletia em sua pele pálida e ele tinha que estar mais perto dela.

O corte feio no antebraço dela parecia estar aguentando, mas o receio de abrir fez com que ele se mexesse mais devagar do que devia para lhe aquecer o corpo. Tirando as botas e calças dela, Bradi demorou um pouco mais junto da barra da sua calcinha. Pensamentos sobre Pete o impediram de espreitar mais.

Colocando o seu corpo sobre o dela, Bradi se esforçou para ficar mais quente. O corpo dele reagiu ao seu comando e ele sentiu a sua temperatura interior subir ainda mais. Se fosse necessário, ele mudaria de forma, mas a última coisa que queria era que Marisa acordasse e se visse por baixo de um homem parcialmente mudado. Por qualquer motivo, ele não pensava que isso fosse ajudar. Mudar completamente também não era uma opção. Não tornaria as coisas mais fáceis para ela se encontrar presa por baixo de uma pantera negra.

Marisa gemeu e ele olhou para ela para ver se já tinha acordado. Os olhos dela continuaram fechados, mas ela mexeu ligeiramente as mãos dela. Bradi ficou tenso quando ele sentiu os dedos dela percorrendo as suas costas.

— Doutora?

— Mmm, — ela sussurrou, levantando o seu quadril.

O doce aroma do creme dela encheu a cabeça dele. A ereção, que parecia ostentar permanentemente quando estava perto de Marisa, ansiava para mergulhar dentro dela, provar sua carne e reclamá-la para ele mesmo. A pequena barreira de seda da sua calcinha serviu de lembrança que ele não poderia, ou melhor não devia, tomá-la.

Ela mudou um pouco. — Mmm, quero você em mim.

Bradi congelou quando ela agarrou sua bunda. — Doutora, acorde.

Lábios frios encontraram os dele e ele lutou para evitar que o seu corpo respondesse. No momento em que a língua dela entrou e encontrou a dele, ele perdeu todo o controle.

Se vou morrer aqui de qualquer jeito, mais vale morrer fazendo amor com ela. Marisa é o mais perto do céu que alguma vez estarei.

As mãos de Marisa empurraram entre os corpos deles. Ela envolveu os seus dedos no seu pênis e ele quase veio no estômago nu dela. Nunca antes um toque de uma mulher lhe deu tanto prazer, tão rapidamente. A razão abriu caminho através dele. — Doutora, querida, acorde, agora! Você não quer fazer isto. Não está certo.

Os lábios dela apertaram sobre os dele enquanto ela empurrava as suas calcinhas para o lado e esfregava a cabeça do seu pênis nos seus sucos molhados. — É mais do que certo. Eu quero você. Sonho em tocar você desde que entrei na nave.

Bradi queria tomar seu tempo para amá-la como ela deveria ser amada antes de entrar nela, mas ele já não estava mais no controle. A besta dentro dele conseguia cheirar o creme, o sexo dela, e o desejo de acasalar com ela era avassalador. Dirigindo a cabeça do seu pênis para a abertura dela, ele cerrou os dentes ao sentir como era apertada. Avançando um pouco mais, ela gemeu e agarrou os braços dele. O prazer do canal apertado dela envolveu a ponta do seu pênis ofuscando a dor no seu ombro enquanto ele entrava mais nela.

— Oh... sim, — ela sussurrou, beijando fervorosamente.

Ele saboreou a sensação dela. — Você é tão apertada, Doutora. — Ele se perguntou brevemente como é que ela poderia ser tão apertada, quando ela e Pete estavam juntos há tanto tempo, mas ele esqueceu isto, não querendo pensar na sua traição. Este era o momento dele de estar com a mulher que o chamava a níveis que ele não conseguia explicar desde o momento em que tinha posto os olhos nela.

Os mamilos duros de Marisa se esfregaram contra o seu peito enquanto ele se empurrava um pouco mais para dentro dela. Encontrando um pouco de resistência, Bradi hesitou. Seria possível? Ele parou. Ela estava com o Pete há quase dois anos, eles tinham que ter tido sexo – certo? Não havia hipótese dela ser virgem. Não a médica sexualmente carregada que lhe deixava com os joelhos fracos. Não.

Marisa enterrou as suas unhas nos seus braços e inclinou a cabeça para trás. — Mais!

Quaisquer preocupações que tivesse voaram ao som do comando dela. Se empurrando para dentro dela, ela gritou quando ele foi até o fundo. De algum jeito, ela conseguiu aceitar ele todo, o seu canal apertando o seu pênis ao ponto explodir e ele tinha apenas começado.

— Céus, querida. Você é perfeita. —

O corpo dela relaxou ligeiramente enquanto puxava seu pênis para quase fora dela. A vagina apertou em torno dele enquanto mergulhava novamente. Ele queria marcá-la. Reclamá-la. Mantê-la para sempre.

Bradi nunca teve a necessidade de reclamar ninguém como sua companheira antes e ele não sabia como lidar com isso. Ele lutou para ficar no controle enquanto continuava a deslizar para dentro e fora do corpo dela. A besta dentro dele empurrava com força e emergiu rapidamente. Os incisivos dele cresceram e da ponta dos dedos brotaram garras. Bradi conseguiu impedir uma mudança completa, mas incapaz de resistir à atração da pele branca de Marisa, o bombear do sangue dela enquanto passava através das suas veias.

— Minha, — ele rosnou.

Bradi tentou lutar, mas enquanto sentia os seus dentes se afundarem no ombro dela e o pênis dele começar a libertar a sua semente, soube que era tarde demais – ele tinha se perdido no paraíso do corpo dela e a besta dentro dele tinha assegurado que eles nunca mais se afastariam. Ela era dele.

O corpo de Marisa estremeceu debaixo dele e a princípio, ele pensou que os gritos dela eram por causa dos seus dentes, mas quando ela agarrou com a mão no seu cabelo, segurando-o, ele soube que era outra coisa. Líquido acobreado, doce encheu sua boca enquanto ele continuava a jorrar sua semente para dentro do ventre dela, a enchendo até transbordar e se contorcendo a cada novo jorro. Bradi forçou-se a tirar a sua boca do corpo dela quando sentiu os tremores passando por ela. A sua pele já pálida parecia brilhar com um brilho antinatural. Bradi ficou acima dela, ainda aninhado fundo no corpo dela, vendo com espanto como a luz parecia cobri-la.

A luz moveu-se sobre o seu corpo e cobriu o dele rapidamente. Não parecia doer, mas como se alguém estivesse passando um milhão de dedos na sua pele. O seu pênis ganhou vida e apesar que deveria estar saciado, queria mais. Nunca querendo deixar de satisfazer seu pênis, Bradi moveu seus quadris e começou a montar o corpo apertado de Marisa uma vez mais.

Ela agarrou os ombros dele e ocorreu-lhe que não sentiu qualquer dor. Olhando para baixo, ele viu que a marca da mordida que ele lhe tinha dado desapareceu completamente. O corte no braço dela também tinha desaparecido. A luz à volta deles ficou tão brilhante que Bradi teve de fechar os olhos. Marisa gritou e enrolou as suas pernas em volta da cintura dele. Se contorcendo debaixo dele, levantando-se e levando seu pênis mais fundo.

— Uh...

O gemido suave que ela soltou levou Bradi a penetrá-la ainda mais fundo, socando em seu glorioso corpo e prestando atenção, garantindo que esfregava o clitóris dela da forma certa. Marisa gritou quando outro orgasmo a atingiu. A sensação da vagina dela ordenhando seu pau era demais e ele deixou seu corpo se libertar novamente.

— Minha, — ele sussurrou enquanto a enchia com mais semente ainda, a sua essência.

A luz à volta deles desvaneceu lentamente. Um pequeno ruído do sistema de computadores souou, indicando a ele que pelo menos estava ligado, se nada mais. Relutantemente, Bradi se retirou do corpo agora quente da sua companheira.

Os olhos de Marisa se abriram e ela olhou para ele. Um sorriso apareceu lentamente no seu rosto. — Eu amo você... Peter.

Peter?

Bradi congelou e esperou que ela pedisse desculpa, alegando que foi um deslize, mas ela não o fez. Os olhos dela fecharam lentamente e ele ouviu a respiração dela ficar superficial. Ele saiu de cima dela rapidamente e se sentou. Passando as mãos pelo seu cabelo, tentou dar sentido a tudo.

Marisa não tinha estado completamente acordada. Ela tinha estado sonhando com Pete quando era o corpo dele a dar-lhe prazer. Sonhando com outro homem quando ele a fez sua esposa. Lhe dando a sua semente. A sua essência. Um pontapé no plexo solar teria sido menos devastador do que aquilo.

Alcançando as suas calças, Bradi parou quando o seu olhar focou sobre as pernas de Marisa. O cheiro do sangue dela encheu suas narinas e ele se inclinou para encontrar uma linha de sangue escorrendo pelo interior da sua coxa.

— Você era virgem? — Logo em seguida tudo fez sentido. Bradi lutou para não vomitar enquanto a enormidade da situação o atingia com força. Ele tinha feito amor com uma mulher que pensava que ele era o seu noivo, que era nada mais que o seu melhor amigo, e agora tinha tirado sua virgindade acima de todo o resto.

Poderia ser pior?

CAPÍTULO QUATRO

Marisa levantou as suas pálpebras pesadas lentamente e olhou para ver Bradi olhando pela janela. — Ótimo, então não foi um sonho? — Se sentando, ela se acomodou. As roupas dela estavam amarrotadas e ela reparou que estava sem botas. Olhando para Bradi para lhe perguntar sobre isso, ela viu o ar chocado em seu rosto. — Qual é o problema?

— Lamento, Doutora. Pensei que estivesse acordada. Eu não sabia... não deveria...

Marisa piscou algumas vezes numa tentativa de clarear sua mente. — Claro que estava acordada, seu idiota. Eu não ia correr numa nave que está explodindo de olhos fechados. Nossa!

— Certo, você estava falando da nave explodindo e sendo uma espertinha antes. Eu sabia isso. — A tensão no corpo de Bradi pareceu relaxar. Era uma pena. Ela realmente gostava de ver os músculos no seu grosso pescoço mexendo. Surpreendida com os seus próprios pensamentos luxuriosos, Marisa ficou quieta.

— Já não deveríamos ter aterrissado em Margaidia? Não estávamos assim tão longe e os PODs estavam programados para fazer... — Ela parou de falar quando reparou no olhar perdido no rosto dele. — Tenente Comandante?

Os olhos azuis dele encontraram os dela e ela respirou fundo sobre o peso deles. — Aperte o cinto, queridinha. Estamos prestes a entrar na atmosfera de Sargaidia. E você pode me chamar Bradi, Doutora, penso que ganhou esse direito.

Ganhou?

— Você quer dizer Margaidia, certo?

Ele agarrou a cintura dela e a sentou no banco do POD. Ignorando os protestos dela, ele colocou o cinto de qualquer maneira. — Janelle? Que está acontecendo?

Ele sentou no banco de controle e pôs o cinto nele também. O POD bateu com força contra uma força invisível e ela gritou. As sobranças de Bradi se levantaram como se dissesse, ‘você ainda não viu nada.

Outro grito ficou preso em sua garganta enquanto ele levantava o visor de proteção, permitindo-lhe uma vista completa do que estava diante dele. Sombras de vermelho, verde, e azul estavam em todo o lado. Apesar de Marisa ter estado fora da Terra algumas vezes na sua vida, ela sabia o suficiente sobre aterrissagens para saber que alguma coisa não estava certa. — Bradi, não vamos um pouco rápido demais?

— Bem pode dizer.

— O-o quê?

— Nada. Umm, os controles dos PODs congelaram um pouco. Mal os tinha conseguido ligar e pôr para funcionar antes de sermos apanhados na atmosfera do planeta. — Ele puxou com força o volante da nave quando o POD começou a sua rápida descida.

O estômago de Marisa se embrulhou enquanto caíam cada vez mais. A velocidade a que estavam viajando iria provavelmente matá-los na aterrissagem. Ela fez uma oração silenciosa e estendeu a mão por conforto. Encontrando o braço de Bradi, se aclamou, se agarrando e segurando com força. Alguma coisa no homem a fazia sentir segura.

Bradi arriscou um olhar rápido a Marisa e viu ela estender a mão para ele. Ele pensou que era para o socar, e ficou surpreso quando não só colocou a mão nele, mas lhe deu um aperto suave, também. As suas partes baixas ardiam para se enterrar nela e ele se mexeu desajeitadamente no banco.

Você está prestes a morrer aqui, amigo, ele pensou, olhando para o seu pênis. Será que você se poderia concentrar no perigo e não nela por um momento?

O mar vermelho ficou focado e Bradi se amaldiçoou por não aterrissado o POD mais cedo. Ele julgou mal e pensou que se esperasse outra hora eles

estariam mais perto das instalações abandonadas do planeta e mais perto de ajuda. Ele estava enganado.

— Janelle, me diga novamente que vai ficar tudo bem, — disse Marisa, apertando mais o seu braço e quebrando seu coração no caminho. — Por favor me diga isso. Preciso de ouvir você dizer isso. Eu confio em você e preciso...

Contra o seu bom senso, Bradi lhe deu o que ela precisava ouvir, todo o tempo desejando que ela o chamasse pelo primeiro nome. — Vai ficar tudo bem, querida. Prometo.

O aperto de Marisa nele aliviou e ele olhou para os olhos verdes dela mesmo quando o mar os cumprimentava.

Marisa levantou a sua cabeça lentamente sem ter certeza se estava viva ou morta. Pelo torcicolo que tinha no seu pescoço, ela estava pensando que estava viva. Uma tosse profunda chamou sua atenção e ela olhou à volta para ver que ela e Bradi ainda estavam presos dentro do POD. Água cor de sangue os rodeava.

— Janelle, você está muito ferido? — Ele não respondeu. Ela tirou seu cinto e obrigou o seu corpo rígido a mover-se para ele. Colocando a sua mão na cabeça dele, ela ativou o chip embutido. — Diagnóstico completo.

Fechando seus olhos ela procurou os ferimentos no corpo dele. Por um breve segundo ela poderia jurar que o chip indicava pernas quebradas, mas quando ela verificou novamente não havia sinais de feridas.

— Doutora?

Instantaneamente, o chip de Marisa desligou e dor veio na sua cabeça. Bradi tocou na mão dela e ela espreitou para ele. — Oi, — ela sorriu, feliz por vê-lo vivo e respondendo, — você está bem?

— Você iria sentir a minha falta se acontecesse alguma coisa? Ou você só está esperando que eu viva tempo suficiente para a colocar em segurança? — O tom na voz dele fez o seu lábio se enrolar.

— Idiota. — Ela se empurrou com força extra de cima dele e riu quando o ouviu gemer. Ele se soltou e se levantou ao lodo dela. O POD rangeu e o som de vidro quebrando fez os dois se virarem.

Bradi a agarrou e a puxou para o chão. Ela começou a protestar e ele beijou os lábios dela, a deixando em silêncio. Enquanto a língua dele se mexia dentro da sua boca, a dela cumprimentou, a chocando e aparentemente a ele. Ele gemeu e Marisa tomou a liderança, sugando gentilmente na língua dele.

Bradi se afastou, o olhar azul dele a percorreu. — Respire fundo agora!

Sem pensar, ela o fez. Bradi a prendeu ao chão e o seu corpo achatou contra o dela. A janela estilhaçou. Água vermelho sangue entrou no POD e em segundos eles estavam submersos. Levantando-a rapidamente, Bradi a puxou na direção da janela e deu um bom empurrão para passar por ela. Estilhaços de vidros partidos rasgaram as suas pernas e ela teve se impedir de gritar por dor.

Uma vez livre do POD, Marisa se voltou e esperou por Bradi. Ele não veio. Foi então que ela percebeu que a janela não era grande o suficiente para o seu um metro e noventa e oito centímetros, de estrutura muscular passar.

A pressão nos seus pulmões era excruciante quando ela tentava voltar para entrar pela janela. Bradi a empurrou com força, balançando a sua cabeça em negação violentamente. Ela não tinha intenções de o deixar e estava preparada para morrer com ele. Alguma coisa passou atrás dela e ela parou. Todos os seus instintos lhe diziam para não se voltar e olhar, mas ela não conseguiu evitar. Se voltando lentamente, ela se encontrou cara a cara com um enorme olho amarelado. Após uma inspeção mais atenta ela o encontrou firmemente ligado à maior enguia que já tinha visto.

Sem pensar, ela deu um soco e pegou o olho. Ele bateu contra ela, esmagando-a entre o POD e o seu corpo. Ele a empurrou com força e parecia estar tentando levá-la para a superfície. Ela lutou contra ele, não querendo deixar Bradi para trás.

Água entrou nos seus pulmões e ela sentiu como se alguém tivesse feito uma fogueira no seu peito. Sendo uma médica, ela sabia o processo envolvido no afogamento e sabia que era uma das piores maneiras de morrer.

Melhor ficar inconsciente antes de a enguia me comer, ela pensou consigo mesma enquanto a escuridão a engolia.

Os sentidos de Bradi apanharam um predador por perto e apenas poderia adivinhar o que os poderia atrair. Os mares de Sargaidia estavam cheios de criaturas que até mesmo ele temia. Quando ele viu Marisa voltar por ele, o seu coração derreteu. Era importante para ela se ele vivia ou morria e isso significou alguma coisa para ele.

O corpo de Marisa bateu no POD e Bradi deixou a besta dentro dele emergir. Batendo na lateral do POD com as suas garras, ele rasgou seu caminho através do metal como se não fosse nada mais que papel. Nadando para fora do POD, ele viu Marisa descer lentamente na água. Não havia sinais do predador que tinha sentido e se perguntou se o seu sistema de alarme natural estava falhando. Alguma coisa tinha atingido Marisa. Mas o quê?

Ele agarrou no braço dela e se dirigiu para a superfície. No minuto em que os seus rostos alcançaram a superfície, ele inspirou fundo o ar e puxou Marisa para ele. Ela engasgou, tossindo água para fora e ele expirou.

Ela viveria. Isso era tudo o que importava.

Olhando em volta, ele encontrou a costa e se dirigiu para lá – amaldiçoando os destinos por colocá-lo com uma mulher teimosa, que parecia querer morrer antes do dia nascer.

Marisa silvou quando Bradi puxou o material molhado das suas pernas. Os restos daquilo que uma vez foram as suas calças pareciam sair do seu caminho para se agarrarem aos grandes cortes nas suas pernas. — Ai!

— Fique quieta e não irá doer tanto, — disse Bradi, a repreendendo como se fosse uma criança.

— Fácil para você dizer.

— Querida.

Ela rosnou para ele. — Eu não os teria se você não me tivesse empurrado por aquela janela quebrada!

— Você estaria no fundo do mar morta. Você preferiria isso? Eu posso atirar você de volta.

Marisa alcançou o seu cinto de utilitários e agarrou na faca dele. Os olhos dele se estreitaram como que a desafiando a usá-la nele. Por muito que ela quisesse espetá-lo no estômago, queria ver as suas feridas primeiro. Agarrando o material, ela cortou mesmo por baixo da linha da virilha. Seguindo rapidamente o outro lado, ela sorriu enquanto lhe devolvia a faca. — Pronto, estou agora enfiada nos calções mais curtos do universo, mas pelo menos já não são pedaços soltos de nada.

— Doutora. — Bradi exalou profundamente. Ele tocou gentilmente no interior da sua coxa e calor explodiu entre as suas pernas. Ele não pareceu notar que ela quase escorrendo apenas com o toque dos dedos dele e não ia chamar a atenção dele para isso. — Este é grave. Você consegue curá-lo?

— Curá-lo? Não sei. Talvez. Preciso encontrar alguma coisa que faça de agulha e...

Bradi levantou a sua mão, a mandando parar. — Não, quero dizer curar. Não emendar.

O coração de Marisa bateu furiosamente e ela lutou para manter a compostura. — Umm... eu não sei... umm... pare de olhar para mim assim.

Bradi se inclinou e colocou o seu rosto diretamente no dela. — Ouça, senhora. Eu não quero nem saber o que é que você não quer que as pessoas saibam sobre você, mas está vendo estes cortes? — Ele passou as suas mãos levemente pelas suas coxas, mandando ondas de choque de excitação pelo corpo dela. — Estes não irão apenas infectar, como chamarão predadores para nós. É isso que você quer? Você quer um grupo de panteras ou uma matilha de lobos que apareçam durante a noite porque seguiram o seu cheiro de sangue?

Marisa olhou à volta para o limite da floresta e engoliu em seco. — Como é que você sabe que há panteras e lobos aqui? Há um mês atrás você nem se lembrava do seu nome para embarcar na nave depois de ter passado a noite nos bares e agora de repente você é um especialista em sobrevivência! — Ela olhou para Bradi por uma resposta, mas ele não deu nenhuma. Em vez disso, ele se voltou na direção dos bosques, a deixando sentada na beira da linha da costa — sozinha.

— Janelle? — Ele não parou nem lhe respondeu. — Janelle, por favor. — Marisa engoliu em seco enquanto ele caminhava floresta dentro. Ela só tinha visto imagens de vegetação tão estranha como esta e só poderia imaginar quantas plantas e animais ali eram mortais. A árvore alta, preta tinha folhas amarelas que pareciam cobrir o chão da floresta. Elas eram maciças e distintivamente diferentes das árvores que estavam nos museus da Terra.

Um barulho suave de salpicos no mar vermelho atrás dela chamou a sua atenção e ela se voltou rapidamente. A cabeça da enguia gigante apareceu a uns metros da costa e Marisa se encontrou rastejando para trás para fugir dela. A areia era mais suave do que ela estava acostumada e ela se afundou levemente. A enguia pulou para a frente e por pouco não a atingiu quando ela rolou para o lado.

Se puxando para cima na areia rosada, de alguma forma ela se conseguiu levantar. Ela correu, tropeçando uma e outra vez por causa da dor nas suas pernas. Os longos cortes irregulares abriram mais, fazendo o sangue sair a um ritmo alarmante. Arriscando olhar sobre o seu ombro, ela esperou estar longe o suficiente da água para prevenir outro ataque. Muito para sua surpresa a enguia começou a deslizar do mar. Se dirigiu para ela com uma velocidade e eficiência que a terrorizou.

— Janelle, — ela sussurrou, enquanto pânico a invadia.

Alguma coisa rugiu nos arbustos atrás dela e ela não se atreveu a se virar para ver o que era. Pelos acontecimentos que tinham acontecido desde que caíram, ela apenas podia assumir que era mau. Quando ouviu rugidos combinados vindos de lá, também, soube que as suas suspeitas estavam certas. Ela estava ferrada.

— Isso não é bom, insolente, ingrata, bi... — Bradi parou o seu ataque verbal a Marisa enquanto procurava por um lugar seguro para eles acamparem. Os sóis estavam começando a se porem e o anoitecer apenas significava que as coisas maléficas saíam e brincavam. Dependendo de onde estivessem, eles poderiam chegar a uma aldeia inabitada ou um complexo em alguns dias.

Ele estremeceu ao pensar no tipo de recepção que teria. Ele não falava com a sua família há quase doze anos. Os termos em que os tinha deixado foram tudo menos agradáveis. A morte da sua mãe tinha-o deixado com uma língua afiada e com uma noção enevoada do certo e errado. Ele não pensou que o seu pai fosse dar as boas vindas com braços abertos agora, isso era garantido. Com sorte, conseguiria de ajuda médica a Marisa e conseguir uma nave para fora deste planeta esquecido pelos deuses.

Ele não duvidava que ela estava com pressa para fugir dele. Ela parecia odiar o fato de ter que partilhar o ar com ele, quanto mais tempo passava com ele. Bradi ainda ficava espantado que ela tenha se recusado a deixá-lo depois do POD ter caído. Ele tinha pensado que ela tivesse perdido a oportunidade de se livrar dele. Claro, ela tinha sido deixada sozinha num planeta que não era familiar, mas mesmo assim.

Ele escutou chamando o seu nome mais uma vez, desta vez num sussurro e ele sorriu. — Deixe de me enganar. Vou-lhe ensinar a não falar comigo como se fosse um cão. Agora, se ela se quiser se dobrar e me deixar foder como um...— Alguma coisa não estava certa. Os cabelos na parte de trás do seu pescoço se levantaram e ele inclinou a cabeça para o lado, cheirando o ar.

Pantera.

Tirando as suas roupas rapidamente, ele se transformou na sua forma de pantera. Tinham-se passado anos desde que ele se tinha transformado sem preocupações e a besta interior estava feliz por estar livre. Se dobrando, ele cheirou o chão e seguiu o cheiro. O coração batia no seu peito quando percebeu que os outros tinham feito o caminho mais curto e direto para Marisa. Sem dúvida, o cheiro de sangue fresco e humano era tentador para eles.

Saltando através dos arbustos na beira da praia, ele parou quando viu Marisa acariciando o topo de uma das cabeças da pantera. Atordoados, eles não podiam fazer nada diferente do que assistir ao espetáculo que se desenrolava diante deles.

Como é que ela tinha acalmado o animal?

Os seus sentidos diziam-lhe que este era um grupo de lobipanteras, não animais normais. Eles apenas respeitavam humanos que estavam marcados e mesmo assim isso não os salvava. Eles também eram conhecidos por não atacar se a vítima tivesse o cheiro de uma poderosa pantera guerreira. Instantaneamente ele pensou em voltar para o Pod e fazer amor com Marisa.

Merda, preciso de parar de o referir como amor. Quando ela descobrir vou estar de pé no topo de uma colina confessando a minha eterna devoção e... Ele parou as palavras na sua mente antes que se tornassem realidade.

Concentrando-se e ainda espantado com a cena diante dele, Bradi tentou pensar no que é que teria feito os outros se renderem a Marisa. Teria ela aproveitado o poder que ele a tinha visto usar? Teria ela conseguido matar uma com as suas próprias mãos, provando que ela era uma guerreira competente? Ele duvida muito disso.

Caindo em si, ele se dirigiu lentamente para Marisa, em antecipação à luta. Quando as outras panteras apenas se voltaram e rosnaram levemente ele compreendeu que eles não lhe iriam fazer mal. Uma grande pantera macho avançou por trás de Marisa e da forma como baixou os ombros, Bradi poderia dizer que ele estava pensando em exalar o seu poder e tentar reclamá-la. Não havia maneira nenhuma de ele desistir de Marisa.

Ela é minha, ele pensou enquanto saltou diante dela com um rosnado feroz.

— Oh céus, — Marisa murmurou. Medo irradiava dela e Bradi soube que era dele de quem ela tinha medo. Ela olhou em volta nervosamente enquanto lágrimas brilhavam nos seus olhos. — Bradi? Bradi, por favor me ajude. Não quis aborrecer você. Por favor.

Cada vez que ela o chamava, usando o seu nome, ele queria mudar para a sua forma humana e pôr os braços à volta dela. Isso iria assustá-la ainda mais sem dúvida, e se a Comissão descobrisse que ele era parte sobrenatural então ele seria dispensado e preso. O Projeto Exorcismo livrou a Comissão da maior parte do problema sobrenatural, ou assim pensavam. Bradi sabia a verdade, mas não ia começar a falar.

Bradi balançou as suas garras para o grande macho numa amostra de domínio e entendeu o seu aviso. Ele se virou e correu em direção aos bosques, seguido de perto pelo resto do seu grupo. Uma parte dele desejava correr com eles. Ele sentia falta dos dias em que ele e os seus irmãos, bem, todos os outros que conseguiam mudar totalmente, corriam juntos.

Ele olhou para Marisa e deu outro passo na sua direção. Ela ficou tensa e o cheiro do medo dela excitou a besta. — Bradi, por favor, me desculpe. Por favor, não me deixe aqui. Bradi, por favor...

A súplica suave na voz dela trouxe de volta à superfície o homem que estava lá dentro. Ele estava envergonhado de como tinha estado perto de deixar a sua besta atacá-la. Ele deu a volta rapidamente e correu para a floresta para encontrar as suas roupas.

Bradi ficou quieto nas sombras, vendo Marisa. Ela tinha sentado na praia com um grande pedaço de madeira seguro preso firmemente a ela, limpando lágrimas das suas bochechas. Ele queria correr para ela, abraçá-la, e dizer-lhe que tudo iria ficar bem, mas não o fez. Em vez disso, ele tomou a abordagem do covarde e mexeu no arbusto ao lado do dele com a mão para avisar da sua presença.

Ela limpou seu rosto e se endireitou. — Bradi, é você?

— Sim, — disse ele, inseguro se poderia dizer mais sem quebrar e confessar todos os seus segredos para ela.

Ela saltou nos seus pés e correu para ele. Atirando os braços em volta do seu pescoço, ela suspirou. Bradi congelou. — Esta enguia enorme saiu da água, e depois todo o tipo de grandes leopardos correram para mim. Um me derrubou e eu atirei-lhe areia para os olhos. Pensei que me fosse rasgar a garganta, mas parou e começou a cheirar-me. — Ela apertou o seu abraço nele, e ele enrolou os braços à volta dela lentamente, encolhendo-se ligeiramente por ela ter identificado mal a sua raça como leopardos.

— Ele me cutucou algumas vezes antes de colocar o focinho direto na minha virilha e cheirar. — Ela corou enquanto falava.

Isto despertou a curiosidade de Bradi, enquanto se perguntava o que é que os tinha levado a aceitarem-na. A marca tinha alguma coisa a ver com isso. Ela agora era vista como reclamada por ele, mas isso nem sempre era uma garantia. Ele acariciou a parte de trás de seu cabelo longo, em camadas e acenou para ela, incentivando-a a continuar.

Algo cintilou em seus olhos e ela estreitou seu olhar sobre ele. — Eu chamei por você, seu bastardo teimoso e você nunca veio. — A mão dela se levantou rápido e o atingiu mesmo no meio do seu rosto. Sabendo que merecia por deixá-la sozinha, ele não disse nada, mas quando tentou atingi-lo novamente, ele agarrou os pulsos dela.

— Me largue! — ela gritou e estalou os dentes para ele.

Ele retrucou e lhe deu um sorriso perverso.

— Ooo, esqueça! Se os seus dentes perfurarem a minha pele eu iria acabar com algum tipo de doença considerando a forma como você é com as senhoras.

Ele resistiu ao impulso de a informar que ela era agora considerada uma das suas senhoras, a única senhora de fato, e que os seus dentes tinham realmente perfurado a pele dela. — Fique sabendo, Doutora, que eu tenho todas as minhas vacinas em dia, ou você se está esquecendo da forma como babou ao ver meu traseiro enquanto você me injetava com elas?

A Comissão tinha instituído vacinas obrigatórias para doenças e DSTs para todos os seus alistados, e Marisa parecia que se divertia muito quando esfregava aquilo que ela pensava que era a vida sexual dele à cara sempre que podia. Era desnecessário dar as vacinas a ele. Sua constituição genética não permitia que ele apanhasse qualquer tipo de doença humana. A pior coisa que tinha a temer

era se deitar com uma mulher e engravida-la. As vacinas, apesar de conterem aditivos de controle populacional, nada faziam para diminuir a contagem de esperma. Na realidade, não importava. A única forma que ele tinha de engravidar uma mulher era se ela fosse a sua verdadeira companheira de vida. Ele duvidava profundamente que Marisa fosse isso. Além disso, ela também tinha tomado as vacinas da Comissão, por isso mesmo que ela fosse a sua verdadeira companheira, não apenas a sua escolhida, ela estaria protegida da gravidez.

— Como é que poderia esquecer? — Ela olhou para ele. — E, para que conste, caso eu me corte numa enguia enferrujada. Sou alérgica aos compostos que eles usam nas vacinas logo não posso tomar nenhuma.

— Uma enguia enferrujada, huh? — Rindo, ele a puxou para ele sem querer saber se ela protestava. — Irei fazer o meu melhor para a manter afastada de qualquer objeto afiado ou enguia enferrujada.

CAPÍTULO CINCO

Bradi terminou de colocar a última grande folha por cima da estrutura rude e rastejou para dentro dela para se juntar a Marisa junto ao fogo. Ela estava sentada com as mãos juntas e com os joelhos no peito. Deu-lhe uma vista fantástica dos seus shots ultracurtos e ele a saboreou. Seu pênis ganhou vida e ele quase conseguia sentir a doçura da pele dela enquanto a olhava.

Ele estendeu a mão para pegar a carne de brula que tinha caçado para impedir de queimar no fogo e se aproximou dela. Ela se mexeu e lhe deu um olhar desconfiado. — Que é que você pensa que esta fazendo?

— Você parece que está com frio e eu estou ardendo, por isso pensei que quisesse ficar perto de mim. — Era apenas uma meia verdade. Porque eu quero abraçar você, parecia ser uma afirmação muito ousada.

— Oh, — disse ela, se chegando mais perto dele. Ela olhou para a carne e ergueu uma sobrancelha. — Você tem certeza que é comestível?

Ele riu. — Sim, é parecido com coelho.

— Vou comer um coelhinho? — Ela soava tão inocente.

Rindo novamente, ele voltou a carne. — Não, brula. Parecido mas não à mesma coisa.

— Como é que você sabe tanto sobre este planeta? Pensei que você fosse de Margaidia.

Ele teve que esconder o seu prazer. Ela sabia, ou pensava que sabia, de onde ele era. Isso significava que ela tinha prestado atenção aos detalhes da vida dele. Ele virou a brula despreocupadamente outra vez e deu de ombros. — Bom, eu vivi lá nos últimos doze anos, mas não nasci lá.

— Onde é que você nasceu?

Ele sorriu. — Fazemos o seguinte – eu lhe conto um segredo sobre mim se você me contar um sobre você primeiro.

Marisa enrijeceu. — Eu não tenho segredos.

— Ótimo, eu também não.

Ela olhou para ele e estremeceu. Deslizando o seu braço à volta dela, ele esperou que Marisa gritasse para ou lhe batesse. Quando ela não fez nenhum dos dois, ele presumiu que estava seguro. Eles se sentaram tranquilamente e viram a brula cozinhar. O olhar dele continuava a ir para as pernas dela e ele desejou que ela abrisse o jogo sobre a sua habilidade de cura para que ela pudesse curar os cortes irritados no seu corpo.

— Bradi?

— Hmm? — perguntou ele, não querendo deixar ir e rezando para que ela não lhe pedisse isso.

— O que é que aconteceu com a nave? Estava ótima e depois de repente não estava.

A mesma questão o tinha atormentado desde o momento em que ele sentiu os primeiros sinais de perigo na nave e que tinha sido um dia antes do acidente. O seu instinto lhe dizia que tinha sido sabotagem, mas ele não queria acreditar que um dos seus próprios membros da tripulação fosse capaz de tal coisa. A chuva de meteoritos poderia ser a culpada, mas mesmo isso não teria causado a quantidade de destruição que ele viu a bordo da nave. — Não tenho certeza, querida.

Quando ela não reclamou do seu termo carinhoso, ele o tomou como um bom sinal. Ela suspirou. — Me pergunto se o Pete sobreviveu.

Ele a puxou mais para os seus braços e ficou admirado quando sentiu que ela moldava o seu corpo para ir de encontro ao dele. Beijando ternamente a cabeça dela, ele a balançou lentamente. Marisa voltou o seu rosto para ele e quando ele viu as lágrimas por derramar nos seus olhos, ele quis espancar alguma coisa instantaneamente.

Marisa olhou para as profundezas azuis dos olhos de Bradi enquanto as chamas brilhavam neles. Se deu conta de como Bradi era bonito e que ela estava grata pelo brilho quente da fogueira porque disfarçava o brilho vermelho fraco que ela agora ostentava. Este homem que ela tinha assumido que era um porco estava sentado tão sossegado, afagando as suas costas gentilmente e a abanando suavemente. Como é que ele poderia ser tão atencioso quando ela apenas o considerava para o prêmio do candidato chauvinista do ano?

Os lábios cheios de Bradi estavam bem enquadrados pelo seu cavanhaque escuro, e quando ele inclinou ligeiramente a sua cabeça para olhar para ela, ela não se conteve. Se inclinando, ela pressionou levemente os seus lábios nos dele. Todo o corpo dele enrijeceu e por um minuto, pensou que ele a fosse afastar dele, mas ele não o fez. Quando ela sentiu a mão dele ir para o seu cabelo, ela percebeu o que tinha começado.

O beijo se manteve casto no princípio e isso a incomodou. Ela não era tão boa como as mulheres que normalmente o rodeavam? Marisa nunca tinha se submetido a nenhuma mudança drástica no seu corpo por isso os seus seios eram apenas dela, tal como era o resto do seu corpo. Com um metro e sessenta e cinco, ela apenas lhe chegava ao ombro e sabia que os homens tinham tendência a gostar das supermodelos intergalácticas às mulheres pequenas como ela. Não preferia?

Abrindo ligeiramente a sua boca, ela deixou a sua língua deslizar no lábio inferior dele. Ela foi congratulada com um gemido e o aperto de Bradi aumentou no seu cabelo. Puxando a sua cabeça para trás ligeiramente, a boca dele veio com força sobre a dela. No princípio, ela se esqueceu de respirar. Claro, ela tinha sido beijada antes, mas nunca assim. Nunca com tal crua desenfreada paixão. A língua dele mergulhou para dentro e fora da boca dela, imitando o acasalamento e as pernas de Marisa se juntaram numa tentativa de reprimir o incêndio entre as suas coxas.

Bradi começou a inclinar os seus corpos para o chão e ela não lutou com ele. Ela precisava de conforto, precisava de se perder no momento. A culpa da sua luxúria por Bradi tentou subir à superfície, mas ela a reprimiu. Encalhada num planeta estranho, primitivo sem esperança de ir para casa, precisava de sentir alguma coisa – qualquer coisa, e por todas as falhas que Bradi tivesse, não a fazer sentir não era uma delas.

As mãos dele pareciam estar em todo o lado ao mesmo tempo e ela percebeu gostava. Deixando as suas mãos deslizar pelas costas dele, ela puxou a camiseta dele para sentir a pele quente dele por baixo. Duros músculos a cumprimentaram e ela respirou fundo quando a sua vagina palpitou. Ela tirou a camiseta dele pela cabeça e não podia acreditar em como era incrível o corpo dele. O próprio pensamento dele transando com ela quase provocou o raio de um orgasmo. Ela apenas poderia sonhar como seria na realidade com ele.

Bradi sempre tinha sido tímido no que dizia respeito ao deixar os outros verem-no parcialmente vestido e ela não conseguia entender porquê. — Você não tem um grama de gordura em você.

Bradi riu e ela percebeu que tinha falado alto. Ele baixou sua cabeça e beijou a sua clavícula levemente. — Mmm, eu também ainda tenho que encontrar qualquer gordura em você.

— Oh por favor, meu —

Ele a calou com um beijo enquanto empurrava seus quadris contra os dela. A pressão do seu pau através do tecido das suas calças era mais do que suficiente para estimular o seu clitóris inchado. Cada roçar, cada balanço dos quadris dele a levava mais próximo do clímax.

Precisando estar mais perto dele, Marisa levantou a sua camiseta cinzenta esfarrapada e deixou o seu sutiã esfregar contra o seu peito duro. As mãos de Bradi encontraram o caminho até aos seus seios e apenas em segundos, ele estava rolando os seus mamilos entre os seus dedos, a fazendo gemer para ele.

Quando os dedos dele deslizaram para o topo dos shorts dela, ela ficou um pouco tensa. Ele parou e olhou para ela, capturando-a com o seu olhar hipnotizante. — Você quer que eu pare?

Ela mordeu seu lábio inferior e abanou a cabeça. — Não, mas preciso de lhe dizer uma coisa e você tem de prometer que não vai rir.

As sobrancelhas dele se elevaram enquanto acenava com a sua cabeça. — Sim?

— Eu nunca... eu nunca estive com um homem antes.

Ele acenou e lhe deu um beijo casto na sua testa. — Nós podemos parar até você estar pronta, querida.

— Não, — disse ela, um pouco depressa demais. — Estou pronta, mas pensei que você deveria saber para que...

Ele sorriu. — Para que eu fosse gentil com você?

Não era bem isso que ela tinha em mente. — Bom, penso que gentil seria simpático, mas mais importante, penso que você deveria saber que eu não estava brincando quando disse que não posso tomar as vacinas. — A médica dentro dela entrou em ação. — Isso significa que não tenho nenhuma forma de controle de natalidade por isso você vai ter que sair de mim antes de ejacular. Eu sei que você tomou sua vacina mas essas não são cem por cento a não ser

que ambas as partes estejam atualizadas. Além do mais, penso que você deveria saber que pode acontecer qualquer coisa estranha durante isto. Nunca disse isto a ninguém antes, mas pela minha honestidade. Eu...

Bradi saiu de cima dela e agarrou sua camiseta do chão. Ele se voltou para a brula e lhe deu uma volta.

— Bradi? — Ela se sentou e puxou as pernas para o peito, nunca tendo se sentida tão humilhada na vida. Marisa esteve perto de contar para ele o seu dom e ele tinha agido desta forma. Se levantando, ela lhe atirou um olhar zangado. — O que raio estava eu pensando? Deuses, eu devo estar sofrendo de síndrome de estresse pós-traumático para o deixar chegar perto de mim!

Ela se voltou nos seus calcanhares para ir e estremeceu quando Bradi falou. — Não se afaste. A floresta é mortífera, especialmente à noite.

Bradi a viu afastar-se enquanto retirava a brula do fogo para deixar esfriar. Ele não gostou da ideia de Marisa vaguear na floresta sozinha no escuro, mas ele sabia que ela sentia que a tinha rejeitado. O contrário era verdade. Ele a queria toma-la mais que a própria vida, mas no momento em que ela mencionou que não tinha nenhuma forma de controle de natalidade artificial ele soube porque é que as panteras a tinham aceitado tão rapidamente – ela carregava o seu filho.

Não levaria muito tempo até ela descobrir que estava grávida e com aquele maldito chip médico embutido que tinha, poderia verificar o bebê e saber que o que ela carregava não era humano. Ele poderia atrapalhar as frequências se ela estivesse por perto, mas ele nem sempre estaria perto dela. E, quando o bebê chegasse, assumindo que eles sobreviriam o suficiente para encontrar a família dele, ela descobriria que a criança deles era mais do que humana, tal como o seu pai – marido dela.

Ele sabia que devia confessar tudo para ela e dizer-lhe que era uma lobipantera e que tinham feito amor duas vezes no POD, mas não podia. Ainda não. Ele não conseguia pensar em como é que ela iria reagir ao saber que um ser sobrenatural crescia agora no seu ventre. Os humanos detestavam a sua espécie e ele não conseguiria suportar ver a dor e horror nos olhos dela. Ele tinha testemunhado Marisa fazer coisas miraculosas a bordo do POD, mas até

que ela dissesse tudo e lhe dissesse exatamente quem e o que ela era, ele tinha de agir segundo a suposição que a mulher dele era humana.

Sabendo que não era seguro para ela estar sozinha, Bradi foi a procura dela. Antes de mais nada ele teria que confessar o que tinha feito e o que ele era. Isso teria que esperar. A segurança dela vinha em primeiro lugar. Bem, isso e a segurança do seu filho agora, também.

Eu vou ser pai.

O pensamento o atingiu duramente, o deixando curvado e com falta de ar. Ela é a minha verdadeira companheira e ela me odeia.

Marisa se sentou à beira de um lago raso e se maravilhou como a água aqui parecia turquesa. Não querendo arriscar descobrir o que vivia nas profundezas, ela se manteve um pouco longe da água propriamente dita.

Humilhação e confusão a inundaram. Como é que ela poderia ter estado tão disposta a dar a sua virgindade a um homem que ela não conseguia tolerar estar por perto apenas uns dias antes? Claro, eles tinham passado pelo inferno juntos nos últimos dias, mas isso não significava que tinha que dar o que ela tinha guardado para Peter.

Peter.

Culpa a percorreu quando pensou em como rapidamente após a sua queda ela quase o tinha substituído no seu coração. Ela olhou para as luas dos planetas. — Peter, onde quer que você esteja agora, me desculpe. Eu não queria que isto acontecesse. Eu não planejei.

Alguém limpou a garganta e ela rapidamente limpou as lágrimas das suas bochechas. Olhando para trás dela, ela viu Bradi ali parado. — O que é que você quer?

— Apenas vim ver como você estava, — respondeu Bradi suavemente.

— Estou ótima, agora vá embora.

Ele a ignorou e veio-se sentar perto dela de qualquer jeito. — Hmm, estou vendo que você encontrou uma nascente de banho.

Ela animou ao som de um banho. — Nascente de banho?

— Sim, não são tão quentes como as nascentes quentes que podem ser encontradas no planeta, mas são seguras e limpas.

— Seguras e limpas?

Ele riu suavemente. — Sim, você gostaria de comer primeiro ou tomar banho?

Ela estava esfomeada, mas um banho era muito bom para deixar passar. — Você pode voltar e comer. Eu gostaria de me limpar.

— Sem problema. Nós podemos nos banhar se você quiser. A brula é mais bem servida fria de qualquer modo.

Marisa levantou a cabeça e lhe deu um olhar engraçado. — Nós não vamos tomar banho. Eu é que vou.

Bradi balançou sua cabeça e apontou para as árvores circundantes. — Você não sente o perigo? Estamos sendo perseguidos... ou vigiados se você preferir, neste preciso momento. Não é seguro para mim deixá-la aqui sozinha, e estou precisando de um banho quente tanto quanto você, por isso...

Levantando a sua mão, ela o calou. — Já entendi, ok. Coisas grandes más e feias andando por aí é igual você e eu pulando ali juntos.

— Sim, essa é a versão curta.

Ela deixou o dedo do pé mergulhar na água e as suas pálpebras fecharam com a atração de um banho quente. Na nave, eles apenas tinham acesso às câmaras de limpeza que usavam reservas de água artificial. E, na Terra a água tinha sido restringida apenas para beber, por isso todas as casas tinham quartos parecidos. Banhos de água eram luxos e apenas os mais ricos dos Terráqueos poderiam ter. A atração de água real era muito tentadora para deixar passar. — Ótimo, mas você precisa virar para o outro lado.

Bradi riu virou. Ela não conseguiu evitar e olhou enquanto ele retirava a sua camiseta lentamente. Os músculos dele ondulavam com cada movimento e ela se questionou se ele teria que jogar as suas roupas civis adaptadas especialmente para o seu grande tamanho. Quando ele agarrou nas calças, ela arquejou.

— Porque é que eu tive que me virar se você vai ficar aí vendo eu me despir de qualquer jeito?

Marisa parou. Como é que ele sabia que ela estava olhando para ele? Teriam os olhos dela passado por ele tanto que ele a sentiu? Não. Isso era ridículo. — Você é tão convencido.

Ele riu e continuou a despir-se. Por muito que ela tentasse desviar o seu olhar, não o conseguia desviar dele. Quando o seu traseiro firme ficou exposto, um sorriso apareceu no rosto dela quando ela vislumbrou as suas nádegas com covinhas.

— Você gostaria que eu me voltasse? Assim você me poderia ver por completo.

Marisa resmungou enquanto arrancava as suas roupas. — Seu arrogante, filho de uma....

Duas mãos quentes agarraram a sua cintura enquanto ela tirava a sua camiseta pela cabeça. Presa em parte pelo material e em parte com medo, ela ficou quieta. — Não se mexa, Doutora. Alguma coisa está perto.

Imagens da enguia apareceram na cabeça dela enquanto Bradi tirava a camiseta dela. Com medo estaria os perseguindo, ela não pensou muito na sua nudez e se voltou para ele. Bradi deslizou as mãos para baixo através da sua cintura, fazendo com que a respiração dela ficasse presa, antes de pousarem no início dos seus shorts.

— Deveria tirar isto disto para que tenha roupas secas esta noite.

— Pensei que algo estava perto da gente.

— Está, — disse ele com um sorriso maroto. Ele posicionou a sua mão na virilha antes de se mexer para tocar nela.

Ela começou a protestar, mas parou quando o olhar dela caiu no peito moreno dele. Ela ofegou quando viu o tamanho do seu pênis. — Meus deuses!

Aquilo tremeu e ela saltou. Bradi riu enquanto se baixava diante dela. Num minuto, ele tinha os shots dela à volta dos seus tornozelos, e o seu rosto diretamente ao nível da sua vagina.

Os olhos dele brilharam e ele balançou ligeiramente. Com pela sua saúde, ela tocou no ombro dele. — Janelle?

— Mmm, você cheira tão bem... bem o suficiente para comer. Posso prová-la, Doutora? — Os olhos azuis dele presos nela e ela sabia que deveria estar atraída pelos seus comentários lascivos, mas não estava. Ela estava em brasa.

— Eu quero passar a minha língua em você e lamber o seu doce creme. Me dê esse prazer, por favor. — Mergulhando a sua cabeça para frente, Bradi se aconchegou entre as pernas dela. Ela cheirava tão bem, uma mistura de baunilha e o cheiro dele. Não havia qualquer dúvida na sua mente de que ela carregava o seu filho.

Quanto mais ele se concentrava no cheiro dela, mais ele descobria que a mistura combinava com a sua. Ele nunca tinha pensado muito em ter crianças, não porque não gostasse delas, mas porque ele nunca pensou que fosse capaz de engravidar alguém. A genética era engraçada no que dizia respeito ao DNA dos lobi. O receptor tinha de ser compatível para a semente germinar e as hipóteses disso eram tão raras que ele já tinha desistido de ter esperança.

Bradi afastou os lábios de Marisa e passou a sua língua pelo clitóris dela. Ela resistiu contra o seu rosto e ele riu suavemente. Ele sempre a achou tão séria, tão conservadora que ele mal podia acreditar que ela era tão selvagem como era *e dele*.

Minha? De onde diabo tinha vindo isto? Ela nunca me aceitará – não quando descobrir o que eu fiz, e o que realmente sou.

Bradi afastou os pensamentos de rejeição da sua cabeça e se concentrou em Marisa. As pernas dela tremiam com cada investida da sua língua e ele sentiu o momento exato antes das pernas dela cederem. Segurando ela rapidamente, ele a deitou no chão. Ele afastou as suas pernas e enterrou seu rosto na vagina dela. Ela não sabia o quão maravilhosamente era para ele. Ele nunca teria o suficiente da sua esposa.

Minha esposa.

As palavras não eram as que ele tinha pensado que se aplicariam a ele. Em todo o tempo em que estava vivo, Bradi nunca se imaginou casado, preso a uma mulher. Agora, enquanto a sua língua penetrava nas suas dobras, lambendo o creme dela, ele não conseguia imaginar a vida sem Marisa nela.

Ela deslizou os seus dedos para o cabelo dele e o seu peito apertou. Desta vez, Marisa estava totalmente acordada e sabia que era ele, não Pete diante dela, no entanto ela parecia tão desejosa como tinha estado no POD. Poderia isso significar que ela sentia o mesmo por ele como sentia por Pete? Ela o amava, também?

Colocando o dedo no seu canal estreito, Bradi ficou maravilhado pelo quanto ela estava molhada. Ele queria deslizar o seu pênis para dentro dela e

deixar o corpo dela apertar à volta dele enquanto a montava, mas primeiro precisava cuidar do prazer dela. Empurrando o dedo para dentro e fora do seu canal apertado ele sorriu quando ela começou a arfar. — Você gosta disto, não gosta, querida?

— Mmhmm, — ela gemeu.

— Me diga que você gosta, Doutora. Me diga que você gosta quando eu toco em você. Me diga que me quer enterrado bem fundo em você. Quero ouvir você dizer. — Bradi precisava ouvir as palavras saírem dos lábios dela. Ele precisava de algum tipo de garantia que ela sentia alguma coisa por ele. Os sentimentos que ele tinha por ela não eram nada que ele tivesse sentido antes.

Marisa se moveu ligeiramente. — Eu... eu gosto quando você me toca, Bradi. E, eu quero você. Deuses, eu quero você!

Movendo rapidamente a sua língua sobre o clitóris dela, ele parou para o chupar. Marisa veio com uma sacudida, enrolando as suas pernas em volta da cabeça dele e gritando. A besta dentro dele se ergueu rapidamente à superfície e ele soube que nunca seria capaz de lutar contra ela sozinho. As suas garras apareceram, e os seus incisivos desceram. O ondular nas suas costas indicavam que pelo estava apenas a segundos e ele soube que tinha que se afastar dela rapidamente. Se afastando dela, ele se voltou e rolou para dentro de água.

Água quente o cumprimentou na sua descida e ele agradeceu a sua ajuda. A besta dentro dele lutou para ser libertada, mas ele manteve o controle – por pouco. Apenas Marisa conseguia fazer com que ele perdesse o seu controle ganho arduamente. Parecia que apenas ela era capaz de o deixar num estado permanente a beira da mudança. Se cada vez que tocasse nela levava á mudança, então ela saberia quem ele era em breve. Um monstro. Um animal. Um mentiroso. O pai do filho dela e seu marido.

Emergindo a superfície, ele procurou por Marisa. Ela tinha desaparecido. Pânico o invadiu quando ele saía da água. — Doutora?

Quando ela não respondeu, ele não parou para se vestir, ele se transformou rapidamente na forma de pantera para a localizar melhor. Apanhando o cheiro dela, ele correu na direção do acampamento deles. Ele o verificou rapidamente em busca de ameaças e quando considerou que não havia nenhuma, ele voltou transformado na sua forma humana.

— Doutora?

Olhando em volta, Bradi a descobriu deitada junto da fogueira de costas voltadas para ele. As suas curvas acentuadas pelo brilho suave do fogo e ele soube naquele momento que nunca seria bom o suficiente para ela. Ela merecia um santo, não um otário que a tinha deixado na beira da água sem pelo menos uma explicação. Culpa o invadiu quando percebeu que ela tinha entendido o seu mergulho na água como outro sinal de rejeição. Ele andou lentamente na direção dela e se sentou junto da sua forma nua.

— Marisa?

Ela não respondeu. Ele se inclinou sobre ela e viu os olhos dela fechados e a sua respiração superficial. Ela tinha adormecido. Ele não podia culpa-la. Eles tinham tido uns dias de inferno e ela não tinha comido. A gravidez provavelmente contribuía para o cansaço dela e ele não podia lutar contra o impulso de se deitar perto dela. Encaixando o corpo dela no dele, ele a apertou enquanto o sono se apoderava dele também. — Bons sonhos, esposa.

CAPÍTULO SEIS

Marisa olhou para as costas de Bradi enquanto ele caminhava à sua frente. Eles estiveram andando o dia todo e ela estava exausta. Cedendo às exigências do seu corpo dolorido, ela sentou-se no chão da floresta.

Fechando os seus olhos, ela tentou mais uma vez que o chip médico incorporado funcionasse. — Verificar o corpo por sinais de infecção.

O chip ligou e instantaneamente falhou.

— Doutora?

Espreitando por um olho, ela grunhiu quando viu Bradi em pé perto dela. Ela deitou-se no chão sem se importar sobre o que estava rastejando por cima dela. Ela estava cansada e precisava dormir.

— Nós não podemos parar aqui. Não é seguro, — disse Bradi, tocando a sua perna levemente. — Você vai falar comigo? Este tratamento de silêncio está ficando velho.

Ele estava certo. A última vez que ela falou com ele estava à beira do lago e passou cerca de cinco dias, e tinha sido o inferno ficar em silêncio. — Está bem. Sobre o que você gostaria de falar? Importa-se para me dizer como você parece sempre saber quando algo está nos perseguindo ou como você sabe tanto sobre este planeta?

Bradi ficou imóvel e ela deu-lhe um sorriso falso. — Isso é o que eu pensava. Estou cansada, Tenente-Comandante e preciso dormir um pouco. Eu contraí um vírus neste planeta em que você parece ser um perito e tudo o que eu quero é ir para casa.

— Você precisa de comer.

O pensamento de comer virou o seu estômago. — Eu não consigo. Toda vez que eu coloco algo na boca, volta para cima outra vez.

— Puxa, se conhecêssemos um curandeiro, ele disse ironicamente.

Ela sentou-se rapidamente e olhou para ele. — Diga o que está pensando, Janelle.

Tocando na bochecha dela, ele deu-lhe um enorme sorriso. — Você é ainda mais bonita quando está com raiva.

Atordoadada com as suas palavras, ela virou a cabeça. — Bem, considerando que eu só tenho você para me fazer companhia deve significar que eu sou linda de morrer o tempo todo, uma vez que praticamente me tem num estado permanente de irritação.

— Sim, você é sempre linda, — disse ele, como se isso esclarecesse tudo.

Ela estava muito cansada para continuar discutindo com ele. O seu corpo doía e o seu estômago estava feito num nó. Afundando de volta para o chão da floresta, ela fechou os olhos. — Por favor, Bradi. Eu preciso de descansar.

— Eu sei, querida.

Marisa não tinha certeza se foi o pedido de desculpa ou o dizer o seu primeiro nome, mas ele finalmente concordou em deixá-la descansar. Quando os seus braços empurraram por debaixo dela, ela soltou um grito. — Que diabos você pensa que está fazendo?

Ele sorriu para ela enquanto a erguia no ar. — Eu vou carregar você. Eu disse-lhe que não é seguro aqui e eu falei sério.

Revirando os olhos, ela empurrou o seu peito. — Ponha-me no chão. Eu vou a pé.

Ele puxou-a para mais perto dele, permitindo-lhe cheirar o seu cheiro másculo. — Gosto de você aqui e você está certa... você precisa descansar.

Abrindo a boca para protestar, Marisa parou quando viu os músculos do seu pescoço moverem-se. Fogo atravessou o seu corpo e ela teve a vontade louca de deslizar a língua sobre a pulsação que batia no seu pescoço. Querer lambe um homem todo não era uma sensação a que ela estivesse acostumada, e isso assustou. Orgulho a fez querer andar, mas fadiga e medo estavam no controle agora. Incapaz de lutar mais, ela deitou a sua cabeça no peito dele e fechou os olhos. Ela nunca iria admitir isso para ele, mas ela meio que gostava que ele a tivesse segurando, também.

* * * *

Bradi correu com Marisa nos seus braços. Era melhor que ela dormisse. Isso significava que ele poderia mudar parcialmente e viajar mais rápido. Ele manteve um olhar atento sobre ela para monitorá-la. A última coisa que ele precisava era que ela acordasse e encontrá-lo coberto de uma camada de pelo preto e os seus olhos brilhando em amarelo. De alguma forma, ele não achava que ela fosse aceitar isso muito bem.

Ele passou cinco dias tentando pensar em maneiras criativas de lhe dizer que ela carregava o seu filho e que era a sua mulher aos olhos do seu povo. Nada parecia ser bom o suficiente e independentemente do que ele decidisse fazer, ele sabia que iria perdê-la.

Marisa era demais para ele.

Isso não era aceitável. A feroz necessidade de protegê-la, estar perto dela, sustentá-la e amá-la era tudo o que o consumia. Ele sabia que nunca seria capaz de deixá-la ir e que, no final, ela iria exigir, sem dúvida, ir embora.

* * * *

Nina Janelle moveu-se com uma graça que a maioria das mulheres humanas não possuíam. Ela parou na frente de Pheebs, um guerreiro de confiança entre os seus guardas. — O que era tão urgente que você precisava me afastar dos meus deveres?

— Perdoe-me, minha senhora, mas eu trago notícias que eu acho que você deveria saber.

Ela fez sinal para ele se juntar a ela no seu escritório. — Diga-me essa notícia.

— Um grupo dos meus homens, um conjunto de panteras, estava retornando de uma missão de reconhecimento sobre as margens do Mar Vermelho e encontrou um forasteiro.

— Um forasteiro, a sério? — O interesse de Nina foi despertado. Eles mantinham um controle rigoroso sobre o número de pessoas de fora que eles permitiam no planeta. Além do grupo que havia chegado há dois meses com seu cunhado, eles não tinham tido nenhum forasteiro por mais de algumas horas em décadas. — Continue.

— Sim, minha senhora. Em primeiro lugar, eles assumiram que a mulher estava sozinha, e eles estavam sedentos de.... — Os olhos dele deslocaram-se

para baixo. Nina sabia que os desejos sexuais que os homens tinham eram grandes e, no entanto, ela os desencorajou a buscarem satisfação em qualquer um que não fosse o seu companheiro destinado. Fazê-lo significava a morte certa e muitos não arriscavam isso. Pheebe admitia que os homens ficarem excitados era exagerado para a severidade daquilo que ele estava prestes a lhe dizer.

— Continue.

— Os homens a encurralaram e imediatamente perceberam que ela tinha a marca de um dos nossos. Pensando que ela poderia ser a companheira de um dos homens de Stegian, eles inspecionaram mais. Ela esta grávida, e eles afirmam que ela estava coberta do cheiro de...— Ele parou e olhou para ela.

Nina acenou com a cabeça. — De quem, Pheebe?

— Do Bradiinn.

— Você está enganado. — Stegian era um vampiro malvado e feiticeiro que tinha aterrorizado o seu povo por mais de cento e cinquenta anos. Nina acreditava que ele estava por trás de praticamente tudo que acontecia. Ela não podia e não acreditaria que o seu irmão estava de volta.

Pheebe balançou a cabeça. — Não, minha senhora. Meus homens dizem que uma grande pantera negra avançou e desafiou-os por causa da mulher. Você acha que ele foi enviado pelo Stegian para tentar matar você e a sua irmã?

Os olhos de Nina se arregalaram e o seu coração acelerou. Por mais que ela não quisesse acreditar que era verdade, ela tinha visto o seu próprio pai virar-se contra a sua família. Bradiinn tinha sido banido do planeta pelo seu pai devido aos rumores do seu envolvimento com Stegian. Se era verdade, e ele estava de volta, ele era uma ameaça, ela não queria imaginar encontrar-se com ele sozinha. — Não diga nada a ninguém. Organize um grupo de cinco homens. Traga cavalos extras. Devemos estar prontos em uma hora. Se Bradiinn está aqui, vamos encontrá-lo.

CAPÍTULO SETE

Marisa aninhou-se ao lado de Bradi e tentou o melhor que podia para não ficar excitada. Era difícil tendo em conta a sua proximidade. Ela também percebeu que apesar de estar cansada o tempo todo e que tinha pouca habilidade para manter qualquer coisa no estômago, ela estava com um enorme tesão.

Bradi se inclinou sobre ela e pegou outro pedaço de fruta que ele chamava satunie, mas que parecia manga. — Aqui, coma.

O seu estômago se virou. — Não consigo.

— Doutora, querida. Você tem de comer qualquer coisa. O be...

— O quê? — ela perguntou esperando que ele terminasse a frase.

— O vírus que você tem não vai melhorar a não ser que coma. Você não pode esperar que o seu corpo melhore quando você vive apenas de água e ar.

Ela riu suavemente com a ironia, mas sabia que ele estava certo. — Vamos fazer o seguinte. Faremos um acordo.

— Estou ouvindo.

Esquecendo todo o seu discernimento, Marisa continuou. — Me dê o que eu estou ansiando e eu comerei o raio da fruta.

— O que é que você está ansiando? — perguntou ele, um toque de divertimento na sua voz.

Não havia dúvidas na sua mente que ele iria obrigar dizer. Ela rolou os olhos e bateu no peito dele suavemente. — Você. — Ela estendeu a mão e segurou a protuberância em suas calças. — Isto.

Bradi rosnou e a deitou de costas. Por um momento, ela pensou ter visto os seus olhos mudarem para amarelo, mas quando ele olhou para ela das suas órbitas azuis ela sabia que estava enganada. — Não brinque comigo, Doutora.

— Eu, brincar com você? Por favor. Você é que foge de mim sempre que nos aproximamos. — Ela se moveu debaixo dele enquanto ele empurrava seu quadril para ela. — Ouça, eu sei que sou a última pessoa com quem você quer estar e sei que não sou como as suas outras mulheres, mas eu preciso...

Ele baixou os lábios e a beijou rapidamente. — Não, você não é nada como as outras mulheres.

A dura realidade das palavras dele atingiu-a e ela empurrou-o para sair de cima dela. — Saia, Bradi. Agora!

Ele pareceu magoado enquanto rolava para o lado. — Que foi que eu disse?

— Como se eu não tivesse ouvido o suficiente enquanto crescia... como se precisasse que você o esfregasse na minha cara.

Bradi piscou enquanto tentava colocar um braço á volta dela. Ela afastou-o e olhou para ele. — Você sabe, a minha madrastra nunca hesitou em dizer como eu era na minha aparência e com a minha condição ela dizia que teria sorte se alguma vez chamasse a atenção de um homem. — Ela deixou o seu olhar endurecer. — Não fui abençoada com enormes seios e pernas extralongas. Eu percebo que não sou uma supermodelo ou uma fanática do Bradi. Não preciso que você me lembre que não pertencço a pilha das suas vadias. — Marisa tentou-se levantar, mas Bradi agarrou-a e puxou-a para ele.

— Não sei o que raio a sua madrastra estava falando que afazia pensar que você era inferior de qualquer jeito, querida, mas ela estava enganada. Completamente errada. Eu não ficava quieto rangendo meus dentes de todas as vezes que via Pete colocar um braço em torno de você sem motivo, senhorita. Eu penso que você é a mulher mais sexy que eu alguma vez...

— Você acha que sou sexy? — perguntou Marisa, o puxando para ela. Ela não esperou pela resposta dele. Ela se apoderou da boca dele com a sua e gemeu.

Bradi estava muito chocado para fazer mais do que beijá-la de volta. As mudanças de humor de Marisa intrigavam-no, mas ele sabia as razões delas. Fazendo círculos com a língua quente dela, ele deixou as suas fantasias tomarem controle e ele imaginou ela esperando ansiosamente na porta da casa deles pela

sua volta com o filho deles nos braços. Excitou-o, alimentando os seus desejos sexuais já avassaladores.

Passando as mãos pelo seu corpo, ele deslizou os seus dedos para dentro dos shorts dela e colocou a mão em concha no seu monte. Marisa se encostou mais a ele e mordeu os lábios dela levemente. Deslizando os dedos para dentro do corpo apertado dela, ela começou a gritar. Ele usou o seu polegar para esfregar o clitóris inchado e continuou a assaltar o pescoço e boca dela com beijos.

— Doutora, — ele sussurrou, quase fazendo uma confissão de amor do que ele gostaria. — Você me deixa louco.

O corpo de Marisa se contorceu sob o toque dele e os gritos de paixão dela coincidindo com o seu interior apertando em torno dos seus dedos. Sabendo que ela estava vindo com o toque da sua mão deixou o seu pênis duro escorrendo pré-ejaculatório com antecipação. A necessidade de a tomar era forte, mas ele não podia. Quando ela estivesse pronta para o deixar fazer amor com ela, faria – uma e outra vez.

Ele tirou os seus dedos molhados do corpo dela e levou-os aos seus lábios. Os olhos de Marisa se abriram enquanto ela o via a lamber o creme deles. Vendo a excitação nos olhos dela, Bradi colocou um dedo perto da ponta da sua boca, a desafiando a provar-se. Quando os lábios cheios dela deslizaram pelo dedo médio dele, ele quase veio no seu estômago. Ela sugou gentilmente e ele não conseguiu evitar e gemer.

— Você gosta disto? — ela perguntou suavemente, uma pitada de malícia nos seus olhos verdes. Ele esperava que isso significasse que ela queria mais.

— Me deixe amá-la, Doutora. — Era impossível disfarçar o desespero na voz dele, por isso ele nem tentou. O coração dele falhou quando ela balançou a sua cabeça.

— Ainda não, — disse ela, enquanto empurrava com força no peito dele.

Sabendo que Marisa nunca teria a força para o mover, ele virou com ela e se deitou de costas. Ela se moveu sobre ela, colocando um véu de cabelo castanho á volta deles. Se dobrando para o beijar, ela montou o corpo dele e Bradi lutou muito para se impedir gozar cedo demais.

Ela se balançou contra o seu pênis, e ele conseguia sentir a humidade da vagina dela encharcada passando pelas suas roupas. — Doutora, — ele implorou.

Marisa riu suavemente e se moveu lentamente pelo corpo dele. Puxando a camiseta dele para cima e sobre a sua cabeça, ela olhou para ele como sempre tinha sonhado que ela fizesse – com luxúria, paixão, e ele esperava, amor.

Ela espalhou beijos no peito dele, enquanto passava as mãos no seu corpo. — Você é tão grande.

Bradi riu. — Obrigado... penso eu.

— Mmm, — ela murmurou enquanto passava a sua língua sobre o mamilo dele. — É uma coisa boa, mas é um pouco perturbador.

Passando a mão pelo cabelo dela, ele puxou a cabeça dela para trás. — Porque é que eu ser grande é perturbador? Eu pensei que você gostasse disso.

— Porque, quando eu não estou pensando em você colocando os seus enormes braços à minha volta, eu estou pensando em como seria quando você estiver entrando e saindo de dentro de mim.

O atrevimento das palavras dela chocou-o. Marisa parecia sempre tão tímida quando falava de sexo, mas agora a mulher dele estava desabrochando diante dos seus olhos.

A minha mulher, ele repetiu na sua cabeça.

— Bradi?

Ele percebeu que não tinha respondido e ele passou os dedos em sua bochecha. — Eu gosto de imaginar você debaixo de mim, o seu cabelo espalhado, e os seus olhos presos nos meus enquanto eu a encho com a minha semente. — Bradi esperou que ela se afastasse em desgosto ou que lhe atirasse Pete em sua cara. Ela gostava de fazer isso depois dele fazer confissões como aquelas. Ela não o fez.

Em vez disso, Marisa avançou pelo corpo dele, deixando um caminho de beijos quentes. Ele teve medo de se mexer quando ela lhe abriu as calças. Só quando ela pegou o seu pênis duro, e colocou os dedos em volta que ele finalmente exalou.

Passando os dedos dela pela cabeça do seu pênis, os olhos encontraram os dele. A língua dela saiu e passou pela ponta do seu pênis e ele pensou por um momento que perderia o controle e gozaria. Felizmente, ele conseguiu aguentar. Marisa estendeu as suas mãos e segurou no seu saco gentilmente enquanto plantava beijos abaixo por todo o comprimento do seu pau. No caminho de volta para cima, ela começou a sugar gentilmente as laterais do seu pênis. Prazer

queimou através do corpo dele e a sua mão direita mudou rapidamente para a forma de pantera.

Cuidadosamente, ele afastou as mãos da cabeça de Marisa e ficou aliviado por ver que ela não notou a mudança. Os seus lábios cheios pairaram por cima da cabeça do pênis dele e ele olhou enquanto ela o tomava todo na sua boca quente. Nunca antes sexo oral tinha sido tão bom. Havia algo especial de ter Marisa sugando gentilmente nele enquanto o segurava que fez parecer que toda a luta. Como um desperdício de tempo e energia.

A boca doce dela subia e descia no seu pau rígido e no segundo em que ele sentiu ela rapar os dentes nele ligeiramente, ele se mexeu para a tirar de cima dele. — Doutora, eu vou gozar. Saia....

Marisa gemeu e levou a sua boca para baixo nele com força e rápido, sugando com toda a sua força. O saco de Bradi contraiu e o corpo dele ficou rígido enquanto ele jorrava a sua semente na garganta dela. Ela sugou com mais força, os olhos dela rolando para trás da sua cabeça, enquanto apertava bem o seu pênis.

— Eu a amo, Doutora, — disse ele, já não querendo saber do seu orgulho.

Ela saiu dele lentamente, beijando a ponta do seu pênis saciado antes de olhar para cima para ele através dos seus cílios. As bochechas dela estavam manchadas de vermelho e ela parecia tão bêbada como ele se sentia pela paixão deles. — Hmm?

— Eu disse que a amo.

Os olhos de Marisa ficaram enormes e ela balançou a sua cabeça ligeiramente. — Você quer dizer que ama que tenha o seu pênis chupado certo?

Magoado pela forma como ela conseguiu distorcer um momento bonito pior que um homem, ele olhou fixamente para ela. — Doutora, não. Eu disse que eu... — O barulho de um galho partindo chamou a atenção dele. Os cabelos na parte de trás do seu pescoço se eriçaram. Rapidamente, ele agarrou Marisa e a atirou para trás dele no chão. Ele se atrapalhou com as suas calças e conseguiu fechá-las, antes de olhar para a floresta. Ele se levantou rapidamente, mas manteve-se junto ao chão.

— Bradi?

— Shhh, — ele sussurrou, colocando a sua cabeça de lado, ouvindo quaisquer indicações de quem era o inimigo. — Apareça. Eu sei que está aí.

O quê?

Marisa se sentou atrás dele e olhou na direção em que Bradi tinha falado. Os seus olhos abriram-se enquanto ela via uma mulher tão bonita que sentiu que devia afastar o olhar. Ondas de cabelo negro derramados em volta dela e ela estava sem maquiagem. Uma Amazona coberta de couro era tudo em que Marisa conseguia pensar que estaria o mais perto para descrevê-la.

A mulher sacou uma arma ao seu lado e estreitou os olhos primeiro nela depois em Bradi. — Bradiainn, tinha de vir e ver se os rumores eram verdadeiros.

Bradiainn?

Marisa olhou para Bradi por orientação, mas ele continuava tão quieto como uma estátua. — Olá, Nina. Diria que é bom vê-la novamente, mas isso seria mentira, — disse ele, um claro sotaque Britânico agora evidente na sua voz. Era como ela esperava. Ele tentava esconder.

A megera riu e Marisa tremeu. Nina olhou para ela e passou a língua dela pelos seus dentes brancos. — E você é?

Bradi estendeu os braços e puxou-a para trás dele. — Ela não é importante.

Não é importante?

As palavras dele feriram. Um minuto antes ela poderia jurar que ele tinha confessado amá-la, mas a frieza na voz dele dizia o contrário. Magoada por significar tão pouco para ele, Marisa piscou para conter as lágrimas. Ela tinha pensado que tinham partilhado alguma coisa especial, mas agora ela sabia que apenas tinha sido um meio para a libertação dele e nada mais. Mais uma do seu harém sem fim. Uma fanática do Bradi.

— Eu não perguntei a você, Bradiainn. Ela tem boca, a deixe usá-la, — disse Nina, encarando Bradi, o seu sotaque combinando com o dele. — Quem é você, mulher?

Marisa encolheu os ombros. — Sou a Dr.^a Marisa Langston, ou você pode-me chamar de não importante, tudo depende a quem pergunta. Mas, hey, ele teve o que queria por isso o que importam agora os títulos? — Ela não poderia ter parecido mais fria ou mais afastada da situação se tentasse.

— Uma doutora? — perguntou Nina, olhando para ela de cima abaixo.

— Sim.

— É uma verdade, mas não a verdade toda. — Nina deu um passo em direção a ela e Bradi rugiu. — Há mais em você, Dr.^a Marisa Langston, muito mais. O que é que você não me está contando?

— Deixe-a em paz, Nina. Estou-lhe avisando.

Nina soltou um riso rico e acenou para Marisa se aproximar dela. — Gostaria de vê-la mais de perto.

Marisa fez um movimento para ir para Nina. Bradi se virou rapidamente e a agarrou. — Não!

De repente, homens o rodearam. Alguns seguravam espadas, outros armas, mas estavam todas apontadas para Bradi. Ele puxou-a de volta e começou a andar para trás e para a frente diante dela. Ele assumiu a estranha sensação de um predador e Marisa viu-se se afastando dele.

— Oh, Bradiainn, você pensa realmente que pode derrotar-nos a todos? — perguntou Nina, um ligeiro sorriso no seu rosto sem falhas.

— Não vou deixar que a leve. Eles não irão colocar as mãos nela!

Marisa queria perguntar de quem Bradi se referia, mas sabia melhor. Nina olhou para ela e por um momento, os seus olhares se encontraram. O conhecimento de que se a situação ficasse crítica, Nina seria capaz de fato de matar Bradi a atingiu. Ela arquejou. — Não o machuque. Eu irei ter com você.

Ele a rodeou. — Você é louca? Você tem ideia do que é que eles fazem às mulheres por aqui?

— Ela é uma mulher. — Marisa apontou para Nina.

— Ela é certificada e não conta. A opinião dela é existente e a sua habilidade para ver a verdade é sombria no melhor. — Bradi confessou. — Doutora, me diga que é mais esperta que isto.

Nina juntou as suas mãos e olhou em volta para os seus homens. — Chega, apanhem-nos!

— Me desculpe, — Marisa cuspiu.

Bradi afastou-a com o seu braço e dois homens lançaram-se para ele. Ele os abateu rapidamente, os arremessando na outra direção. Mais dois o atacaram e um correu para ela.

Marisa olhou para o grande homem que se dirigia para ela e deixou os seus instintos tomarem conta. Ela se baixou e ele falhou em agarrá-la. Girando em volta, ela o atingiu nas costas com força. Por um minuto, ela pensou que os olhos dela estavam pregando truques enquanto ela via a pele do homem ondular por baixo das duas tiras de couro que cobria o seu peito de outro modo nu. Quando pelo brotou em todo o seu corpo, Marisa gritou.

— Doutora?

Ela se voltou para ver a atenção de Bradi nela e não nos homens que o atacavam. Os olhos azuis dele se abriram e o seu maxilar caiu. Segurando seu estomago, Bradi caiu de joelhos.

No início, Marisa não compreendia o que tinha acontecido. Ela não tinha ouvido nenhuma arma disparar, mas quando ela viu a ponta de uma lâmina prateada saindo do estômago de Bradi, ela soube.

— Bradi! — ela gritou, correndo para ele.

Um braço peludo a agarrou pela cintura e a levantou do chão. Ela não precisou de olhar para trás para saber que um monstro a segurava. As suas preocupações já não eram mais com ela própria. Tudo o que importava era que Bradi estava morrendo.

Bradi esticou a mão para ela e sentiu o coração partir em milhares de pedaços. — Doutora, me desculpe...

— Me ponha no chão!

Nina correu para o lado de Bradi e olhou para ela. — Você consegue ajudá-lo?

Marisa parou de lutar. — O que é que lhe interessa?

Nina tocou na bochecha de Bradi levemente e olhou de novo para Marisa. — Ele é meu irmão.

A coisa que estava agarrando Marisa a libertou e ela correu para Bradi. Caindo de joelhos, ela avaliou a situação rapidamente. Ele tinha sido trespassado pela espada e ela apenas poderia adivinhar quantos órgãos internos estariam danificados. Bradi caiu de lado e tentou tocar nela. Um homem chegou perto dele por trás e agarrou na espada.

— Não! — gritou Marisa. Olharam todos para ela. — Se você arrancar isso antes de o termos em algum lugar onde o possa verificar, ele sangrará até a morte.

— Pheebes, se afaste, — disse Nina, sua ordem firme.

— Sim, minha senhora.

— Precisamos levá-lo para uma unidade médica, rápido. Com o equipamento apropriado talvez consiga reparar os danos internos e parar o sangramento, mas não temos muito tempo.

— Deveremos demorar pelo menos três horas para chegar ao complexo, a não ser que ele seja capaz de...

Bradi estendeu a mão e tocou na perna de Nina, a interrompendo no meio da frase. — Não.

Nina olhou para ele por vários minutos antes de olhar de novo para Marisa. — Ela não sabe, não?

— Não, ela não sabe, — disse Bradi, enquanto tossia. — Por favor, Nina... não.

— Ela tem o direito de saber, Bradiann. Se ela realmente te ama não vai importar.

Sangue corria pelo canto da boca de Bradi e os seus olhos prenderam em Marisa. — Ela não me ama. — A cabeça dele bateu fortemente no chão e o seu corpo ficou mole.

Nina se voltou para Marisa, seus olhos muito abertos de medo. — Ajude-o!

Marisa lutou muito para ficar calma. A necessidade de gritar em agonia ao pensamento de perder Bradi era difícil de vencer, mas de um jeito, ela conseguiu. — Preciso de saber alguma coisa dele, antes de começar?

— Você o ama? — perguntou Nina.

Marisa abriu a sua boca para dizer não, mas parou. — Sim. Eu o amo.

— Ele é um metamorfo. Uma pantera para ser exata. Se você conseguir curar ao ponto dele conseguir mudar, ele sobreviverá.

Bradi, um metamorfo?

— Rápido! — gritou Nina.

— Nos deixe sozinhos. — Não havia hipótese de que ela ia ter uma audiência para aquilo que ela estava prestes a fazer. Eles se levantaram rapidamente e ela levantou a mão para aquele que se chamava Pheebes. — Retire a espada dele.

Nina agarrou seu braço e por um segundo ela pensou que o fosse retirar. — Você disse que ele sangraria até a morte.

Marisa fechou os olhos e deixou os seus poderes aumentarem. Eles invadiram os seus braços rapidamente e ela soube antes de abrir os olhos que as suas mãos estavam brilhando. Acontecia sempre assim. A luz branca era seguida pela sensação de leveza.

Nina olhou para ela e acenou com a cabeça. Ela apressou os outros para longe dela e Marisa colocou as mãos na ferida de Bradi. Se inclinando, ela deu um beijo nos lábios dele enquanto lágrimas quentes lhe caíam pelo rosto. Os rasgões nas pernas dela, que tinham cicatrizado, mas doloridos, se curaram. Ela sabia que estava funcionando, mas não tinha certeza se ela possuía poder suficiente para salvar Bradi. Ela nunca tinha tentado antes curar alguém que estava mortalmente ferido, e não queria pensar no que poderia acontecer se falhasse.

— Não posso perder você, também, — ela sussurrou e injetou mais do seu poder para o corpo dele. — Não quero saber se você não sente o mesmo por mim. Eu te amo, Bradi Janelle.

Enquanto a última luz dentro dela entrava no corpo de Bradi, Marisa se sentiu vacilar. Ela tinha usado muita energia, demasiado poder tentando curá-lo. — Eu irei segui-lo, Janelle. Se você morrer, eu o seguirei para a vida após a morte. Seu bastardo teimoso. Não o deixarei ir sem mim. Não deixarei. Eu amo você e não vou deixá-lo ir! — Pousando a sua cabeça no peito dele, ela envolveu os seus braços em volta dele. De repente, ela sentiu por baixo dos seus dedos. Sabendo que ele iria sobreviver, ela deixou a escuridão invadi-la.

CAPÍTULO OITO

Bradi mergulhou o pano molhado na panela de água fria. Tinha sido umas semanas de revelações e preocupações. Sentiu como se um peso tivesse sido retirado dos seus ombros quando ele e Nina esclareceram as suas diferenças. Tudo o que ele conseguia pensar quando ele tinha sido transpassado pela espada era que seu pai de alguma forma iria colocar as suas garras em Marisa e entregá-la para Stegian.

A simples menção do vampiro o fez estremecer. O pensamento da sua esposa ser exposta a Stegian o aterrorizava. Quando ele percebeu que o seu pai já não era mais uma ameaça e Nina não estava aliada com Stegian, ele se concentrou em Marisa. Ela estava inconsciente desde que tinha salvo a sua vida.

Limpando a testa de Marisa suavemente, ele sentiu alguém tocar-lhe no ombro. Ele sabia, sem olhar quem era. — Lorelei.

— Bradiainn... Bradi. Sinto muito. Eu não estou acostumada a chamá-lo pelo seu recente apelido novo.

Foi bom ouvir a voz da sua irmã gêmea. Tinha passado tanto tempo desde que ele a tinha visto que estava quase com medo de olhar para ela. Ela tinha ido embora quando ele tinha despertado para encontrar Nina na sua cabeceira com notícias da condição de Marisa, Lorelei tinha ido negociar com a aldeia de Neatalie. — Nina me disse que você está acasalada agora, Lorelei.

— Eu estou. O nome dele é Sevan e o nosso filho cresce dentro de mim enquanto falamos.

Ele também sabia disso. O que chamou a sua atenção foi o nome do seu companheiro. — Sevan Vasil?

— Sim. Porquê, você o conhece? — Perguntou Lorelei.

Bradi manteve os seus olhos treinados em Marisa enquanto continuava a tentar baixar a sua febre. — Eu conheço. A Comissão pensa que ele e os seus homens estão mortos.

Lorelei ficou em silêncio por um momento. — Nós supusemos isso. Não, eles estão todos, ou quase todos, vivos e bem. Oferecemos-lhes a oportunidade

de ir embora, mas todos quiseram ficar. Eles pensam nisto como a sua casa agora, e nós estamos contentes em tê-los.

Bradi assentiu enquanto ele continuava a limpar Marisa. — O Christian já voltou? — Ele ainda não tinha visto o seu amigo de infância desde que voltou e odiava admitir que ele sentia a sua falta. Perder Pete o fez perceber quão precioso e curto o seu tempo com todos poderia ser.

— Ainda não. Ele deve estar aqui ao pôr-do-sol. Ele vai ficar feliz em vê-lo, Bradiann. Vocês dois não estão planejando explodir alguma coisa novamente, não?

Ele riu enquanto pensava sobre o tempo que eles acidentalmente incendiaram a cozinha quando tinham recebido ordens para ajudar o pessoal da cozinha como uma punição por vaguearem na floresta sozinhos. O chefe na época, o pai de Christian, parecia tão zangado com eles, mas quando eles dobraram a esquina depois que ele gritou, eles ouviram-no rindo.

Lorelei apertou suavemente seu ombro. — A Nina lhe contou do pai e de Jacquelyn?

O estômago de Bradi torceu em um nó enquanto ele pensava na sua irmã mais nova. Stegian conseguiu controlar completamente a mente do seu pai e ele por sua vez atacou os seus próprios filhos. Nina lhe assegurou que o espírito de Jacquelyn ainda vivia em torno deles, que Christian tinha arranjado uma forma dela aparecer na forma de um holograma, mas o seu sofrimento não diminuiu. Ela era apenas uma criança quando ele foi embora. A mãe deles tinha morrido ao dar à luz e ele afundou-se em uma depressão. Não ajudou que os seus irmãos tivessem sido forçados a deixar o planeta nessa altura.

A culpa por ter deixado as suas irmãs assaltou Bradi e ele abaixou a cabeça de vergonha.

— Peço desculpa por eu não estar aqui para impedir o pai.

Ela soltou uma pequena risada. — Você não estava aqui para impedi-lo, porque nós acreditamos nele em vez de você. Acreditamos que você, os nossos irmãos, eram os que faziam acordos com o Stegian, não o pai. Ele nos enganou a todos. Se eu tivesse acreditado em você, o meu irmão gêmeo, então nada disso teria acontecido. Lamento que ele tenha mandado todos embora. Eu não sabia até que foi tarde demais.

— Eu sei. — E ele sabia. Lorelei e ele tinham partilhado uma estranha ligação desde que nasceram. Nascidos do mesmo útero, mas não do mesmo

ovo, eles tinham partilhado os poderes dos seus pais. Lorelei tinha saído à mãe que tinha sido uma sacerdotisa, enquanto ele tinha saído ao pai deles que tinha sido lobipantera majoritariamente. O seu corpo não tinha as coloridas, marcas tribais de tatuagem dos Shamenians, mas ele não só se podia mudar para um lobipantera enquanto Lorelei não podia, ele era um dos mais poderosos.

Ele virou-se e olhou para o rosto da sua irmã e sabia que ela o estava lendo...explorando a sua mente. Ele não se importava. Ele não tinha nada a esconder.

— Você ama essa mulher, não é?

Bradi acenou a cabeça enquanto ele tocou a mão de Marisa. — Amo.

— E ela carrega o seu filho?

— Sim.

— Então por que você parece tão perturbado?

— Ela nunca vai aceitar o que sou, e mesmo que ela o faça, ela nunca vai perdoar sobre como ficou grávida.

Lorelei aproximou-se dele e colocou a mão sobre a cabeça de Marisa. — Você parece tão certo de que ela não vai. Porquê?

Bradi desviou o olhar, não querendo responder a sua pergunta.

— Irmão, só porque a Nina e eu estávamos cegas por mentiras e por ódio não significa que ela também vai ficar. Tem fé que ela te ama.

O pensamento de Marisa amá-lo o fez rir. O coração dela pertencia ao seu melhor amigo. Não importava que ele estivesse morto...ela sempre tinha amado Pete.

— Então, a Nina não te disse tudo afinal. Não?

Bradi olhou para a sua irmã e deu-lhe um olhar interrogativo. — Huh?

— A Nina disse como é que você chegou até nós?

— Sim, Marisa me salvou. Ela deu muito de si mesma durante a transferência do seu poder e agora.... — Ele não conseguia dizer em voz alta. Agora Marisa estava morrendo.

— É verdade, mas será que Nina te disse por que ela deixou que Marisa mandasse todos saírem? — Ele balançou a cabeça negativamente e Lorelei assentiu. — Ela perguntou a Marisa se ela te amava e Marisa disse que sim. Nina

então disse-lhe o que você é, Bradi ... disse-lhe que você é um shifter, um lobi-pantera e mesmo assim ela ainda te salvou.

A noção daquilo soava muito romântico, mas Bradi sabia mais. A mulher só o tolerava. Ela não o amava. — Ela provavelmente só disse que me amava para levá-los a nos deixar em paz. Ela não quer que ninguém saiba sobre os seus dons. E, se eu tivesse morrido, ela não teria forma de sair do planeta. Ela é engenhosa.

Lorelei encolheu os ombros. — Eu suponho que você está certo, mas isso não explica por que quando Nina correu para verificar você, ela encontrou Marisa envolvendo o seu corpo em torno do seu e dizendo-lhe que ela iria segui-lo para o reino dos espíritos se você fosse embora. As mulheres que não se importam com o homem costumam fazer isso?

Ele ficou rígido, fazendo o possível para assimilar o que estava sendo dito. — Ela disse que iria me seguir?

— Ela disse.

Bradi levantou-se e agarrou a sua irmã em seus braços. A sua barriga era redonda e ele não queria machucá-la, mas ele tinha que abraçá-la. — Caramba, eu não posso perde-la, Lorelei. Eu não posso. Ela é a minha companheira. Ela ainda não sabe, mas eu a marquei...a reivindiquei. Eu não posso perder a minha esposa. Eu a amo tanto que dói respirar sem ela ao meu lado. Diga-me o que fazer. Eu vou dar a minha vida por ela. Eu a amo.

Lorelei acariciou o seu braço e acenou com a cabeça. — Eu vou fazer o que puder por ela.

— Não! — Bradi gritou, lembrando-se do que Nina tinha avisado. — Você não deve colocar qualquer pressão sobre o seu corpo. Você quase perdeu o seu filho uma vez. Eu não vou deixar você sacrificar-se por nós.

— Bem, é bom saber que alguém da família tem algum bom senso, — disse uma voz masculina atrás dele. Bradi virou-se para encontrar um homem alto e loiro em pé na porta. Ele inclinou a cabeça para Bradi e olhou para Marisa. — Ela é linda. Posso ver porque você a ama.

Ciúmes atingiram Bradi como um trem e ele sentiu o seu lábio ondular. Lorelei riu e bateu-lhe no peito. — Irmão, este é o meu marido, Sevan. Sevan, o meu irmão Bradi.

— Prazer em conhecê-lo, Tenente Comandante.

— Não me chames assim. Eu já não tenho nenhum título. Quando Marisa voltar e dizer a Comissão o que eu sou, vão me caçar e executar.

— Tão certo que ela vai abandonar você,— Lorelei murmurou, sacudindo a cabeça. Ela colocou a mão na de Sevan e caminhou até ele. — Meu irmão é tão teimoso.

— Uau, um membro de sua família teimoso? Não me diga?

Bradi não pôde deixar de rir. Ele gostava de Sevan e sabia que ele amava sua irmã.

* * * *

Stegian bateu os dedos sobre a mesa e deixou a informação que ele tinha acabado de receber interiorizar-se. As suas longas unhas raspavam sobre a superfície de madeira e ele sabia que se ele quisesse, poderia destruir com uma mão, mas porquê? Ele não era um bárbaro, um monstro, como a Comissão tinha tentado fazer com que ele parecesse. Não. Ele tinha se elevado acima da sua traição e tinha feito um império por si mesmo. Ele tinha feito deste planeta outrora inútil no qual o tinham exilado e fez um lar próspero para outros como ele. Teria sido perfeito também, se dois homens e os seus filhos não tivessem interferido.

Raiden Janelle e Chreathe Beauden decidiram unir-se contra ele, e levar os Shamenians e os traidores sobrenaturais que estavam a bordo das naves, vindas da Terra, para ficarem e lutar contra ele. Chreathe teve uma morte difícil, mas valeu a pena no final. Raiden por outro lado tinha provado ser um peão vital no seu plano e ele lamentou o dia em que os seus filhos ingratos o tinham matado.

Oh, era agradável de ver, as suas técnicas de tortura provaram ser as mais valiosas.

Stegian pensou mais uma vez sobre as crianças de Janelle. Sete ao todo, eles poderiam ter sido a destruição dele e dos seus homens, especialmente desde que eles se uniram com os filhos de Chreathe. Felizmente, um dos rapazes de Chreathe tinha sido fácil de controlar a sua mente e tinha influenciado para o seu lado.

O outro, Christian, agora o líder do povo Shamenians, provou ser mais forte do que Stegian esperava. Ainda assim, os seus planos para o planeta e da sua dominação total foram acontecendo conforme planejado. Stegian tinha

conseguindo controlar Raiden o tempo suficiente para o ver mandar os seus filhos para longe e destruir uma de suas próprias filhas.

Agora, um dos garotos Janelle, Bradiann, estava de volta e acasalado.

Que interessante.

Ele sempre tinha achado os filhos de Raiden um desafio único. Eles pareciam ter mais resistência às suas ordens de vampiro psíquico do que o seu pai e ele sempre amou uma boa luta.

— Mestre, eu trago-lhe a sua comida.

Stegian olhou preguiçosamente para o seu servo leal, Yunoc, e depois para o que seria a sua primeira refeição do dia. Uma sexy e pequena loira lobihiena estava diante dele. Ele não conseguia lembrar o nome dela e isso não importava. Ele só queria transar e chupá-la de qualquer jeito.

— Venha, — ele disse com um movimento de pulso.

Os olhos da garota se arregalaram, mesmo assim ela chegou-se para a frente. Só usando uma coleira, ele podia ver os seus mamilos eretos e não podia esperar para percorrer a sua língua sobre eles. O seu pênis acordou para a vida e ele estendeu a mão para a menina.

— Tome-me em sua boca e me dê o seu pulso, — disse ele, tirando o seu pênis livre das suas calças.

A garota chegou para a frente e caiu de joelhos, levando a mão dela até ele no processo. Ele lambeu ao longo do seu pulso e encontrou o lugar perfeito onde o seu sangue corria rápido. Ele esperou que a sua boca quente deslizesse sobre o pênis antes dele afundar as suas presas na sua pele macia.

A garota sugou-o docemente, passando a sua língua sobre a cabeça do pênis dele aleatoriamente momentos antes de o engolir todo. Ela era boa no que fazia, mas a sua mente estava preocupada. Em algum ponto enquanto ela o chupava, ele a sentiu afrouxar o seu aperto nele, mas prestou nenhuma atenção nisso.

A sua mente voltou para os filhos de Raiden Janelle, e as notícias que ele tinha ouvido. Ele queria pôr as mãos sobre aqueles rapazes há quase uma década, e agora parecia que ele ia conseguir. Saber que Bradiann tinha acasalado fazia com que o negócio fosse ainda mais doce. Stegian tinha agora a vantagem que ele precisava de colocar outro Janelle de joelhos. Era quase muito fácil. A próxima geração de Janelle precisava ser eliminada ou controlados. Ele não se importava o que fosse.

— Mestre, — disse Yunoc.

Stegian olhou para a lobihena e lançou a sua semente na sua boca. Ela estava imóvel, com a sua cabeça no seu colo por um momento antes de perceber que ele ainda estava chupando o seu pulso. Perdido no pensamento de acabar com a linhagem de Janelle, ele tinha tirado muito sangue.

— Yunoc, tira esta prostituta de cima de mim e atira-a aos lobos. Eles ganharam um mimo. — Ele fez um gesto para a menina no colo. — Ah, e traga-me outra garota. Eu sinto a necessidade de foder alguma coisa agora. Estou com tesão. A morte sempre parece ter esse efeito em mim.

CAPÍTULO NOVE

Marisa caminhava lentamente pelo complexo. Ainda parecia que todo o seu corpo tivesse sido pisado por uma manada de elefantes, mas tirando isso, não podia se queixar. O vírus que tinha contraído parecia estar aliviando e as pessoas aqui, ou melhor lycan/lóbis pareciam amigáveis o suficiente.

— Bom dia, Marisa. Como se está sentindo hoje?

Ela se voltou para encontrar o curandeiro e líder loiro, Christian, parado atrás dela. Quando ela tinha acordado na enfermaria umas semanas antes, o viu sentado no canto do seu quarto. Primeiro, ele a tinha assustado até morte, mas depois dele ter mostrado que tinha poderes parecidos com os dela, ela aceitou a sua oferta de amizade. — Estou bem, e como está você hoje?

— Você não quer dizer como é que está Brandiainn?

— Não, disse o que quis dizer. — Ela estreitou o seu olhar nele.

Os homens deste planeta pareciam partilhar um elo comum – serem teimosos. Christian piscou para ela e não conseguiu ficar zangada com ele. — Há alguma hipótese de você poder dizer o porquê de estarem todos cheios de pressa por aqui?

— Há coisas que é melhor o seu companheiro lhe dizer.

— Certo, quando tiver um desses eu vou perguntar com certeza.

Christian colocou a sua mão no ombro dela e sorriu para ela. — Vá até ele. Ele está no campo de treino com os outros.

Marisa bufou. — Ele sabe onde me encontrar nas últimas oito semanas. A única vez que o vi realmente, ele virou e correu na outra direção. Ele é um idiota teimoso e estou cansada de lidar com ele. Quando a próxima nave de carga partir para Margaidia, estarei nela. Antes de você dizer alguma coisa, fique sabendo que vou limpar este planeta da minha memória. Não vou arriscar que a Comissão descubra sobre nenhum de vocês ou seus segredos.

As sobrancelhas de Christian subiram. — Você consegue fazer isso?

Ela ergueu a mão para ele. — O chip médico que está incorporado na minha pele tem opções para eu apagar informação usada. Tenho-o estudado quando tenho possibilidade, já que parece que vocês são especialistas em estragá-lo. —

Ela lhe deu um olhar duro. — E penso que consigo apaga-lo da memória a curto prazo – o que vale pelo menos uns meses.

— Portanto, você não vai apenas esquecer Sargadia, você também irá esquecer tudo o que se passou com Bradiainn? — perguntou Christian, o seu rosto sem emoção.

Ela bateu gentilmente no seu enorme braço e sorriu. — Agora você está entendendo, campeão.

— Estou vendo. Bradiainn sabe disto?

— Penso que seria necessário ele chegar perto de mim pelo menos seis metros, você não acha? — Marisa virou para ir para o seu quarto quando sentiu seu estômago se agitar. Olhando para baixo, ela tentou ligar o seu chip médico. Imediatamente falhou.

— Marisa, aí está você!

Marisa se voltou para ver Lorelei ir ao seu encontro. A mulher era pequena como poderia ser, tudo exceto pelo monte inchado do seu estômago. Ela dizia que estava apenas entrando no seu sexto mês de gravidez, mas parecia estar com quase nove meses. Se Marisa não estivesse ajudando Christian durante um dos check-ups de Lorelei, ela nunca teria acreditado nas notícias.

— Como estão os gêmeos? — perguntou ela.

Lorelei tocou no seu estômago e rolou os seus olhos. — Quando um para de dar pontapés, o outro começa. Não sei como é que a minha mãe aguentou. Três pares de gêmeos me levariam a loucura. Se Sevan pensa que o vou deixar engravidar-me novamente eu cortarei o seu...

Christian limpou sua garganta e colocou as mãos na sua virilha. — Há coisa que é melhor não dizer, Lorelei.

— Homens, — Marisa bufou, — são todos iguais.

— Quer experimentar outro pelo tamanho, Doutora? — perguntou Christian.

Marisa recusou-se divertidamente. — Como se você pudesse comigo.

Ele estendeu a mão para ela e ela se afastou. Marisa riu. — Então, acalme garanhão. É por que você não é um shifter? São todos os Líderes do Povo tão esquisitos como você?

Os olhos de Christian se iluminaram e ele riu. — Cuidado, pequena doutora. Detestaria ter de lhe ensinar uma lição.

Marisa riu e deu um passo rápido em direção a Christian, provocando-o. Ele a agarrou e a girou em círculo. — Ah há, o que irá fazer agora?

Bradi saiu dos campos de treino com uma única coisa em sua mente – verificar a sua esposa. Ele tinha passado mais tempo à espreita nas sombras nas últimas semanas do que qualquer outra coisa. Ele sabia que estava sendo um covarde e o fato de Nina o ter chamado de covarde em público também não ajudava.

Pensando bem, todos os membros da sua família, incluindo a sua irmã holográfica o tinham chamado de covarde.

De alguma forma, o pensamento de enfrentar Marisa e lhe contar que eles não apenas tinham tido sexo, mas como ela agora carregava o seu filho, que era sua esposa, sua companheira, a sua vida, o assustava até a morte. Estar apaixonado era a coisa mais difícil que ele já tinha feito. Se ela se fosse embora, ele nunca sobreviria sem ele.

Bradi ouviu o doce som da sua voz e seguiu o som. Ele viu sua irmã, Lorelei, primeiro, com as suas mãos nos quadris se queixando de nunca mais deixar Sevan a engravidar novamente e depois ele viu Marisa. O seu longo cabelo castanho voava ligeiramente na brisa e o vestido branco que ela usava a fazia parecer um anjo.

Rindo, ela se moveu rapidamente para Christian. Christian desviou o ataque brincalhão dela e a pegou em seus braços. O coração de Bradi parou quando os dois não se afastaram imediatamente. A besta dentro dele tentou se erguer enquanto via os lábios de Christian se baixavam para Marisa. Tão rápido como o beijo começou, acabou, mas a besta dentro de Bradi não quis saber o quanto o beijo foi casto. Aquela era a esposa dele, raios.

Ele correu rapidamente para Christian com a urgência primitiva de lhe arrancar o coração. Como é que ele se atreve a tocar na sua companheira? Como é que ele se atreve a tentar reivindicar o que já tinha sido marcado?

— Bradi, não! — gritou Lorelei.

Ele não parou. Batendo em Christian, ele os atirou ao chão. Eles rolaram e Bradi deixou as suas garras dispararem dos seus dedos. Ele levantou as pontas e encostou-as à garganta de Christian. — Minha, — ele rugiu, a besta saindo para ele dizer mais alguma coisa.

Christian sorriu presunçosamente. — Então está mais que em tempo de provar.

Bradi percebeu depois que tinha sido apanhado. Christian achou que ele se aproximava e beijasse Marisa para o provocar. Resultaria assim.

— O que raio é que você está fazendo? — perguntou Marisa, correndo atrás dele. Ela o puxou com força, e ele teve a decência de fingir que doeu. — Saia de cima dele e recolha essas garras, ou seja, lá o que for que você faça com elas antes que alguém se machuque. Em que diabos você estava pensando?

— Que você é minha, — disse Bradi com naturalidade.

— Oh, está prestes a ficar feio por aqui. Vamos, Christian. É melhor sairmos daqui. — Lorelei se baixou para o ajudar a levantar.

Bradi olhou para cima para ver Marisa olhar para ele. Os seus olhos verdes estavam lívidos e ele não conseguia lembrar de um momento em que a desejasse mais. Ela bateu-lhe com força na nuca, e ele conteve uma gargalhada. — Eu não pertencço a ninguém!

— Não é verdade. Você é minha.

Ela voltou a bater-lhe na cabeça. — Me desculpe, mas a última deve ter tirado o pouco do bom senso que tinha na sua cabeça dura. Eu não pertencço a ninguém, Tenente Comandante Janelle.

— Efetivamente, — disse ele, se levantando. — Preferiria que você me chamasse pelo meu novo título.

— Qual, idiota?

— Não, marido. — Ele sorriu e levantou as suas sobrancelhas. — Mas você é a única que me pode chamar assim, esposa.

A boca de Marisa caiu e Bradi recusou-se a recuar. Ele tinha passado muito tempo tendo medo deste momento e sabia que era agora ou nunca. — E já que estamos nisto, esposa, penso que você deveria começar a pensar no nome que quer dar ao nosso filho.

Passaram segundos, parecendo horas. Ele esperou que Marisa lhe desse um murro. Quando ela começou a rir, ele não soube o que fazer. — Oh, você me

apanhou por um momento, Janelle. A cena do marido foi boa, mas a coisa do bebê foi longe demais. Boa tentativa, parceiro. Um bebê requer sexo. O qual, eu não tive.

Ela riu mais e Bradi não sabia bem o que fazer, por isso cedeu aos seus instintos animais. Pegando ela ao colo, ele ignorou os protestos e se dirigiu para os seus aposentos.

— Que pensa você que está fazendo? — exigiu Marisa enquanto ele a pousava na cama gentilmente.

— Pensei que fosse fácil de entender. Estou prestes a fazer amor com a minha esposa. — Bradi tirou as suas botas e abriu as calças. A necessidade de estar dentro dela era grande para estar preocupado com uma sedução lenta.

A boca de Marisa abriu. Vendo um momento oportuno, ele se baixou e a beijou. A luta dela parou e o beijou de volta. A boca dela era tão doce que ele não queria parar o beijo, mas precisava para despi-la. Ele podia arrancar o vestido dela, mas Nina tinha avisado que as mulheres não veem com bons olhos que as suas roupas sejam rasgadas em pedaços.

Ele agarrou no vestido de Marisa e ela bateu-lhe na mão. — Bradi? Você perdeu sua cabeça? Você nem tem sequer olhado para mim há quase dois meses e agora você me quer nua?

— Oh, mulher, eu olhei para você. Não fiz mais nada a não ser olhar para você. Estou cansado de estar em segundo plano, preocupado com o que você pensa de mim. Vejo você aceitar Lorelei e Nina e espero que me possa aceitar, também.

Marisa bufou. — Porque é que eu não o aceitaria? Você bateu com a sua cabeça?

Bradi estendeu a mão e deixou as suas garras saírem. Marisa rolou seus olhos. — Isso era para assustar?

— Assustou?

— Não.

— Não a incomoda que eu seja um monstro? — Bradi fechou os seus olhos, com medo da resposta dela. Ele era um soldado, uma máquina treinada para matar, mas o pensamento de Marisa o rejeitar fazia o que nenhum inimigo fez antes – assustava-o como a morte. Ele enfrentaria de bom grado uma legião de exércitos extraterrestres antes de forçar Marisa a reconhecer o que ele sabia que estava por vir – ela queria deixa-lo.

Ele sentiu o toque gentil das suas mãos no seu rosto e depois os seus suaves lábios nos seus. Ela empurrou a sua língua para dentro da sua boca e agarrou a parte de trás do seu cabelo. Ele ia colocar os braços à volta dela e parou quando se lembrou que estava parcialmente transformado.

Gemendo, ele os apoiou e baixou os corpos deles na cama. Precisava estar dentro dela. De enterrar o seu pênis nas suas profundezas sedosas e libertar tudo o que tinha segurado. Tinha passado tanto tempo desde que tinha encontrado alívio nela e o seu corpo não aguentava mais viver sem ela. — Preciso de você, Doutora.

Ela gemeu e levantou os braços acima da cabeça. Facilitando a saída do vestido, Bradi deixou o seu olhar pelo seu corpo voluptuoso. Os mamilos dela pareciam mais escuros agora do que da última vez que os tinha visto e o seu ventre tinha o mais pequeno dos inchaços. Ele passou a mão por ele e beijou os lábios dela.

Minha, ele pensou para si mesmo, possessivamente.

— Vai ficar aí o dia todo, ou vai finalmente foder-me?

A escolha de palavras de Marisa o atingiu com força. Seu pênis respondeu dolorosamente, sofrendo para estar dentro dela. Ele deixou cair suas calças no chão e se inclinou sobre ela lentamente. Empurrando o seu joelho no meio das pernas dela, ele a abriu para ele. A visão dos caracóis bem aparados quase o fez cair de joelhos com luxúria. O seu pênis tinha um sistema de navegação próprio e se alinhou com a entrada do núcleo aquecido dela.

— Tão molhada... tão pronta, — ele sussurrou.

— Tão desejosa que você me foda logo.

Com isto, Bradi entrou dentro dela lentamente, permitindo que seu canal apertado se ajustasse ao tamanho dele. Ela agarrou os braços dele firmemente e ele sorriu quando sentiu as unhas dela se enterrarem na sua pele.

— Bradi, pare. Não acho que vai caber... aí dentro.

— Oh, irá caber, querida. Acredite em mim. — Baixando sua cabeça, ele capturou a boca de Marisa. No tempo certo, ele empurrou a sua língua para dentro dela ao mesmo tempo que empurrava seu pênis até ao fim. Marisa gritou na boca dele e ele começou a penetrar seu corpo para dentro e fora. A vagina apertada e com cada estocada, ele a sentiu relaxar mais e mais. Rapidamente, ele bombeou dentro dela que respondeu com gemidos guturais.

— Tão gostoso, Doutora. Tão bom.

Ela agarrou no traseiro dele e puxou-o. — Oh deuses, Bradi... oh... sim, oh sim. — O corpo dela o ordenhou e ele não conseguiu aguentar mais. Querendo partilhar o orgasmo dela, ele gozou, derramando semente bem fundo nela. Marisa acalmou embaixo dele e depois ganhou vida. — Saia.

— Porquê? — perguntou ele, se sentindo saciado e sereno enquanto o resto do seu sêmen a preenchia.

— Eu lhe disse que não podia tomar as vacinas, se lembra? Bradi, eu não estou no controlo de natalidade.

Ele lambeu o seu lóbulo e riu suavemente. — Isso agora não importa realmente.

Ela o empurrou com força no peito. — Saia! Eu posso ir até a enfermaria e fazer uma limpeza antes do seu sêmen ter tempo de fecundar.

A testa de Bradi franziu. — Você me lavaria do seu corpo?

Os olhos verdes de Marisa prenderam nele. — Eu... eu não...

Ele esperou ouvi-la dizer que não o amava, que Pete era o único homem que ela amava e que era os filhos dele que ela alguma vez considerou carregar. — Está tudo bem, Doutora. Eu sei que você não me ama como ama Pete, mas você deveria provavelmente saber que é muito t...

Tocando em seu rosto gentilmente, lágrimas apareceram em seus olhos. — Você está certo, eu não amo você como eu amo Peter. Eu...

Bradi tentou respirar, mas não conseguia fazer chegar ar aos seus pulmões. Ele sentia que todo o seu mundo tinha desmoronado a sua volta. Ele começou a sair dela e ela segurou seu rosto com mais força.

— Raios, Bradi, me deixe terminar. — Lágrimas corriam pelo seu rosto enquanto ela olhava para ele. — Eu não amo você como eu amo Peter. Eu o amo mais, muito mais, e se você pensa por um segundo que o vou te encurralar

com uma gravidez para que você fique comigo, está errado. Eu sei como você gosta da sua liberdade e eu nunca tentari...

Bradi não esperou para ouvir o que mais ela tinha para dizer. Esmagando a sua boca na dela, ele sentiu seu pênis levantar de volta à vida. Ainda dentro do seu corpo quente, ele começou a se mover uma vez mais.

Marisa correspondeu às suas estocadas, girando levemente os seus quadris, o fazendo gritar de prazer. Ele se enterrou nela com força e rápido, precisando garantir que isto era real, que ela estava realmente debaixo dele, o aceitando, amando-o.

Eles atingiram o clímax juntos e ele não saiu dela enquanto não sentiu a sua última semente disparar do seu corpo. Marisa bateu-lhe com força na parte de trás da sua cabeça.

— Au, para que foi isso?

— Eu acabei de explicar que não podia gozar dentro de mim e você fez novamente. Você é realmente assim tão estúpido ou...

— Estou apaixonado por você, Doutora. — Ele olhou para ela. — Marisa, estou apaixonado por você desde o dia em que Pete me apresentou a você. Tentei lutar contra isto. Raios, tentei encontrar alívio em todos os bordéis daqui até à Terra, mas não consegui. Todas as vezes que uma mulher me tocava eu pensava em seus olhos, no seu sorriso, no seu raciocínio rápido e geralmente sarcástico. Eu queria arranca-la da minha cabeça, mas não conseguia fazer o meu corpo responder. — Ele suspirou enquanto admitia tudo isto para ela. — Mulher, você mexeu com minha cabeça desde o primeiro dia e não conseguia perceber porquê. Quando percebi que você era a minha companheira, eu já tinha feito uma coisa tão imperdoável que tive medo de lhe contar.

Marisa olhou para ele, a mente dela trabalhando a todo o vapor. — Espere, você está me dizendo que todas aquelas idas aos bordéis, bêbado que Pete me contava que você fazia foram...

— Infrutíferas tendo em conta que não conseguia fazer o meu pênis responder a outra mulher depois de te conhecer, Doutora, — disse ele, bufando ligeiramente, parecendo envergonhado e agitado.

Ela riu.

— Sim, é mesmo engraçado você ter me quebrado.

Erguendo uma sobrancelha, Marisa se contorceu debaixo dele. — Mmm, nenhuma parte de você me parece quebrada, Janelle.

— Então você não olhou de perto para o meu coração.

Bradi rolou para fora dela e ela olhou nos seus olhos, esperando que ele se explicasse. Isto era tudo tão avassalador. Marisa não tinha certeza que mais ele poderia dizer que fosse chocar. Tocando gentilmente no braço dele, ela esperou. — Bradi, fale comigo, querido. Me diga o que está te incomodando.

Ele recusou encontrar o seu olhar. Em vez disso, ele pegou na mão dela na dele e a baixou lentamente até ao seu estômago. Ele parou no abdômen dela. — Analise seu corpo.

— O quê?

— Use o seu chip e analise o seu corpo.

Marisa se mexeu e tentou tirar a sua mão da dele. Ele não largou. — Não posso, vocês o fazem ficar todo esquisito comigo. Deixa o meu cérebro como se fosse papa.

Bradi desviou o olhar. — Analise, não irei interferir desta vez. Tem a minha palavra.

Encolhendo os ombros, ela fechou os olhos e se preparou para a dor. — Diagnóstico. — Para sua surpresa, apareceu uma imagem. Ela viu aparecer diante dela. Sem ter certeza do que procurar, Marisa verificou tudo. No momento em que encontrou o que Bradi sabia obviamente que estava lá, ela parou. — Oh meus deuses.

A mão de Bradi apertou a dela. — O que é que você está vendo?

Não podia estar certo. Alguma coisa no planeta tinha que estar interferindo. Ela voltou a verificar.

— Eu... oh deuses... estou grávida. — Marisa confirmou a informação três vezes por erros. — Isto não pode estar certo, Bradi. Está me dizendo que já estou no segundo trimestre e eu nunca tinha tido sexo... antes de você, antes de hoje, eu era virgem.

Bradi suspirou. — Nós fizemos amor no POD. Duas vezes. Pensei que você estivesse acordada. — Ele se afastou dela. — Você não estava. Você pensou que eu era Pete.

Marisa ficou deitada muito quieta, enquanto absorvia o que ele lhe contava. Ela verificou melhor o bebê e expirou lentamente quando o chip confirmou que a criança tinha realmente DNA de um metamorfo – tal como o pai dele. Ela viu quando o bebê começou a chupar o dedo. Emoções de orgulho, alegria e amor a percorreram.

— Não chore, Doutora.

Abrindo seus olhos, ela viu Bradi por cima dela, limpando as lágrimas do seu rosto. — Irei embora, Doutora. Christian vai te levar para a estação da Comissão mais próxima e você será livre para fazer o que quiser com o nosso filho.

Marisa sentiu como se tivessem levado um soco. — Você não quer que eu fique com ele?

Bradi afastou o olhar e por um momento ela pensou ter visto lágrimas nos seus olhos. — É claro que quero que você fique com ele. Eu amo você... espere, ele? Eu tenho um filho?

Marisa deu uma risada trémula. — Sim. — Ela passou os dedos pelo pescoço dele e puxou seu rosto para o dela. — Porque é que você se chama de meu marido? Nós não somos casados.

— Não de acordo com as maneiras da Terra, mas no minuto em que eu a reivindiquei no POD e lhe dei a minha semente, você se tornou minha mulher. Pelo menos aos olhos do meu povo. — Ele tentou afastar o olhar, mas ela o segurou firme. — Você me odeia?

— Por que é que odiaria você?

— Por ter me forçado em você.

Marisa não conseguiu aguentar, ela rebentou em risos. Ele parecia magoado, mas não conseguia parar. — Queridinho, eu lembro vagamente da nossa primeira noite no POD. Pensei que tivesse sonhado com tudo aquilo, e assumi que tivesse sido Peter, mas queria que fosse você. Sempre quis que tivesse sido você. Admito que pensei que estava sonhando e gostaria de lembrar da nossa primeira vez melhor, mas... — Ocorreu um pensamento doentio. — Há quanto tempo é que você sabe que estou grávida?

— Desde a noite em que você quase foi atacada pelas lobipanteras.

Ela lhe bateu com força na parte de trás da cabeça dele. — Maldito! Você me deixou pensar que tinha gastroenterite todo esse tempo e você mexeu com meu chip médico, não foi?

Bradi sorriu timidamente. — Tinha medo de deixá-la descobrir.

— Porquê?

Ele encolheu os ombros. — Não queria que você me rejeitasse. Eu amo você demais para deixa-la ir.

Ela voltou a bater nele. — Seu idiota! Já lhe disse que o amo. Que mais você quer?

Ele afastou as pernas dela e colocou seus quadris no meio delas. Pressionando o seu pênis em o seu núcleo molhado, parou e olhou para ela. — Hmm, me deixe pensar.

CAPÍTULO DEZ

— Você tem certeza que quer sair? — perguntou Christian.

Marisa lhe deu um sorriso aberto. — Nunca tive tanta certeza.

— Fantástico, então penso que deveríamos começar a nossa visita nos limites do território.

Marisa não era perita na área, mas tinha visto o suficiente ao longo do tempo que passou em Sargaidia para saber que não iriam vaguear para longe. Christian colocou a sua mão no ombro dela e pareceu ler os seus pensamentos. — Não tenha medo, pequena doutora. Temos muitas, muitas horas até os sóis se porem por isso vamos aproveitar o nosso dia juntos. Bradiann foi muito insistente para que a mantivesse ocupada. Ele também foi muito específico quanto às atividades que me é permitido ou não usar para ocupá-la. Penso que ele ficará mais do que satisfeito com a sua sugestão de aprender mais sobre as técnicas de cura nativas.

Ela corou à menção do nome de Bradi. Eles tinham passado a noite fazendo amor e tinha ficado desiludida ao descobrir que ele tinha que ir encontrar com Nina nos campos de treinos ao levantar dos sóis. Todo o complexo estava em alerta vermelho depois de Pheebes e os seus homens terem voltado com notícias de um ataque feito por um homem chamado Stegian.

— Não consigo entender isto, — disse ela, tentando novamente enrolar o cordão de ouro em volta da camiseta larga que usava, se é que se poderia chamar assim. A coisa mal passava dos seus seios e as calças que lhe tinham dado eram tão baixas que temia que ao andar elas deslizassem mais para baixo, ela daria ao mundo um show gratuito.

Christian riu e tirou o cordão das mãos dela. — Aqui, levante seus braços. — Ela o fez e ele enrolou cuidadosamente o cordão por baixo dos seus seios, antes de cruzar por baixo da cintura dela. Ela sentia-se como se estivesse recuando no tempo e voltado na era romana, mas não se podia queixar. A roupa era linda. Christian parou de a enrolar e percorreu com a suas enormes mãos por cima do estômago dela.

— É tão estranho, — ela sussurrou, ainda espantada pela gravidez.

— Penso que Brandiainn já lhe contou finalmente.

— Eu o amo, e eu sei que ele tinha medo que eu levasse mal as notícias. Ele não me enganou intencionalmente, — disse ela, sentindo a necessidade repentina de defender Bradi.

Christian acenou e levou-a pelo braço. — Eu sei.

Marisa hesitou ligeiramente antes de permitir que ele a levasse para fora da sala. Algo estava errado. Ela não iria pôr a sua mão no fogo mas havia qualquer coisa que não estava exatamente certo. — Então, me conte. Todos os Líderes do Povo são assim tão perspicazes?

— Não saberei dizer. Sou apenas um. O meu pai parecia ser, mas quando somos novos, acreditamos que todos os adultos são sábios.

— O quê? — Ela olhou para ele de perto. — Você é tipo Rei.

Ele acenou e apontou para os guardas que se aproximavam deles. Marisa não conseguiu evitar e reparar, mas marcas intrincadas no corpo de Bradi. Os homens raramente usavam mais do que tiras de cabedal nos seus troncos e na maioria das vezes apenas servia para pôr as suas armas. De vez em quando, Christian usaria um colete de cabedal, mas isso parecia ser nos dias frios. Por muito que ela gostasse da ideia de estar rodeada de homens sexys, ela apenas tinha olhos para um – Bradi.

— O que é que significam todos os símbolos? — Levemente, ela traçou o lado do braço de Christian onde várias marcas geométricas pareciam se misturar com tatuagens tribais.

— Essa em particular permite que eu tenha uma ligação com a natureza.

Isso despertou o seu interesse. — Então, elas fazem mais do que salientar os seus músculos.

O riso profundo que borbulhou dele a fez sorrir enquanto ele piscava o olho. — Elas fazem isso sim, pequena doutora.

— Eu reparei que Lorelei tem muitas, e que Nina tem algumas. Porque é que o Bradi não tem marcas?

— Ah, a mãe deles era uma Shamenian nativa, e o pai deles era uma mistura de lobipanter. Com tamanha variedade genética cada criança recebeu diferentes capacidades e marcas. Lorelei é uma curandeira dotada. Nina é uma guerreira. Brandiainn também é um guerreiro. Com o tempo, espero que conheça os outros irmãos também.

Um guarda louro aproximou-se e Marisa franziu as sobrancelhas. A visão do homem da floresta fez o seu estômago se revoltar. Christian sorriu. — Ah, bem-vindo, Pheebes! Estou contente por se ter juntado a nós neste lindo dia.

Marisa não estava tão contente por ver Pheebes como estava Christian. O homem tinha trespassado o seu marido com uma espada. Era verdade, Bradi estava bem agora, mas mesmo assim.

Pheebes baixou sua cabeça e estendeu o braço a Marisa. Ela olhou para Christian por orientação e ele acenou. Não querendo desapontar o Rei, ela fez o que lhe era pedido, todo o tempo querendo arrancar fora o braço do homem do seu encaixe por se atrever a ferir o seu marido. Não importava se eles pensavam que ele estava aliado ao tal Stegian. Bradi era Bradi e ela o amava. Ninguém tinha o direito de o ferir. Ninguém.

Bradi bloqueou o pontapé da sua irmã para lhe responder com um seu. Ela apanhou seu pé no meio do ar e o virou de costas. — Você amoleceu durante o tempo que passou com os humanos, Bradiinn.

Ele saiu de cima da pedra sobre a qual tinha caído e rugiu para ela. — Nem todos nascemos para destruir, Nina.

Isto a fez rir. — Mas eu e você fomos, Bradiinn. Tive saudades suas. — Ela baixou a sua espada e caiu no chão ao lado dele. — Você tem alguma ideia de onde é que os outros estão?

Por outros, ele sabia que ela queria dizer os seus irmãos. Os seus irmãos mais velhos, Demetrios e Anatolius, tinham sido exilados do planeta três anos antes da sua própria expulsão. Ninguém sabia onde é que eles estavam, ou se estavam mesmo vivos. Quando Bradi soube da profundidade da decepção do seu pai e a quantidade de controle que Stegian tinha sobre ele, perguntava-se se os seus irmãos tinham sobrevivido sequer.

O seu irmão mais novo e gêmeo de Nina, Kyriakos, tinha partido pouco depois de Bradi. Ninguém sabia o porquê, apenas o seu pai insistia em dizer que também ele tinha sucumbido ao controle de Stegian. Nina não admitiria sentir saudades dele, não estava na natureza dela, mas Bradi sabia que ela sentia.

Ele bateu levemente na perna dela, e forçou um sorriso e no seu rosto. — Tenho certeza de que estão bem.

— E se não estiverem?

— Nina, — ele a repreendeu. — Eu consegui sobreviver, não consegui?

— Sim, mas nem todos os nossos irmãos foram abençoados com a sua teimosia, querido Bradiann.

Bradi agarrou seu peito e fez de conta que o comentário dela o tinha ferido. — Mulher, você sabe realmente como atingir o coração de um homem. Talvez, se aprendesse esta bela arte, estaria acasalada, também.

— Há, Nina, aquecer o coração de um homem? Você deve estar doido!

Bradi se levantou e deixou distender as suas garras ao som da voz do intruso. Ele olhou para o homem desconfiadamente. Havia algo de familiar nele, mas ao mesmo tempo não.

— Whoa, gatinho, recolha as garras. Apenas vim reportar a chefona. — O homem alto, com cabelo cor de areia olhou para Nina e piscou. — Chefona, considere isto o meu relatório.

Nina bufou e Bradi não conseguiu aguentar o riso. Homens não irritavam a sua irmã, por isso era realmente uma raridade encontrar um. Ele retraiu as suas garras e estendeu a sua mão para o estranho. Qualquer homem que conseguia atingir Nina estava bem para ele. — Sou Bradiann, Bradi como diminutivo.

O homem olhou para ele desconfiadamente antes de aceitar a mão dele. Bradi apanhou o cheiro débil de lobitigre misturado com uma pitada de lobileão e não baixava a guarda. O homem balançou a sua cabeça. — Não sou uma ameaça. Fui atacado há uns meses atrás por um dos capangas de Stegian e agora tenho a habilidade para lambar as minhas próprias bolas. Não é esse o sonho de todos os homens? — Ele olhou para Nina e sorriu. — Estou domesticado, juro.

Nina sibilou, praticamente escorrendo raiva. — Você alguma vez se cala, Jordan?

Instantaneamente, Bradi soube porque é que o homem lhe pareceu familiar. — Jordan Vasil?

O homem acenou e passou a mão pelo seu cabelo louro despenteado. — Yep, irmão de Sevan, e sou uma pedra no sapato de Nina. Como é que vocês os dois se conhecem? — Não havia como escapar da pergunta. Ele queria saber sobre o interesse de Bradi em Nina.

— Sou irmão dela.

Alívio passou no rosto de Jordan. Bradi sorriu. Nina passou por eles e se dirigiu para os cavalos. A quantidade de energia que ela usou para ignorar Jordan disse a Bradi que a sua irmã estava muito longe de odiar o homem, mas não era ninguém para falar.

Jordan olhou para Nina. — Nossa, chefe, você quer o meu relatório ou não?

— Como se você tivesse algo de remotamente interessante para oferecer, — Nina sussurrou.

— Fique sabendo que a minha audição é ótima! — Jordan gritou. — Comecei como um lobileão, chefona. O lobitigre apenas aprimora os meus poderes sobrenaturais.

— Você quer dizer capacidades, — Nina mordeu.

— Isso, também. — Jordan levantou as suas sobrancelhas. Bradi precisou de tudo para não rir deles os dois. Ele e Marisa tinham lutado assim?

Sim.

Ele riu. Ambos olharam para ele.

Jordan abanou a cabeça. — De qualquer jeito, os homens que tenham infiltrados no castelo de Stegian diz que ele tem uma enorme sede de vingança que envolve um forasteiro – uma fêmea forasteira para ser exato.

Nina parou o que estava fazendo e olhou nos olhos de Bradi. — O que tem essa mulher? Você conseguiu um nome?

Jordan passou a mão na parte de trás do seu pescoço. — Não, apenas que a chamam de curandeira e eles pensam que ela não irá apenas ser uma aliada poderosa para eles, mas que ela irá colocar a sua família de joelhos. Alguma coisa de parar a próxima geração ou algo assim. Sem saber o que esperar. Oh, talvez ela seja parte cadela, então ela poderia comer todos os gatos Janelles.

— Calado! — Nina gritou.

— Marisa, — disse Bradi, ignorando a briga de namorados correndo para o seu cavalo. — Ele quer Marisa. Ele sabe sobre os poderes curativos e do bebê.

— Quem é Marisa? — perguntou Jordan.

— A mulher dele.

CAPÍTULO ONZE

Bradi correu pelos portões do complexo desmontando rapidamente do seu cavalo, atirando as rédeas para a primeira pessoa que viu. O adolescente ruivo que as apanhou parecia-lhe familiar que quase parou para o questionar, mas estava muito preocupado com Marisa para se importar.

Ele correu a toda a velocidade para a casa dele. — Doutora? — ele chamou, enquanto passava pela porta.

— Ela não está aqui. Eu próprio tenho esperado por ela.

Bradi se voltou lentamente, não acreditando nos seus ouvidos. — Peter?

Ali, no centro da sua sala de estar, estava o Comandante Peter Williams. Peter lhe deu um estranho sorriso antes de dar um passo na direção dele. — Você parece que viu um fantasma, Bradi.

— Eu... nós... pensamos que você estava morto.

Um sorriso fraco escapou dos lábios de Peter enquanto se virava num pequeno círculo. — Não, estou muito vivo, e eu estava preocupadíssimo com vocês os dois. — Peter esfregou o lado da cabeça, enquanto sentia dor fantasma e acenava com a cabeça.

A necessidade de abraçar o seu amigo era enorme, mas Bradi se conteve, inseguro da reação que teria. — Nós estamos bem.

— Disseram-me que Marisa tem estado aqui, — disse Pete, olhando em volta para a casa dele. — Dificilmente parece um lugar de que ela gostasse.

Ele sabia que Marisa era sua esposa agora? — Como é que nos encontrou?

Peter balançou a sua mão indulgentemente. — Usei vários favores antigos e consegui encontrar alguém que conseguiu localizar o sinal do POD. Levou-nos um pouco de tempo, mas finalmente encontramos vocês dois. Não podia acreditar nos relatórios preliminares sobre o POD quando os vi. Esperava acima de tudo que uma das forças vitais registadas no POD fosse de Marisa. Nunca sonhei que você escapasse da nave, também. Mas, quem era a terceira pessoa?

— Terceira pessoa? — perguntou Bradi.

As sobrelhas de Peter juntaram-se. — Sim, o POD registou uma terceira forma de vida a bordo antes do sinal desaparecer. Quem era a terceira pessoa?

Não havia mais ninguém a bordo do POD exceto ele e Marisa. Depois Bradi percebeu — o bebê. O POD tinha sentido o momento da concepção e tinha incluído no sinal. Bradi enrijeceu e esperou que Peter sondasse mais. Ele não o fez.

— Umm, não tenho certeza. A maldita coisa funcionava mal e nós passamos mesmo ao lado do ponto de encontro. Está no fundo do mar vermelho neste momento. Tivemos sorte em cair lá. Se tivéssemos caído em terra firme, não teríamos sobrevivido.

Uma batida suou na porta e Peter olhou para Bradi. — Você vai abrir?

— Quê, oh... sim, espere. — Bradi tentou recuperar a sua postura e foi abrir a porta. O garoto ruivo que tinha tomado as rédeas dele ficou lá olhando para ele. Depois ele percebeu, era o garoto do POD. Agarrando o colarinho do garoto, ele o puxou pela porta. — Porquê seu pequeno filho da...

Uma mão apertou o seu ombro. — Antes de arrancar a cabeça dele, você deve saber que ele é o neto do Dr. Graves e ele salvou a minha vida, — disse Peter.

— Disse ao pequeno bastardo para me dar cinco minutos. Ele partiu quando mal deixei o corredor. — Bradi passou a mão pelo cabelo para evitar atacar o garoto. — Eu tive de arrastar a Doutora mais longe do que devia para a tirar de lá.

— Ceelean, diga ao Tenente Comandante que você está arrependido antes dele decidir arrancar seu coração.

O garoto engoliu em seco e deu um passo atrás. — Me... me d-desculpe.

— Pronto, está melhor agora, não está? — disse Peter, com uma risada. — Agora, onde está a minha noiva?

— Umm, Pete, não sei como lhe dizer isto, mas...

— Bradi, abra a porta. Os meus braços estão cheios e Christian também está carregando. — O som de Marisa chamando foi ao mesmo tempo um alívio e uma preocupação. Ela estava segura do Stegian, mas prestes a entrar noutro ninho de abelhas. — Janelle, a porta, agora! Estou vendo seu cavalo aqui fora. Não me faça...

Ele abriu a porta lentamente e viu uma enorme quantidade de plantas o cumprimentando. Assumindo que Marisa estava atrás das plantas, ele começou a pegá-las dos braços dela. — Você não devia carregar tudo isto.

— Pfff, por favor, estas são leves. Você e Christian parecem às vezes tão parecidos que me assusta. Oh, — disse ela, os olhos dela brilhando. — Você deveria ver as propriedades curativas de algumas destas. Aquela com a tonalidade azul e parecida com o alo, só que cura queimaduras instantaneamente. Christian me mostrou e tinha que lhe contar, fiquei louca. Bradi... o que foi?

Marisa olhou para Bradi. Ele parecia um pouco pálido. O seguindo pela porta, ela estendeu o braço para ele. — Você está doente? Apanhou muito sol? Eu disse à Nina para ir com calma com você. Eu...

— Você nunca para de dar sermões sobre a saúde dos outros, Doutora Langston?

O coração de Marisa batia descontroladamente no seu peito. Ela tinha ouvido quem pensava que tinha ouvido? Virando lentamente, o seu olhar passou por cima de um garoto ruivo que parecia ainda mais pálido do que Bradi e depois recaiu em Peter.

Ela deixou cair a planta dos seus braços e olhou para ele por um momento, muito chocada para se mexer. Christian entrou atrás dela e parou rapidamente. — Marisa, o que foi?

— Peter? — perguntou ela, o alcançando, incapaz de acreditar de que ele não estava apenas vivo, mas em pé na sua sala de estar.

Ele agarrou a mão dela na dele e puxou-a para ele. O seu abraço era forte, apaixonado, avassalador. Os pulmões de Marisa gritavam por ar, mas o seu corpo recusava-se a respirar. Isto não podia estar acontecendo. O pulmão dele estava perfurado. Ela pensou que ele estava morto. E agora existiam Bradi e o bebê.

Peter agarrou em seu rosto e baixou os seus lábios nos dela duros e rápidos. Normalmente, um beijo dele poderia pô-la de joelhos, mas agora ela queria afastá-lo.

— Pequena doutora? — a voz de Christian chamou-a à razão e ela terminou o beijo com Peter.

Marisa tocou levemente no rosto de Peter, ainda incapaz de acreditar nos seus próprios olhos. — Você está vivo.

Ele beijou os dedos dela e levou um sedutoramente para a sua boca. Ela ouviu Christian arquejar e se perguntou o que é que poderia estar passando nas mentes dele e Bradi.

— Por favor, — disse Marisa, tirando a sua mão de Peter. Ele olhou para ela e sorriu.

— Creio que este planeta fez bem para você, Marisa. Está resplandecente! Nunca a vi mais bonita.

Ele saberia?

Ela olhou para Bradi e viu o seu maxilar tenso e os seus olhos ardendo. — Peter, não sei o que dizer. Eu... eu pensei que estivesse morto. Nós pensamos que tinha..., — ela acrescentou rapidamente, ainda olhando para Bradi. O seu rosto não mudou e queria correr para ele e atirar os seus braços em volta do seu pescoço. Ela não o fez.

Peter tocou no queixo dela e direcionou a sua atenção para ele. — Eu também não tinha certeza se você tinha sobrevivido, mas sabia que não podia deixar de procurar, Marisa. — Ele colocou a mão no bolso do seu casaco e tirou um bloco de notas digitalizado. — Trouxe o nosso contrato de noivado comigo, por isso se eles tiverem um Sacerdote ou unificador licenciado, poderíamos tornar isto oficial. — Ele não lhe deu hipótese para responder. — Deuses, sonhei com este momento. Quero tê-la nos meus braços e fazer amor com você desde que partimos da Terra. Não posso esperar nem mais um minuto.

— Peter, acho que deveríamos...

Ele a ignorou e olhou para Bradi. — Com quem podemos falar para tornar isto oficial? Quanto mais rápido melhor. Quero estar tão enterrado na minha esposa até o final da noite que este planeta vai expulsá-la por estar gritando muito alto.

— Peter! — Marisa gritou, chocada com a sua afirmação.

— Você precisaria falar com o nosso Líder do Povo, — disse Bradi friamente, nunca revelando que ele era o marido dela agora.

Ele não a queria mais? Teria ele mudado de ideia?

Peter bateu as mãos e se dirigiu para Bradi. — Ótimo, me leve até ele e começaremos a cerimônia. Oh, e quero que você seja o meu padrinho, claro. —

— Claro, — disse pausadamente Bradi, o olhar fixo nela.

Marisa enrugou a testa. — Bradi?

Christian avançou e diminuindo a tensão na sala. — Talvez eu possa ajudar em localizar o Líder do Povo. Se quiser posso levá-lo à procura dele. — Ele olhou diretamente para ela e inclinou a cabeça. Ela soube então que Christian tinha arranjado algum tempo para ela e Bradi falarem e ela agradeceu-lhe com um aceno silencioso.

— Por aqui, — disse Christian, apontando para a porta da frente.

Marisa esperou até ter certeza que tinham ido embora antes de ir falar Bradi. Ele se afastou rapidamente e olhou para ela.

— Eu não a impedirei, Doutora.

— O que é que você quer dizer com não me impedirá? — Ela olhou para ele. — E que diabo foi tudo aquilo? Você praticamente me entregou para o homem.

Bradi riu. — Eu tenho medo deste dia desde o momento em que entramos no POD. Eu sabia, no meu coração, eu sabia que você nunca iria ser minha. — Abruptamente, ele virou de costas. — Apenas vá, Doutora.

— Você pensa que se vai livrar de mim assim tão facilmente? Você pensa que eu vou me afastar de você, de nós, sem lutar?

Ele não se mexeu. Estendendo a mão timidamente, Marisa tocou em suas costas. — Bradi, por favor não me mande embora. Eu amo você.

— Não faça isto, Doutora.

— Raios o partam, Bradi! Estou-lhe dizendo que o amo e você está me jogando porta afora. Para o caso esqueceu, Senhor, já sou casada com você.

— Não de acordo com os costumes da Terra.

Ela bufou, não acreditando que Bradi pudesse ser tão criança. — Bom, creio que este bebê também não esteja realmente aqui. Quero dizer, você parece que já não se importa com o nosso casamento, deverei presumir que você já não quer saber de mim ou do nosso filho?

Quando ele não respondeu, Marisa respirou fundo. — Oh deuses, é isso. Fui apenas algo para você passar seu tempo. Agora que o Peter está de volta você sabe que pode voltar para as suas fãs. — Ela tocou no seu estômago. — Vá para o inferno, Janelle! Eu amarei esta criança o suficiente por nós dois! Não preciso de você! Idiota! Volte para tudo aquilo!

Isso chamou a atenção de Bradi. Ele se virou lentamente, e viu o porquê de ele não a ter enfrentado – estava chorando. Correndo para ele, ela atirou os seus braços ao pescoço dele e pressionou a sua boca na dele. Bradi manteve os seus lábios bem fechados, por isso ela se moveu para o seu rosto para beijar as lágrimas. — Bradiann Janelle, eu amo você com todo o meu coração e não quero saber se você quer que eu vá embora. Eu ficarei aqui com você por isso supere isso!

Ela parou. — Bom, se você quer mesmo voltar para todas aquelas mulheres eu irei...

Bradi a levantou do chão e a empurrou contra a parede. A boca dele bateu na dela e no minuto em que ela sentiu os beijos salgados dele, ela começou a chorar também. — Eu amo você, Marisa. Não volte a fazer isso.

— Você me chamou pelo meu nome.

— Pensei que fosse justo, você me chamou Bradiann.

Ela afastou o cabelo preto para longe do rosto dele e beijou todo o seu pescoço. — Preciso de você dentro de mim, Bradi. Preciso sentir seu pau bem enterrado no meu corpo. Preciso saber que você não me vai deixar. Que você me quer aqui, com você.

— Pete voltará em breve. Precisamos sentar e explicar o que aconteceu.

Enterrando as suas unhas, ligeiramente na nuca dele, ela rosnou e mordeu o lábio inferior dele. Os hormônios da gravidez decidiram então mostrar o seu lado mau. — Eu disse que precisava de você. Cumpra os seus deveres de marido agora antes que eu fique louca.

Um sorriso perverso se espalhou em seu rosto enquanto empurrava o joelho no meio das pernas dela. — O que é que você tinha em mente?

Agarrando o pênis dele através das calças, ela lambeu o seu pescoço e riu suavemente. — Que tal você me foder contra esta parede para começar?

Bradi levantou as sobrancelhas. — Mmm, que tal eu fazer amor com você contra esta parede em vez disso. Mesmo resultado, me faz sentir como um tipo romântico mudando a terminologia.

Marisa abriu as calças dele e as deixou cair no chão. Não foi tão fácil despir-se ela mesma. — Err, Christian amarrou-me e agora estou presa.

Bradi estreitou os seus olhos, enquanto inclinava sua cabeça. A pergunta silenciosa em seu rosto foi o suficiente para dizer a Marisa que o seu marido era um homem ciumento. Não que ela precisasse de alguém ou de alguma coisa que a lembrasse disso.

Ela bufou. — Não desse jeito... ele me ajudou com a coisa do cordão.

Ele riu enquanto deixava sair uma garra do seu dedo. Cortando o cordão e pelo material, ele a libertou instantaneamente. — Os seus seios estão ficando maiores.

Marisa rolou os olhos enquanto afagava a ereção do seu marido. — Tal como o seu pênis.

Bradi baixou a cabeça e o tomou um dos seus mamilos na sua boca. O corpo dela reagiu com surpresa e gemeu enquanto ele sugava com força. Desesperada, ela bombeou o seu pau. — Por favor, Bradi, rápido. Preciso de você em mim.

Ele rosnou enquanto levantava sua cabeça. Os seus olhos passaram para amarelo e soube que ele estava lutando para controlar a sua besta. A verdade era que, ele sempre tivera que lutar com ela, e isso magoava o coração dela. Eles voltaram a mudar para azul e soube que ele estava lutando com a sua besta. — Não, deixe de lutar, e liberte suas mãos. Quero que você faça amor comigo, Bradi. Sem preocupações, sem fugir para dentro de água.

— Não. — O olhar no rosto dele confirmou as suspeitas dela. Bradi tinha-se escondido dela quando rolou para o lago naquela noite há tantos meses atrás. Ele fugiu, para esconder quem e o que ele era, tinha de terminar com isso.

— Me foda agora!

— D-o-u-t-o-r-a, — Bradi rosnou enquanto empurrava contra ela, a empalando com seu pênis. Ele esmagou o corpo dela contra a parede, e sentiu líquido quente escorrendo em suas coxas. Com cada impulso, Bradi deixava a parte de trás da cabeça dela bater na parede. Teria sido doloroso se a sensação de o ter enterrado na sua vagina não fosse tão boa.

Agarrando suas costas, ela se segurou enquanto ele continuava a impulsionar os seus quadris rapidamente. As costas dele ondularam e ela soube que ele estava perto da mudança. O pensamento deveria tê-la assustado, mas não estava. A excitou. — Oh, sim, Bradi... sim. — Ela gemeu quando sentiu o orgasmo começar.

Luzes brancas brilharam diante das suas pálpebras enquanto o interior das suas pernas apertava. Uma sensação de formigueiro desceu até aos dedos dos seus pés. Bradi rosnou enquanto se empurrava com força nela, uma última vez contra a parede, o mais profundo que pode, e derramando a sua semente dentro.

Ofegando e ainda gozando, Marisa o abraçou apertado enquanto se mexia no seu pau duro, aproveitando todo o prazer que tinha para oferecer.

Os olhos de Bradi mudaram para azul e ele tentou se afastar dela. — Doutora, me desculpe. Perdi o controle.

— Shhh, — ela sussurrou puxando a boca dele para a dela. — Foi perfeito. É parte de você, Bradi, e eu amo você, por isso também a amo.

— Você é muito boa para mim. Você sabe disso, não sabe?

Marisa se mexeu mais um pouco e sentiu ele empurrar o seu pênis bem fundo nela. Ele a libertou do seu pau e a baixou em seus pés. Ela pensou que tinha terminado. Quando ele virou o rosto dela na outra direção e beijou seus lábios novamente, soube que estava errada. Enquanto a agarrava pela cintura e a levantou do chão, olhou de novo para ele. — Bradi?

Instantaneamente, ela sentiu o pênis dele a esfregar contra a sua fenda encharcada. Um ronco baixo souou da garganta dele enquanto passava as suas mãos no traseiro dela. Afastando as suas nádegas, ele passou um dedo perigosamente perto da sua abertura anal sensível. — Bradi?

— Relaxe, Doutora. Nunca a machucaria.

— Eu sei.

Ele empurrou seu dedo para dentro lentamente e ela sentiu a seu pequeno buraco lutar contra a intrusão. Bradi passou a sua outra mão pelas suas costas e esfregou seu pênis perto da entrada. — Relaxe, querida. Me deixe amar você completamente.

Trabalhando o seu dedo dentro e fora dela lentamente, colocou a sua outra mão para a frente e começou a brincar com o seu clitóris inchado. Sem pensar, ela empurrou-se contra ele, colocando o pau dele dentro da vagina dela e o dedo

mais fundo no seu traseiro. A sensação de estar tão cheia era muita e ela gozou instantaneamente. Bradi saiu de dentro dela e colocou a ponta do seu pênis no ânus dela e deslizou para dentro lentamente.

Uma dor alucinante atravessou o corpo dela por um segundo, Marisa pensou que iria ou desmaiar ou gritar. Bradi voltou a brincar com o seu clitóris novamente, enquanto ele empurrava o seu comprimento mais para dentro dela. — Relaxe querida. Empurre de volta

Marisa fez o que pediu e a dor atenuou, abrindo rapidamente caminho para uma sensação única que lhe trazia prazer. O corpo dela enrijeceu enquanto outro orgasmo a varreu. — Oh, sim... Bradi, sim... mais!

Ele empurrou até estar todo dentro dela e ela pensou que poderia explodir.

— Tão apertada... você é tão boa.

Bradi começou a entrar e sair dela lentamente, deixando-a relaxar com pênis dele enterrado num novo local. Marisa estava perdida na felicidade agonizante, do aperto e gritou quando mais um orgasmo a reivindicou.

Bradi penetrou o corpo dela e libertou sua semente. Gemendo em êxtase, deixou cair o seu corpo gentilmente no dela, ainda enterrado profundamente, e gozando.

— O que é...?? Marisa?

O som da voz de Peter apanhou Marisa desprevenida e ela virou para ver Peter e Christian parados na porta. Ela inclinou-se para a frente enquanto Bradi saía lentamente de seu corpo. Desgosto passou pelo rosto de Peter e os seus olhos endureceram. — Você está fodendo o nosso padrinho? O meu melhor... Marisa. É o Bradi! Você detesta o Bradi!

Bradi atirou-lhe a camiseta dele e ela precisou de três tentativas para vestir, porque as mãos não paravam de tremer. Marisa olhou para Peter e depois para o seu marido. Bradi tinha acabado de fechar suas calças e estendeu a mão para ela. Ela a tomou cuidadosamente, chegando perto dele, precisando de abrigo, a segurança dos seus braços.

Peter alcançou a sua arma e Christian colocou a mão no ombro do homem. — Eu não aconselho isso, Comandante.

Peter tentou avançar em Bradi, mas Christian o segurou no lugar. — Eu também não aconselho isso.

— Bom, o que você aconselha depois de pegar o meu melhor amigo fodendo o rabo da minha noiva intensamente?

Os olhos de Christian encontraram os de Marisa e ela sentiu o seu rosto arder com vergonha. O homem tinha acabado de vê-la tendo sexo anal. Não poderia ficar muito mais humilhante do que aquilo. — Não, não aconselho isso, mas recomendo que pares acasalados – marido e mulher como se refere a eles, façam mais vezes quanto possível. De todas as maneiras que eles desejem. A nossa raça está morrendo e nós precisamos de muitas crianças.

— Marido e mulher? — Peter perguntou com descrença.

Bradi avançou. — Pete, me desculpe. Nunca tive a intenção de me apaixonar por ela. Apenas aconteceu. Eu juro que a única razão que me fez aceitar e agir sobre meus sentimentos por Marisa foi porque acreditávamos que você estava morto.

Peter ergueu a sua cabeça. — O quê? Você está me dizendo que é casado com ela? Oh deuses, quando raios...? Você nunca teria agido sobre eles? — Resignação passou no rosto de Peter. — Você a amava antes do acidente, não amava?

Bradi acenou. — Não o vou negar. Eu amo Marisa desde o momento em que coloquei os olhos nela. Uma parte de mim deveria ter sabido que ela era a minha verdadeira companheira, mesmo desde o início.

— Quero lá saber que parte de você é que descobriu o quê, Bradi. Você era o meu melhor amigo. Não se faz isso aos amigos.

— Peter, você nunca respeitou Marisa. Quantas vezes me pediu para o acobertar enquanto estava se enroscando com uma qualquer nos quartos privados? Quantas vezes você me disse que apesar de Marisa não ser, — Bradi levantou as mãos e fez aspas com os seus dedos, — perfeita, que não faz seu tipo, mas o dinheiro da família dela fazia tudo valer a pena?

A boca de Marisa caiu enquanto ouviu Bradi acusar Peter de coisas tão horríveis. Parte dela queria pensar que era mentira, mas no fundo sabia que o que o seu marido falava a verdade.

Peter olhou para ela e riu. — Oh, não pareça tão chocada, Marisa. Porque é que você acha que eu a pedi em casamento antes de tentar meter o meu...

— Cuidado, Pete. É com a minha mulher que você está falando.

— E minha amiga, — acrescentou Christian, o seu tom tão mortífero como o de Bradi.

Peter riu. — Não, ela não é esposa de ninguém ou amiga. E sim uma puta e uma pequena infiel...

Bradi o alcançou num instante. Ele pressionou a sua mão em forma de garra na garganta de Peter, como que o desafiando a dizer algo mais.

Marisa correu para ele e agarrou seu braço. — Bradi, não. Ele não vale a pena.

O olhar de Peter caiu nela. — Você deixou um metamorfo fodê-la? Deuses Marisa, se eu soubesse que era assim tão fácil ter um pedaço de você, eu teria trazido o meu cão comigo e deixado você chupar meu pênis enquanto ele a montava.

Christian afastou Peter uma fração de segundo antes de Bradi bater com a sua mão em forma de garra. Ele atingiu a parede, deixando um buraco no local onde tinha estado a cabeça de Peter.

Bradi rosnou e se atirou em Peter. Christian esticou sua mão e luz branca saiu dela, prendendo Bradi no local. — Bradiann, vá e conforte sua esposa. Sinto a angustia dela e não é bom para ela. Eu tratarei desta... coisa.

— Me deixe matá-lo, Christian.

— Não, amigo. Eu não posso deixá-lo fazer isso. Você, entre todas as pessoas, compreende a fina linha que pisamos entre ser como os homens do Stegian ou não. Permitir que você mate este homem que uma vez você chamou amigo pode ser a sua desgraça, e eu não deixarei isso acontecer.

— Obrigada, Christian, — disse Marisa, subindo e colocando os seus braços em volta da cintura do marido.

— Não foi nada, pequena doutora. — Ele piscou o olho enquanto agarrava um Peter rabugento e se afastou.

— Preciso de um banho. — Marisa puxou Bradi. — Venha e se junte a mim.

— Preciso sair um pouco Marisa.

Uma dor aguda atravessou o estômago de Marisa e ela ofegou. Passou rapidamente e ela se endireitou. — Por favor, Bradi.

Encostando a sua cabeça nas costas de Bradi, o apertou com força. — Porque não me contou de todas as coisas que Peter andava fazendo quando nós estávamos na nave? Eu teria me afastado dele.

— E, você seria afastada do seu trabalho com a Comissão e eu nunca mais a veria novamente.

— Você deixou ele me fazer de tola só para me manter por perto? — Marisa estava chocada.

Bradi se virou e a puxou para ele. — Não, Doutora, eu o deixei fazer papel de tolo só para mantê-la por perto e voltaria a fazer novamente sem hesitar. Vamos, você não falou de um banho?

— Sim, — ela sorriu maliciosamente, — falei, querido marido.

CAPÍTULO DOZE

— Obrigado mais uma vez, — disse Sevan, puxando-a para mais um abraço.

Marisa bateu levemente nas suas costas dele. — Tudo o que fiz foi ajudar no parto dos seus filhos. — Ela olhou na direção da sala onde Lorelei agora descansava.

Para dizer a verdade tinha sido um longo parto, tanto ela como Christian tinham estado preocupados com Lorelei. A sua pressão arterial despencou e eles tinham perdido os batimentos cardíacos dos dois bebês. Dois meses antes, pouco depois de Peter ter ido embora, Lorelei começou a sentir dores estranhas, semelhantes às que Marisa agora tinha regularmente, mas que mantinha escondido de todos.

— Você fez mais do que apenas ajudar, Marisa, — disse Sevan, em voz baixa, com um tom uniforme. — Você combinou o seu poder com o de Christian e salvou não só a vida de Lorelei, mas também a dos meus filhos. Eu nunca vou ser capaz de agradecer o suficiente.

— Sevan, — disse ela, colocando a mão no seu ombro. — Ela teria feito o mesmo por mim.

Ele assentiu, sabendo que era verdade. Olhando para trás para a porta, ele sorriu e soltou um longo suspiro. — Eu pensei que a tinha perdido por um momento.

Marisa deu um leve tapa na sua mão e fez um gesto para a porta. — Vai, vai para a beira da cama dela enquanto descansa.

Marisa esfregou os ombros e fez o seu melhor para libertar a tensão enquanto observava a cabeça de Sevan no quarto de Lorelei. Mãos fortes se moveram sobre ela própria e pulou.

— Calma, mulher, sou eu.

— Mmm, Bradi, — disse ela, revirando os ombros sob o peso do seu toque. — É tão bom.

Bradi envolveu o seu corpo ao redor do dela e sentiu o seu pênis cavar por trás dela. — Eu poderia fazer você se sentir ainda melhor. Logo que, você tenha descansado é claro.

— É claro, — disse ela.

As suas mãos deslizaram ao seu redor dela e descansaram na barriga muito inchada. — Como é que o meu filho está nesta manhã? A mãe dele teve uma noite difícil e estou preocupado com os dois.

Como se fosse a sua deixa, o bebê chutou duro. Bradi puxou as suas costas para ele com tanta força que ela deixou de respirar. — Isso foi o que eu penso que foi?

Marisa tossiu e apalpou os grandes braços, encorajando-o a soltá-la. — Bradi.

— Oh, me desculpe. — Ele beijou suavemente a parte superior da sua cabeça. — Fiquei animado.

Ela passou a mão sobre a dele e apertou levemente sobre o seu estômago. O bebê imediatamente empurrou de volta e Bradi engasgou. — Ele é uma coisinha teimosa com um inferno de um chute.

— Você já pensou em um nome para ele?

Marisa virou-se para falar com o marido e a sala de repente pareceu girar em torno dela. Ela balançou e Bradi a agarrou. — Doutora?

Endireitando-se, rapidamente, sorriu para ele, não querendo assustar. A sua linha da mandíbula coberta de barba estava apertada e sabia que ele estava

preocupado com ela. A gravidez tinha sido atormentada com problemas nos últimos meses, mas ela tinha feito um bom trabalho ao esconder isso de Bradi. Ele tinha o suficiente para se preocupar. O estresse de saber que ela não estava indo tão bem quanto esperado não era algo com que ela o quisesse preocupar.

Os espões que eles tinham no acampamento de Stegian os informaram que o seu povo estava tramando algo de novo, assim Bradi e o resto do grupo estavam ocupados preparando-se para o inevitável. Dizer-lhe que ela não sabia se iria aguentar a gravidez até ao fim parecia errado num momento como este. O seu povo precisava dele, equilibrado, não preocupado e de luto. Tinha surgido um problema atrás do outro e Marisa tinha feito o seu melhor para se curar, mas por algum motivo, os seus poderes pareciam não conseguir resolver isso.

Ela arriscou um olhar para a sua barriga. Somente entrando no sexto mês, ela não tinha muitas esperanças de que o bebê pudesse sobreviver sozinho se nascesse antes do tempo. O seu conhecimento sobre isso. O pensamento de perdê-lo já a mantinha acordada de noite.

— Doutora? Qual é o problema?

— Nada.

— Você está mentindo.

Ela realmente odiava o fato de que Bradi e as suas irmãs shifters pudessem pressentir mentiras. Isso fazia com que fosse extremamente difícil esconder os problemas da sua gravidez deles. — Estou cansada, querido. Sério. Preciso descansar um pouco.

* * * *

Bradi a tomou em seus braços e se dirigiu para a porta da frente. Um olhar para ela lhe disse que estava piorando. Christian o tinha avisado que Marisa e o bebê não estavam indo tão bem como esperado, mas ele não quisera acreditar. Marisa tinha-lhe dito repetidas vezes que tudo estava bem, e que ela e o bebê estavam bem. Vê-la tão pálida, com dor, e tão cansada o preocupava.

CAPÍTULO TREZE

Bradi levantou-se lentamente da mesa e olhou ao redor da sala de reunião. Sevan parecia preocupado, provavelmente por falta de sono. Gêmeos fariam isso a você. Jordan não tinha tirado os olhos de Nina desde que tinha chegado, mas ele provou ser bem versado na arte da guerra então Bradi deixou passar. Nina estava completamente absorta nos mais recentes relatórios sobre Stegian e Christian estava olhando diretamente nos olhos de Bradi.

— O que é que preocupa você, velho amigo?

Bradi forçou um sorriso no seu rosto e fez o melhor para parecer como se não tivesse nenhuma preocupação. Christian balançou a cabeça, indicando que ele não estava acreditando e Bradi encolheu os ombros. De nenhuma maneira ele iria abrir o seu coração e dizer que estava preocupado com Marisa. Ela parecia bem quando acordou esta manhã e tinha insistido em visitar Lorelei e os gêmeos recém-nascidos hoje mais tarde. Contra o seu bom senso, ele concordou em deixá-la ir.

— E que tal a notícia sobre o interesse do Stegian na Dra. Langston? — Nina perguntou, sempre indo direta ao ponto.

Christian se inclinou para frente e bateu com a mão na mesa. — Nina, é assim tão difícil para você se referir a ela por Marisa ou mesmo Dra. Janelle? Ela é a companheira do seu irmão agora.

Nina revirou os olhos e sorriu timidamente. — Desculpa, Bradiann, eu não a quis desrespeitar.

Bradi acenou com a mão no ar dispensando todos e caminhou em direção a parede do fundo. Eles tinham estado em torno da mesa de conferências durante a maioria do dia e tinham feito poucos progressos. Eles conseguiram descobrir que a nave que trouxe o Peter tinha descido perto da fortaleza do Stegian, mas fora isso, eles estavam perdidos.

— Relaxe, — disse Christian, aparecendo ao lado dele. — Pheebs está guardando Marisa.

— Eu sei. Eu simplesmente não posso deixar de me preocupar com ela. A gravidez não está correndo como esperado.

— Eu sei. — Cristian respirou fundo e deu um tapinha nas costas de Bradi.

Nenhuma parte dele queria fazer a pergunta que tinha de ser feita em voz alta, mas ele tinha pouca escolha. Ele tinha que saber. — Ela vai viver, Christian?

— Você não está preocupado com a criança?

Bradi bateu com o punho na parede, perigosamente perto da cabeça de Christian. Todos os olhos caíram sobre ele, mas ele não se importou. — Claro que eu estou preocupado com o meu filho, mas eu não posso perder a minha companheira, a minha esposa, o meu mundo. Eu não posso perder nenhum deles!

— Poderá ser necessário tomar uma decisão, e acredito que Marisa irá escolher o bebê, Bradiainn.

— Eu sei. — Bradi abaixou a cabeça, esperando que ninguém notasse as lágrimas não derramadas nos seus olhos.

— Se ela me pedir para salvar a criança e não ela, então eu agirei de acordo com os desejos dela, velho amigo.

Bradi assentiu com a cabeça, incapaz de oferecer algo mais a Christian. Ele sabia que Christian honraria o que Marisa quisesse e sabia que ele odiava o fato de que possivelmente tivesse que escolher entre a sua esposa e o seu filho estava rapidamente se tornando uma realidade.

Fechando os olhos, Bradi fez algo que já não fazia desde que sua mãe estava viva...ele rezou. Por um momento, ele poderia ter jurado que ouviu o som de uma jovem mulher a rir. Ele conhecia a voz de Nina e não era dela.

Olhando, ele procurou na sala por sinais dela mas encontrou nenhum. — Mas o que...?

Os lábios do Christian contraíram-se. — Parece que as minhas atualizações para na interface do computador de Jacquelyn podem ter sido bem-sucedidas afinal.

— O quê? — Bradi perguntou, ainda à procura de sinais da garota.

Lorelei e Nina tinham explicado detalhadamente que Christian tinha ligado o corpo de Jacquelyn a uma máquina após ela quase ter morrido nas mãos do pai deles. Elas contaram-lhe que Jacquelyn podia aparecer na forma holográfica da idade que ela tinha quando o ataque ocorreu. Desde que ele chegou em casa, ele não tinha visto a irmã mais nova fazer algo do gênero. Não. Ele tinha passado muitos dias a vendo em seu estado vegetativo, o corpo dela numa cama,

quase irreconhecível como um humano... mais máquinas, fios, principalmente uma vida artificial do que qualquer outra coisa.

Alguma coisa tinha dado errado logo após Sevan e a sua nave terem chegado. Jacquelyn aparentemente apressou-se e salvou a vida de Lorelei e do seu futuro filho. No final, o que quer que Jacquelyn tenha feito provou ser muito desgastante para o seu corpo, a sua mente e ela fechou-se, em si mesma.

Christian tinha passado grande parte do tempo aprimorando suas máquinas, construindo novas tecnologias, que ele tinha certeza de que iriam ajudar a aliviar a tensão das antigas colocadas sobre o corpo humano de Jacquelyn. Ninguém além de Christian achava que fosse funcionar.

Ouvindo o eco fraco do riso de uma jovem mulher de novo, Bradi começou a repensar duvidar do seu amigo de infância. Se Christian tinha conseguido, mesmo que apenas um pouco, então a irmã mais nova de Bradi, que, de acordo com Nina, tinha estado presa na idade de doze anos por anos poderia agora virtualmente ter a sua idade certa.

* * * *

— Diga-me, bruxa, que notícias você tem? — Stegian perguntou: enquanto ele se aproximou de uma das suas favoritas velhas enrugadas.

Ela inclinou a cabeça e levantou os braços para cima. — Ah, eu estou sugando a força vital da criança neste momento. Cada dia eu absorvo mais e mais.

— Por que é que ele não está morto? — Ele agarrou o braço dela e empurrou-a para ele. — Eu não quero ter que te matar, mas eu faço.

Com a sua cara tão perto da dele, ele podia sentir o seu hálito estagnado. O seu estômago revirou com a visão da sua pele verde enrugada, pálida e o queixo peludo. Ela lhe deu um amplo, olhar leitoso e ele sabia que estava vendo a sua alma, ou o pouco que restava dela. — Você teme a vinda da criança. Por quê?

— Eu não temo nada.

O mau hálito dela fez subir a bílis a garganta dele e ele precisava de sangue para ajudar a melhorar. Ele entrelaçou os dedos longos em volta do pescoço dela, virou a cabeça e descendo o olhar sorriu-lhe. O seu poder verteu por ele e observou com uma satisfação doentia enquanto a pele dela puxava para trás de seus ossos. Ela gritou e tentou segurá-lo. Antes dela ser capaz deixou-a ir. O seu rosto voltou ao normal, uma verdadeira confusão enquanto ofegava. —

Mestre... Eu dreno o filho para perto da morte todos os dias, mas os poderes de cura da mãe o traz de volta.

Se o que a velha disse era verdade então esta criança nasceria não só parte werepantera, mas também com o poder de um curandeiro como nunca ninguém tinha tido.

Isso não era aceitável. Ele passou muitos anos construindo o seu império aqui para permitir que outra geração o ameaçasse. — Então devemos matar a mãe.

— Mestre, — disse Yunoc atrás dele. — Eles mantêm o complexo muito bem guardado e as mulheres são vigiadas constantemente.

CAPÍTULO CATORZE

Marisa andou lentamente na direção da casa de Lorelei e Sevan. Ela não precisava olhar para trás para saber que Pheebes a seguia. Ele a tinha seguido grande parte do dia. E sabia que ele tinha boas intenções, mas era irritante na mesma.

— Você pode ir almoçar ou qualquer coisa? — ela gritou.

— Não, jurei protegê-la e é isso que farei.

— Ótimo, mas você pode pelo menos fazer um intervalo para comer e me trazer qualquer coisa já que vai lá? Estou desejando por qualquer coisa doce que você escolha e irei comer. — Ela se virou para vê-lo aproximar-se dele.

— Por muito que eu gostasse de ajudá-la, Doutora, fui instruído para ficar com você.

— Por quem?

— Muitos nomes para listar. Posso assegurar que todos têm o seu bem-estar em mente.

Marisa não gostava da ideia de uma babá permanente, mas não podia negar que depois das histórias que tinha ouvido de Stegian, o vampiro a assustava. — Os sóis estão altos no céu, Pheebes, e você mesmo me disse que o complexo está programado o notificar de todos os lóbis suspeitos, por isso porque é que não tira um minuto para ir buscar o meu almoço? Oh, aposto que Lorelei também ficará felicíssima se alguém lhe trouxesse alguma coisa. Ela está amamentando gêmeos e precisa de todo o alimento que conseguir ter.

Pheebes pareceu meditar sobre as palavras dela. O seu olhar se direcionou para a aldeia e ela soube que o tinha na mão. Exagerando, ela passou a sua mão na sua barriga inchada. — Oh, o bebê. Aposto que ele sabe que o tio Pheebes vai fazer a mãe dele muito feliz.

— Você irá diretamente para casa da Devi?

Se Lorelei não lhe tivesse dito que os nativos a chamavam de Devi, então ela estaria perdida. — Você tem a minha palavra de que irei diretamente para a casa da Devi.

— Muito bem. Me encontrarei lá com você.

Ela expirou enquanto via Pheebes se afastar. Ela era um homem amável, bonito, mas o pensamento de o ver como sua sombra para o resto da sua vida assustava muito.

Com leveza no seu andar, ela se dirigiu para casa de Lorelei.

— Marisa.

Ela olhou em direção à cerca do complexo. Alguma coisa se mexeu nos arbustos e ela estava quase gritando quando Peter saiu de lá. As roupas dele estavam esfarrapadas e rasgadas, e o seu cabelo estava um bom pedaço mais comprido do que da última vez que o tinha visto.

— Peter?

Os olhos dele prenderam nela e sentiu como se tivesse lhe dado um soco no estômago. Segurando-se, ela cambaleou na direção dele. — Peter, pensei que tinha partido.

— Marisa, você tem que me ajudar. Tentei embarcar na minha nave e estas coisas atacaram. Elas vêm atrás de mim... me ajude, por favor.

Ela olhou para ele cuidadosamente. Parecia-lhe estranho que Peter, um homem que tinha orgulho da sua fina educação fina, não tivesse técnicas de sobrevivência suficientes para aguentar oito semanas na selva, mas ela não podia em deixá-lo cair nas mãos dos capangas de Stegian.

Correndo para o portão de segurança mais próximo, ela parou diante o ecrã de scâner para deixa-lo ver que era ela. O portão se abriu rapidamente e ela gesticulou para Peter entrar. Ele deu alguns passos na direção dela, depois caiu no chão. Instinto tomou conta e Marisa correu na direção do seu corpo caído.

Ela caiu ao lado dele tentando rolá-lo lentamente. Ele se virou e a atirou ao chão. Caindo com um baque, dor disparou pelas suas costas. — Peter?

A cabeça loira de Peter apareceu por cima dela e olhou maliciosamente para ela. Os olhos dele pareciam que a queimavam sem mais do que um olhar. Quando ele olhou sua barriga inchada, os seus olhos estreitaram em fendas. — Se levante.

Marisa abriu a sua boca para gritar por ajuda, mas parou quando sentiu algo frio e duro pressionar o seu estômago.

— Faça um som e irei cortar esta abominação do seu corpo, Marisa.

Sem saber se ele estava dizendo a verdade ou não, Marisa parou. Peter tocou no pescoço dela, a lâmina ainda na mão, e passou os seus dedos ásperos na pele dela. O toque dele costumava trazer-lhe alegria, agora fazia a sua pele arrepiar. Havia algo nele, algo diferente. Eram os olhos dele. Antes eram castanhos, agora eram cinzentos.

— Tão, suave, Marisa... sempre tão suave, — ele murmurou.

Ela não se atreveu a mexer. O que quer que tenha acontecido a Peter o deixou selvagem, indomável, assustador.

— Você virá comigo. — Quando ela não respondeu à sua ordem ele pôs a faca na sua garganta e zombou dela. — Ele prometeu que poderia ficar com você.

Quem? A pergunta estava na ponta da sua língua, mas ela sabia que deveria se calar.

Marisa enrijeceu quando ele a empurrou para cima. Querendo correr, gritar, qualquer coisa que chamasse a atenção dos aldeões, ela se virou ligeiramente, se preparando para correr.

Peter agarrou no seu cabelo e a puxou de volta para ele. A sua respiração quente atingiu seu rosto enquanto ele falava. — Estriparei você, Marisa... sabe disso. E quando os seus gritos chamarem Bradi, os outros que se escondem à minha volta irão segurá-lo e obriga-lo assistir enquanto eu corto você em pedaços, depois iremos despedaçar membro por membro. É como o Mestre deseja que seja.

O Mestre? Ela percebeu então de quem é que ele falava. — Stegian, — ela murmurou.

— Sim.

Bradi bebeu mais um gole de vinho e esfregou suas têmporas. Se eles continuassem aqui pensando seriam ficariam velhos para ir atrás de Stegian. Tudo o que ele queria fazer agora era atacar e garantir que a sua família estivesse segura.

A porta da sala de conferências se escancarou e todos os olhos foram para lá. Quando Bradi viu Pheebes ali parado sabia que algo estava errado. — O que aconteceu? É o bebê?

Pheebes ficou pálido e balançou a sua cabeça que não.

— Então fale. — comandou Christian.

— Ela desapareceu.

— Quem é que desapareceu?

— A senhora doutora. Ela tinha fome por isso fui buscar o almoço para ela, e era para ir para casa de Lorelei, mas ela nunca chegou. — disse Pheebes, baixando sua cabeça em vergonha. — Os homens leopardos estão seguindo seu rasto enquanto falamos. Não fiquei para ver o que é que encontravam. Pensei que você quisesse saber.

Bradi não conseguia mexer, não conseguia respirar. Christian agarrou seu ombro e foi tudo o que ele precisou para correr porta fora.

Marisa puxou seus pulsos para os libertar, mas as algemas não cediam. Cada vez que ela puxava, apenas apertavam mais. Os pés dela mal tocavam o chão como estavam, por isso parou de lutar. Ela fez o seu melhor para não pensar no barulho dos ratos correndo à sua volta. O barulho de botas raspando no chão chamou a sua atenção.

— Pronta para se render a mim?

Marisa não reconheceu a voz, mas tinha uma boa ideia de quem era o dono. — Eu não me renderei um centímetro, Stegian.

De repente, alguma coisa estava atrás dela, tocando-a, se esfregando contra ela. Ela segurou um grito e manteve o seu olhar em frente. Mãos frias agarraram o seu pescoço e ela sentiu unhas se enterrarem em sua pele.

— Ah, eu sei que você irá. Eu realmente sinto falta de uma mulher que tenha um gosto tão bom quando ter o meu pênis dentro dela, e você quer o meu pênis em você, não quer, Curandeira?

Ela queria perguntar como é que ele tinha aparecido atrás dela, mas não o fez. — Não.

Ele se esfregou contra as suas costas e ela sentiu a ereção se enterrar em sua pele. — A resposta à sua pergunta é magia. Sempre tive o dom, mas só quando eu me tornei naquilo que você vê agora é que realmente soube como usá-la.

— Hmm, não vi nada, Stegian, — disse Marisa, chocada por ter deixado escapar aquilo.

Uma gargalhada fria soou atrás dela e ela tremeu. — Estou vendo porque é que o filho de Raiden gosta de você.

Stegian a rodeou lentamente, mas ela não levantou a sua cabeça para o olhar. Em vez disso, deixou as suas pálpebras vibrarem fechadas. — Você acredita que sou medonho, não acredita?

Marisa com pouco interesse em mentir para o homem. — Não faço ideia de como você é, mas ouvi as coisas que você tem feito e esses são crimes hediondos que são imperdoáveis.

Ele agarrou no queixo dela e ela sentiu a mão dele aquecer um pouco com o toque. — Olhe para mim, Curandeira. Deixe-me ver a mim mesmo através dos seus olhos.

— Nãoooo.

Ele apertou mais sua mão nela. — Olhe.

Havia um certo impulso na sua voz que ela não podia ignorar mais. Abrindo os seus olhos lentamente, olhando para ele. No princípio ela pensou que fosse um truque – outro uso da sua magia, porque o homem que viu não era hediondo. De facto, ele estava longe disso. O seu longo cabelo castanho estava puxado firmemente para longe do seu rosto não tendo nada cobrindo a sua testa alta, maxilar forte, e olhos cinzentos. Ele era alto, mais alto do que ela pensava que ele seria e muito mais volumoso também. Porque assumiu que ele seria um monstro magro hediondo com escamas estava para além dela, mas ele estava bem longe disso o que o fez ainda mais assustador.

O seu lábio puxou para um sorriso. — Fico feliz por saber que você me acha atraente, Curandeira. A maioria me teme tanto que não se atreve a me olhar no rosto por medo que eu capture as suas mentes apenas com um olhar.

— Você pode fazer isso? — perguntou Marisa, com medo poder sucumbir a ele.

— Com a maioria, sim, mas não com você.

— Porquê?

Ele riu. — Isso eu não sei, mas acho intrigante.

— Porque é que você faz isso?

Ele chegou mais perto dela e tocou seu rosto levemente. — Porque é que eu faço o quê?

— Porque é que você ataca os Shamenians?

Stegian se dobrou e Marisa prendeu a respiração enquanto os lábios dele chegavam ao seu rosto. Ele passou a sua língua fria pela pele dela antes de a presentear com um sorriso estranhamente branco. — Porque posso.

— Essa é uma resposta madura.

Ele agarrou a parte de trás do cabelo dela e puxou a sua cabeça para trás. — Você se atreve a me responder?

Alguém deveria, ela pensou para com ela mesma.

Ele bateu na têmpora dela levemente e sorriu. — Eu consigo ouvi-la.

Ótimo, fantástico, psicopata, e leitor de mentes.

— Gosto de você, Curandeira, e eu não costumo gostar de ninguém.

— Gosta o suficiente de mim para me libertar?

— Quem me dera pudesse, mas você veja, preciso eliminar a linhagem Raiden, e a forma mais rápida de fazer isso é mantê-la aqui, até Brandiainn chegar, matá-lo, e depois receio que a terei que matar também.

— Não! — alguém gritou.

Stegian se virou e depois olhou para ela de novo. — Parece que você tem um admirador bastante corajoso.

— Você prometeu que poderia ficar com ela.

— Peter? — perguntou Marisa.

Peter se moveu na sua direção e parecia bebê-la. Era muito enervante e muito pouco parecido com Peter.

— O que é que você fez com ele?

Stegian riu e deu de ombros. — Quando ele aterrissou perto de minha casa, eu o cumprimentei como um convidado de honra. Quando ele voltou da sua visita com você enraivecido, eu o ajudei a libertar-se das suas inibições.

— Significando, que se ele quiser fode-la como um cão então fará. — disse Stegian. Marisa ficou tensa com as suas palavras e olhou para Peter. — Posso consigo pará-lo, Curandeira. Eu o controlo agora. Tudo o que você tem de fazer é concordar em me ajudar e não o deixarei machucá-la.

— Pff, você disse que me iria matar. Nossa, se lembre das suas promessas antes de fazer promessas.

Stegian baixou a boca sobre a dela e ela apertou os lábios para dentro, não querendo o beijo. Ele não pareceu se importar. Apertando as bochechas dela com força, os lábios dela saltaram para fora. Os lábios frios dele pressionaram a boca dela. A língua dele entrou na sua boca e considerou morde-la. Ele aumentou o seu aperto nas suas bochechas e soube que ele estava lendo seus pensamentos.

Como é que um homem com essa aparência poderia ter se tornado tão violento estava além dela. Era claro pelas ações dele contra os Shamenians que ele não tinha redenção. Parecia uma vergonha, porque os seus dons sempre lhe tinham dado a capacidade de sentir outros como a si mesma, curandeiros, e ela sentiu isso nele. Ele tinha o dom de restaurar a vida, mas em vez disso tinha decidido tirá-la – quantas vezes tivesse a oportunidade.

Stegian deixou cair a mão do rosto dela e se afastou dela. Ele limpou a sua boca e deixou o seu dedo repousar sobre o seu lábio. — Os seus poderes são fortes para ser capaz de me persuadir facilmente.

— Persuadi-lo? Eu não pedi para você me beijar. — Ela queria bater nele, mas as suas mãos atadas impediu. O sangue já tinha secado, as suas mãos estavam agora dormentes.

Peter chegou mais perto e olhou com intenção de tocá-la. A mão de Stegian disparou e agarrou Peter pela garganta. — Não toque nela.

— Ela é minha.

— Não, ela não é.

— Você disse que queria o bebê morto e que eu poderia tê-la! — cuspiu Peter.

Stegian o atirou, arremessando contra a parede. Marisa fechou bem os seus olhos, não querendo ver o que é que Stegian lhe ia fazer agora. — Eu... lamento, — ele parecia se engasgar nas suas palavras, como se ele nunca tivesse falado amavelmente a uma alma em sua vida, — ter de fazer isto, Curandeira, mas não posso permitir que a criança sobreviva.

Marisa engoliu um soluço e olhou apenas para ele.

— Bruxa.

Houve uma luz brilhante e uma mulher velha apareceu diante deles. — Sim, Mestre? — Os olhos dela pareciam cobertos com uma película branca, no entanto eles se fixaram em Marisa. — Oh, você trouxe a criança para mais perto de mim para eu drenar.

— Drenar? — perguntou Marisa.

O rosto de Stegian caiu. — Faça o que tiver que fazer, Bruxa. — Com isso, ele saiu disparado da sala.

Marisa encontrou-se querendo chamá-lo de volta. Era estranho que o líder do mal tinha parecido menos ameaçador para ela do que a velha mulher e Peter. Olhando por cima do ombro, ela viu Peter se levantar. Os olhos dele prenderam nela enquanto limpava o sangue da boca.

Calor emanou da sua barriga e chamou a atenção de Marisa de volta para a mulher velha. A mulher estava em pé de mãos esticadas, entoando alguma coisa suavemente. Cãibras rasgaram através do corpo de Marisa e ela gritou.

Peter empurrou o seu corpo contra as costas dela, e ela sentiu a sua ereção. Levantando o seu vestido no ar, ele puxou os lábios dela para ele.

— Por favor, Peter, pare isto. Pare ela... ela está machucando o bebê,— Marisa gritou quando dor disparava pelo seu corpo.

— Não, — disse Peter, a sua voz dura. — Ela está tirando essa abominação de você. — Ele agarrou seus quadris e esfregou seu corpo no dela. Os olhos da bruxa se acenderam como fogo e uma luz laranja disparou dela para a barriga de Marisa.

Marisa gritou enquanto seu estômago contraiu. Um rugido alto chamou a atenção dela enquanto o peso do corpo de Peter era arrancado dela. Ondas de cabelo louro se derramaram à sua volta e ela olhou para cima para ver Christian à sua frente. Ela tentou perguntar onde estava Bradi, mas quando ouviu outro rugido soube.

Christian soltou seus pulsos e a segurou quando ela caiu para a frente. Ela se agarrou aos seus braços, e gritou quando outra contração veio. — A bruxa... ela está fazendo isto.

— Sevan, pare a bruxa!

Bradi se afastou do corpo mole de Peter e se focou na mulher velha diante dele. Ele viu enquanto Sevan a atacava, a sua espada desembainhada. A bruxa riu e estendeu uma mão para ele. O corpo de Sevan voou pelo ar e Jordan fez uma mudança parcial, apanhando o seu irmão antes de embater no chão. A bruxa se virou e olhou para Christian. Ela levantou sua mão e Bradi saltou para a ação, apanhando a espada de Sevan e descendo-a rapidamente. O braço da bruxa foi arrancado. Ela gritou, mas Bradi não parou o seu ataque. Ela era a razão do seu bebê ter sofrido.

Com uma patada, ele deu a volta com a espada e a enterrou nela, enterrando efetivamente até ao cabo. Ele puxou a espada e se voltou para Christian. Ele segurou o corpo inerte de Marisa nos seus braços.

— Ela está morrendo, — disse Christian, suavemente.

Jorddan e Sevan se aproximaram dele. O rosto de Jordan dizia tudo. Ele tinha certeza que Marisa estava morrendo também. — Vamos levá-la para casa.

Bradi pegou na sua esposa nos seus braços e respirou fundo. Ela estava tão fraca, tão diferente de antes. Christian tocou na sua testa e os seus olhos fecharam lentamente.

— Obrigado, — disse Bradi, sabendo que Christian tinha aliviado a dor de Marisa.

EPÍLOGO

Bradi se sentou com a sua cabeça baixa, e medo de se mover. A vida dele tinha mudado tanto em poucos meses. O barulho de uma cadeira se movendo atrás dele chamou a sua atenção. Ele se voltou e sorriu enquanto Christian se sentava.

— Como é que ela está? — perguntou Christian.

— Me diga você. Parece que ela não melhorou nada na última semana. Como é que isso pode ser? — Bradi olhou para Marisa e tocou gentilmente em sua bochecha. Ele não se tinha mexido desde que a tinham trazido para casa e todos estavam fazendo o seu melhor para ficar fora do caminho dele.

— Ela está apenas descansando porque eu a mantenho assim. — Christian expirou. Era claro que o Shaman se importava com Marisa. Como deveria ser.

— Eu sei.

— Ela viverá e será capaz de ter mais filhos.

Os olhos de Marisa se abriram e ela olhou de Bradi para Christian. Bradi se levantou rapidamente e tocou na sua testa. Já não tinha febre. Ele olhou para Christian com os olhos muito abertos, aliviado por ela ter acordado, mas com medo de que alguma coisa estivesse errada. — Pensei que você tinha feito ela descansar.

— Fiz. — Disse Christian, parecendo tão chocado com Marisa acordando como Bradi estava. Era raro Christian ser apanhado desprevenido com alguma coisa relacionada com medicina ou cura. Ele era um perito. Um homem nascido para a arte.

O olhar de Marisa foi para o seu estômago e Bradi viu a dor nos seus olhos. A sua respiração falhou. — Oh deuses... não... Bradi, não.

— Shh, Doutora, está tudo bem. Está tudo bem.

A cabeça dela balançou violentamente. — Não, não está tudo bem. O bebê?

— Nina! — Bradi chamou, precisando acalmar sua mulher, mas querendo arrancá-la da cama para um abraço. Deuses como sentia a sua falta.

A porta do quarto abriu e ele viu sua irmã antes mesmo antes dela responder. — Traga meu filho. Está na hora dele conhecer a sua mamãe.

Marisa tapou sua boca e cada lágrima que ela derramou perfurou seu coração. — Você não ficou com ele... ficou?

Bradi ficou chocado com a pergunta dela. — Claro que fiquei com ele. Ele é meu filho – nosso filho!

Nina voltou a entrar no quarto e Bradi se virou para a vê-la carregar o bebê bem embrulhado num cobertor azul. Orgulho o encheu, tal como acontecia sempre que olhava para o seu filho. — Aqui está ele, — disse ela, entregando a criança a Bradi.

Ele pegou gentilmente seu filho e olhou para os seus olhos. — Ele tem seus olhos e o meu cabelo.

Marisa se sentou na cama, mas depois se afastou dele, parecendo hesitante. Como se ela não quisesse aceitar o que estava diante dos seus olhos. — Está vivo?

— Claro que está vivo, Doutora. O que... oh, querida, você pensou que eu tinha ficado com ele e que ele... oh, docinho, não. Ele é perfeito. — Bradi se sentou na beira da cama e segurou o bebê para que pudesse vê-lo. — Ele não está apenas vivo, mas saudável e neste momento, dormindo.

Marisa soltou um pequeno soluço e estendeu os braços para o bebê. — Mas como? Era muito cedo e ele estava sob tanto estresse.

Christian limou sua garganta. — Me desculpe, sei que este é um momento de vocês dois, mas penso que sou capaz de esclarecer isto para Marisa. — Bradi acenou com sua cabeça. — Foi o seu poder curativo quando a trouxemos de volta com a gente. Primeiro pensamos que você estava morrendo, mas depois que começou a brilhar reparamos que você não estava apenas ótima, mas tinha salvo o bebê. E no processo, antes de ser retirado do seu ventre, fortaleceu o seu coração e pulmões. Ele é parte metamorfo por isso ele é naturalmente mais forte que um bebê humano normal, mas Marisa, o que quer que você tenha feito o deixou um menino perfeitamente saudável. Estava agora mesmo dizendo a Bradi que não consigo encontrar nenhuma evidência de cicatrizes no seu útero e você deverá ser capaz de ter muitos mais filhos. Agora que a bruxa está morta, eles não poderão drenar suas forças vitais.

Bradi viu os olhos da sua mulher se iluminarem enquanto segurava o filho deles e ele apertou ambos no seu abraço. — Nós não tínhamos a certeza se você iria acordar. Você não mostrava nenhum sinal de acordar.

Marisa pressionou seus lábios do dele e ele os sentiu a tremer. — Amo tanto você, não podia ir para onde você não estava.

— Também amo você. — Bradi tocou na sua bochecha e olhou para o bebê. — E a você também, pequenino.

— Ele tem um nome? — perguntou Marisa, lágrimas correndo em seu rosto.

— Não, queria que você lhe desse o nome.

Ela sorriu. — Gostaria de o chamar de Eli Bradiainn Janelle.

— Eli?

Marisa pareceu magoada. — Você não gosta?

Bradi balançou sua cabeça. — Não, é um bom nome. Só me perguntou o que fez você escolher.

Ela riu. — Oh, é em honra da primeira coisa que me deu as boas-vindas ao seu planeta. Uma enguia gigante.

— Enguia gigante? Onde? — perguntou Christian.

— No mar vermelho em que caímos, — disse Marisa, segurando o filho deles com força ao seu peito, onde ele pertencia.

— Interessante. Sempre pensei que fosse um mito. Você se lembra quando os nossos pais nos contavam sobre os antigos guardiões das águas? Aqueles que protegiam os inocentes?

— Sim, eles diziam que era uma... enguia, — disse Bradi, espantado por Marisa a ter visto. O riso cresceu dentro dele e não teve escolha a não ser deixá-lo sair. — Eli é o nome perfeito para o nosso filho. Se ele for parecido com a mãe se tornará numa lenda também.

FIM